IPHAN

{Ritual Yakwa do Povo Enawene Nawe}



DOSSIÊ IPHAN 18

{Ritual Yaokwa do Povo Enawene Nawe}



DOSSIÊ IPHAN 18

{Ritual Yaokwa do Povo Enawene Nawe}



Maihia iniraha, maihia anini
Maihia iniraha, akote kawe,
akote iula Yakairiti.
Maihia iniraha tota Enawene
Nawe waini
Sem música, sem comida,
Sem música, haveria
muita dor, muita doença,
os Yakairiti ficariam enfurecidos
Sem a música todos os
Enawene Nawe morreriam

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Temer

MINISTRO DA CULTURA
Sérgio Sá Leitão

PRESIDENTA DO IPHAN
Kátia Santos Bogéa

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Marcelo José Santos de Brito

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Marcos José Silva Rêgo

DIRETOR DO PAC DE CIDADES HISTÓRICAS
Robson Antônio de Almeida

SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO MATO GROSSO
Amélia Hirata

Departamento de Patrimônio Imaterial

COORDENAÇÃO-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO
Deyvesson Israel Gusmão

COORDENAÇÃO-GERAL DE PROMOÇÃO E SUSTENTABILIDADE
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

COORDENAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante

COORDENAÇÃO DE REGISTRO
Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

COORDENAÇÃO DE APOIO À SUSTENTABILIDADE
Natália Guerra Brayner

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR – CNFCP
Claudia Márcia Ferreira

Instrução Técnica do Processo de Registro do Ritual Yaokwa do Povo Enawene Nawe

Supervisão técnica

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Sílvia Ferreira Guimarães

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM MATO GROSSO
Emanuel Oliveira Braga

Equipe técnica de produção do dossiê

PRIMEIRA ETAPA – INSTRUÇÃO TÉCNICA
Andrea Jakubaszko (Coordenação)
Ana Paula Ratto de Lima Rogers
José Maria Andrade

SEGUNDA ETAPA – REGISTRO AUDIOVISUAL
Vincent Carelli
Fausto Martins Campoli
Altair Paixão
Tiago Campos Torres
Leonardo Sette
Olívia Sabino
Juliana de Almeida

TEXTO
Andrea Jakubaszko

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL – DPI/IPHAN
SEPS Quadra 713/913, Bloco D,
Edifício IPHAN, 4º andar
CEP 70.390-135 Brasília – DF
Telefone: (061) 2024-5401
E-mail: dpi@iphan.gov.br

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL

Edição do Dossiê Interpretativo

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO
Yêda Barbosa
Diego Simas

EDIÇÃO DE TEXTO E COPIDESQUE
Juliana de Almeida

REVISÃO DE TEXTO
Mônica Salmito Noleto

PESQUISADORES
Andrea Jakubaszko (Coordenação)
Ana Paula Ratto de Lima Rodgers
José Maria Andrade

EQUIPE DE DOCUMENTAÇÃO
Vincent Carelli (Direção, Roteiro e Fotografia)
Fausto Martins Campoli (Direção e Roteiro)
Altair Paixão (Cinegrafista)
Tiago Campos Torres (Cinegrafista)
Leonardo Sette (Edição)
Olívia Sabino (Produção)
Juliana de Almeida (Tradução/Produção)

FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES
Marikerose'ene Kairole
Alowalikase Anihiare
José Maria Andrade
Kamerose'ene Kairole
Arquivo OPAN
Ameiro Kaholase
Ana Paula de Lima Rodgers
Ataina'ene Kairole
Edison Rodrigues de Souza/Arquivo OPAN
Emanuel Oliveira Braga
Eric Dessons/Greenpeace
Fausto Martins Campoli/ Arquivo OPAN
José Medeiros/IPHAN
Juliana de Almeida/Arquivo OPAN
Kristian Bengtson
Marcus Malthe/Greenpeace
Plácido Costa Junior/Arquivo OPAN
Pedro Rodrigues/Índio Presente
Rodrigo Petrella/IPHAN

PROJETO GRÁFICO
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Avellar e Duarte

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS
Associação Indígena Enawene Nawe
Operação Amazônia Nativa
Vídeo nas Aldeias

AGRADECIMENTOS
Associação Indígena Enawene Nawe
Coordenação Regional do Nordeste de Matro Grosso – Funai
Equipe do Projeto Enawene Nawe/OPAN
Equipe do Polo-Base Brasnorte de atendimento à saúde indígena
Survival International

Registro do Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe

Processo nº 01450.11160/2006-42

PROPONENTE
Povo Indígena Enawene Nawe
Operação Amazônia Nativa (OPAN)

DADOS DO PROCESSO
Pedido de registro aprovado na 65ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 02 de novembro de 2010.
Inscrição no Livro de Registro das Celebrações (folha 04) em 08 de novembro de 2010.

CAPA
JOVEM PARAMENTADO PARA O RITUAL *YAOKWA* (2008).
FOTO: EMANUEL OLIVEIRA BRAGA, 2008.

PÁGINA 2
RITUAL *YAOKWA* AMANHECENDO NO PÁTIO DA ALDEIA.
FOTO: MARCUS MALTHE, GREENPEACE, 2006.

PÁGINA 4
FLAUTAS ARMAZENADAS NO INTERIOR DA CASA DO *YAOKWA*.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.

PÁGINA 8
O XAMÃ OLODORI'ATOKWE ENSAIANDO TOQUES DE FLAUTA.
FOTO: JOSÉ MEDEIROS – IPHAN, 2009.



SUMÁRIO

10 **APRESENTAÇÃO**

12 **INTRODUÇÃO**

17 **A POÉTICA DO ESPAÇO - A PAISAGEM CULTURAL**
17 Território, ancestralidade, ecologia e ritual
31 A aldeia e o lugar dos *harekare*
41 A casa enawene nawe
47 A casa do *Yaokwa*
52 As Barragens: lugar de pescadores

66 A Ciência dos Caminhos: os cantadores e as coreografias

74 **O RITMO DO TEMPO**
75 As Estações Rituais
88 As fases da vida e a transmissão dos conhecimentos
95 A Formação dos Cantadores: Kote e a Casa do *Yaokwa*

102 **O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO**
103 O Ritual *Yaokwa* como Patrimônio Cultural do Brasil

109 Histórico da Atuação Política dos Enawene Nawe
117 Focos de proteção para salvaguarda do Ritual *Yaokwa*

122 **RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA**

127 **FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

ANEXOS
130 Anexo 1 – Parecer do Relator
139 Anexo 2 – Certidão de Registro



APRESENTAÇÃO

ANAORI KAWEKWARESE,
MESTRE DE CANTOS.
FOTO:RODRIGO PETRELLA – IPHAN,
2008.

A *Coleção Dossiê dos Bens Culturais* Registrados destina-se a tornar amplamente conhecidos e valorizados como Patrimônio Cultural do Brasil os bens de natureza imaterial Registrados pelo Iphan.

O Registro foi instituído a partir do Decreto nº 3.551/2000, que também criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Ele é realizado pela inscrição dos bens em algum dos quatro Livros do Registro: das Celebrações, dos Lugares, das Formas de Expressão e dos Saberes. Os Dossiês publicados têm por base os estudos que fundamentaram o Registro do Bem Cultural e refletem as etapas de pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio.

A divulgação dos processos de Registro e dos resultados do trabalho institucional contribui para o reconhecimento desse patrimônio pela sociedade brasileira e favorece condições de sua permanência. São apresentados nos Dossiês elementos que definem a identidade dos detentores dos bens culturais e dos grupos sociais envolvidos em sua realização, seu universo de ocorrência, e as práticas e saberes a eles inerentes.

O 19º volume desta Coleção traz o Registro do R*itual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe*, inscrito no Livro de Registro de Celebrações. Os Enawene Nawe, de língua Aruak, possuem território tradicional e Terra Indígena na região noroeste do estado de Mato Grosso.

O Ritual Yaokwa, um ritual de pesca com duração de sete meses, é um caso exemplar de integração de complexas relações de ordem simbólica e articula domínios distintos, porém indissociáveis e interdependentes da sociedade, da cultura e da natureza. O Yaokwa é parte de uma imbricada rede de rituais que performatizam a cosmologia dos Enawene Nawe, sua relação com o mundo material e transcendental.

O reconhecimento do Ritual Yaokwa como Patrimônio Cultural do Brasil é a demonstração do respeito à cosmologia dos Enawene Nawe e ao seu modo de viver. Sua ampla divulgação e promoção pretende apresentar para a sociedade em geral a importância da preservação ambiental e cultural para a manutenção da rica diversidade cultural de nossa Nação. ■

Kátia Santos Bogéa
Presidente do Iphan



INTRODUÇÃO

RITUAL *YAOKWA*.
FOTO: MARCUS MALTHE - GREENPEACE, 2006.

O *Yaokwa* é um ritual realizado anualmente pelo Povo Enawene Nawe, que articula domínios distintos, porém, indissociáveis e interdependentes da sociedade, da cultura e da natureza. O *Yaokwa* está orientado pela cosmologia – visão de mundo – dos Enawene Nawe e regulado pelos ciclos próprios da natureza por meio de um calendário socioeconômico que integra complexas relações de ordem simbólica. Ao mesmo tempo, o *Yaokwa* se inscreve no cotidiano, nos sentidos de pertencimento e enraizamento desse povo que expressa na execução desse rito suas concepções sobre si e sobre os outros – os termos de sua identidade – vinculados à memória, aos mitos e ao lugar privilegiado que o canto, o sopro (flautas) e a música ocupam nessa operação.

Essa complexa dramaturgia está composta por uma sequência de rituais em que o *Yaokwa* é o mais extenso, dura aproximadamente sete meses, impõe o envolvimento efetivo de toda a sociedade Enawene Nawe em suas execuções e constitui o eixo fundamental de seu patrimônio cultural, *um signo da sua identidade como Povo*. Por essas razões, o *Yaokwa* foi eleito como objeto desse Dossiê de Registro.

A salvaguarda do *Yaokwa* está diretamente relacionada à proteção e valorização dos processos e recursos envolvidos na materialização desse rito, o que significa, em última instância, que a especificidade da cultura Enawene Nawe estaria aí, como um todo, contemplada. Vale destacar que, contemporaneamente, muita ênfase tem sido dada, principalmente pela mídia, à importância de ações voltadas à preservação do meio ambiente e à proteção de espécies ameaçadas de extinção, no entanto, é preciso compreender que essa biodiversidade depende diretamente das sociedades humanas, pois, ela é também um produto da interação homem-natureza. Assim, se quisermos promover uma efetiva sustentabilidade é necessário e imprescindível que reconheçamos, em primeiro plano, o papel definitivo que a diversidade de sociedades (sociodiversidade) desempenha na manutenção e reprodução da biodiversidade.

Os Enawene Nawe, falantes de uma língua da família Aruak-Maipure, ocupam tradicionalmente o Vale do Juruena, em Mato Grosso. Esse povo luta, dia a dia, pela valorização e reconhecimento do direito,

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
ENAWENERO COLHENDO MANDIOCA.
FOTO: FAUSTO MARTINS. CAMPOLI – OPAN, 1991.

PANORÂMICA DA ALDEIA HALATAIKIWA (2007).
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2007.



que lhes é constitucionalmente assegurado, de vivenciarem suas tradições, sua língua e seus modos de ser e estar no mundo, cotidianamente ameaçados por pressões ambientais, econômicas, territoriais e políticas.

As sociedades tradicionais, incluindo os Enawene Nawe, não fragmentam a vida em diferentes setores como o trabalho, o lazer, a economia, a religião. Ao contrário, as dimensões da vida estão todas integradas compondo um universo vasto e profundo resultante de uma construção histórica que é transmitida há muitas e muitas gerações. Sendo assim, a trama da vida cotidiana é tão interligada que, ao destacarmos um aspecto qualquer, estamos automaticamente trazendo em cena todos os outros, pois, se dispõem como um tecido, cujos fios não se separam.

Nesse sentido, o Ritual *Yaokwa* como objeto de pesquisa para seu Registro como Patrimônio Cultural implicou, contudo, em selecionar um foco e operar recortes nessa trama tão entrelaçada na intenção de evidenciar como esse ritual é um componente vital para o universo da cultura Enawene Nawe.

A pesquisa que subsidiou a elaboração do Dossiê de Registro foi desenvolvida ao longo de 2008 e concentrou-se em três dimensões: a *cultura material* envolvida na realização do ritual, com destaque para o conjunto arquitetônico (especialmente barragens de pesca e Casa das Flautas); os *processos de transmissão dos conhecimentos* em torno da continuidade dessa prática; e algumas *músicas e mitos* que a sustentam.

Cada dimensão do estudo esteve a cargo de um pesquisador específico. A equipe de pesquisa, coordenada pela antropóloga Andrea Jakubaszko, foi composta também pela antropóloga e etnomusicóloga, Ana Paula Ratto de Lima Rodgers e pelo arquiteto, José Maria Andrade.

Este trabalho contou com a participação direta dos Enawene Nawe em todas as etapas, tendo sido eles os *protagonistas* do processo, sobretudo na discussão acerca do Plano de Salvaguarda e na finalização do Dossiê.

A estrutura do Dossiê apresenta uma configuração em que as leituras dos pesquisadores se fundem num conjunto que se desdobra em dois eixos de exposição: *A poética do espaço e o Ritmo do Tempo*, inserindo nesse cruzamento, o *Yaokwa*.

Vale ressaltar que a perspectiva deste trabalho não foi a de produzir uma etnografia exaustiva,



mas, sim, de apresentar a um público mais amplo e heterogêneo *outras* formas compartilhadas conosco nesse presente de pensar, fazer e viver a vida, formas que por si manifestam as tantas possibilidades de ser dos humanos por meio dos códigos diversos das culturas. A produção desse Registro fundamenta-se ainda na sistematização bibliográfica dos estudos e etnografias já produzidos acerca da Sociedade e do Povo Enawene Nawe. Os títulos consultados estão nas referências bibliográficas ao fim do Dossiê.

A etapa de documentação (registro audiovisual), realizada com o apoio da ONG Vídeo nas Aldeias, resultou na elaboração do vídeo "*Yaokwa*: Um patrimônio ameaçado".

O Ritual *Yaokwa* do Povo Enawene Nawe foi inscrito no Livro das Celebrações (folha 04) em 08 de novembro de 2010, após a aprovação de sua candidatura durante a 65ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 02 de novembro deste mesmo ano. Em 2011, este bem foi também incluído na *Lista do Patrimônio Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente* pela UNESCO. ■

A POÉTICA DO ESPAÇO – A PAISAGEM CULTURAL



TERRITÓRIO, ANCESTRALIDADE, ECOLOGIA E RITUAL



CASA DO *YAOKWA*.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.

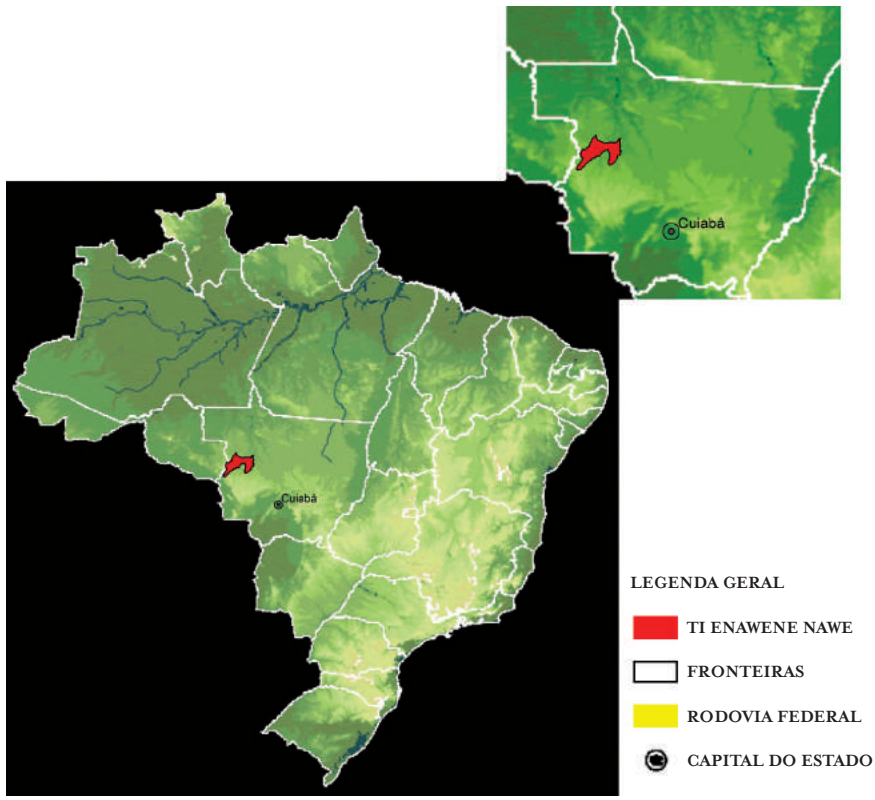
Os Enawene Nawe são, atualmente, uma população em torno de 700 indivíduos que vivem em uma única aldeia.
Conta-se que, no passado, eram muito numerosos e viviam por diversos aldeamentos ocupando um vasto território que se estendia por todo o rio Juruena. Em função de guerras, ataques, catástrofes, foram se dispersando e constituindo uma nova configuração na distribuição dessa população outrora densa e assentada em outros padrões de organização. Reconhecem dessa forma, o rio Papagaio, o rio Preto e o Juína Mirim, no Vale do Juruena e adjacências, como seu território de ocupação tradicional.

A Terra Indígena Enawene Nawe corresponde hoje a uma área de 742.088 hectares, homologada e registrada, localizada numa região de transição entre o cerrado e a floresta Amazônica. A sobreposição entre essas paisagens produz ambientes caracterizados por uma diversidade em que coabitam tanto espécies na fauna e flora presentes no cerrado e na floresta, quanto outras, próprias a esse ecossistema de transição (endêmicas) formando, desse modo, um sem número de micro-habitats. A importância dessa região é ainda evidenciada por uma ampla bacia hidrográfica que desemboca no Amazonas e na sua foz, na costa leste do Brasil.

Circunvizinhos a Terra Indígena Enawene Nawe estão os Povos Nambiquara, Myky, Rikbaktsa e Cinta Larga. Esses povos, que habitam o Vale do Juruena, encontram-se nas proximidades dos municípios de Juína, Sapezal, Comodoro, Campo Novo dos Paresis e Brasnorte, entre outros municípios de origem recente.

Foi apenas a partir da década de 1970 que a ocupação na região se intensificou, com a abertura de estradas e o asfaltamento da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), motivada por contextos extrativistas – seringa, minério e madeira – promovendo uma rápida transformação na paisagem, hoje tornada um polo agropecuário.

A demarcação de Terras Indígenas, ao mesmo tempo em que oferece garantias quanto ao direito de usufruto dos territórios de ocupação tradicional, define um debate, conhecido por aqueles que estão mais diretamente envolvidos com a questão indígena, que diz respeito à problemática de encerrar essas populações em reservas delimitadas, tornando-as ilhas diante da pressão dos modelos de ocupação do entorno e restringindo a circulação de povos que só conheciam



ESQUERDA
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA ENAWENE NAWE NO BRASIL E EM MATO GROSSO.
IMAGEM: LUCAS PIETRO BRITO, 2014.

DIREITA
DETALHE DE IMAGEM EM SATÉLITE COM A LOCALIZAÇÃO DA TERRA INDÍGENA ENAWENE NAWE EM MATO GROSSO.

fronteiras intransponíveis quando em períodos de conflitos e guerra. Assim, entre as várias etnias que habitavam extensas regiões, *a troca*, não a posse, era (e continua sendo) o princípio básico de regulação das relações sociais.

Para esses povos, a posse da terra, e de tudo quanto ela pode nos oferecer, não cabe propriamente ao domínio dos humanos, eles a reconhecem como território na medida em que esses espaços definem pertenças fundadas em uma ancestralidade remota que, desde há muito tempo, se enraizaram na interação sistemática, realizada pelas sucessivas gerações, com os lugares e paisagens sobre as quais se constituíram como Povo e como Sociedade. Assim, são Eles que pertencem à Terra, e ela, por sua vez, pertence ao domínio de seus antepassados, ancestrais míticos e dos seres – espirituais – que lhe dão vida e significados.

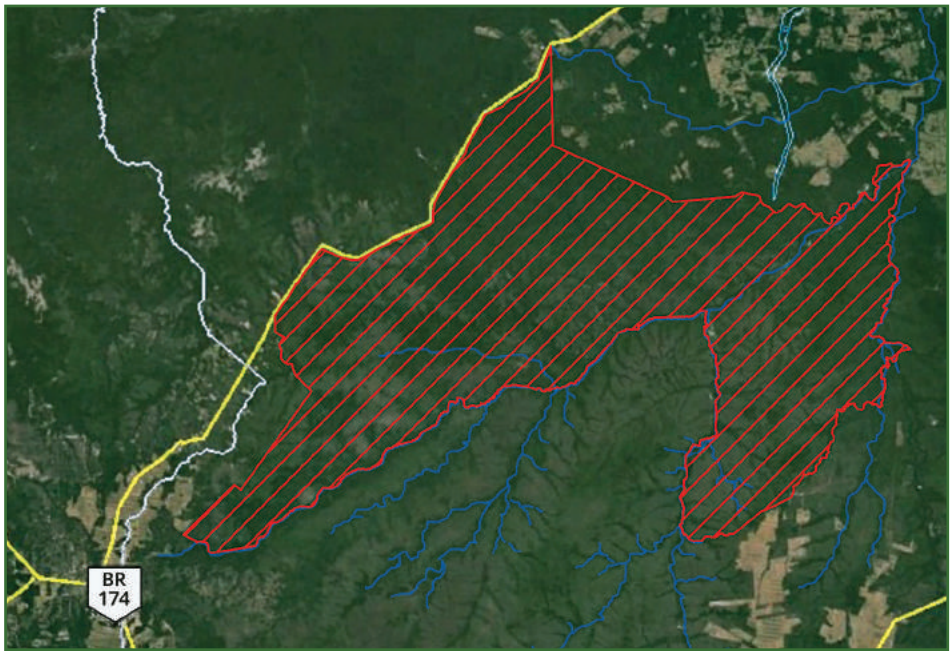
Para manter a ordem – ao mesmo tempo social e cósmica, pois são indissociáveis – os Enawene Nawe precisam se relacionar com a Terra observando constantemente diversas regras para sua utilização e manejo. Essas regras estão fundadas em valores e princípios éticos e ecológicos, nas experiências e saberes acumulados ao longo do tempo. Como os recursos disponibilizados pela terra não lhes pertencem, todo cuidado é pouco.

Na visão Enawene Nawe, *Yakairiti* corresponde ao nome genérico dado a uma legião de espíritos que são os donos da maioria dos recursos naturais. O buriti e o açaí, por exemplo, espécies vegetais utilizadas em larga escala pelos Enawene Nawe como base das construções arquitetônicas, das indumentárias rituais e da confecção de artefatos diversos, são de domínio desses seres. Os *Yakairiti* podem aparecer metamorfoseados em onças, animais peçonhentos, monstros aquáticos e são extremamente perigosos. Se contrariados, lançam aos Enawene Nawe toda sorte de

infortúnios – doenças, epidemias, colheitas e pescas fracassadas, morte. São, ainda, regentes dos principais cultivos, a *mandioca* e o *milho*, plantados nas roças do *Yaokwa* (bem como do feijão, amendoim), e donos dos *peixes*.

Todos estes *alimentos cerimoniais* são imprescindíveis à realização do ritual *Yaokwa*.

Dizem os Enawene Nawe, que os *Yakairiti* são muito preguiçosos, lamuriosos, seres disformes e fétidos que estão condenados a viver com uma fome intensa e insaciável. Desse modo, como não sabem preparar seu próprio alimento, precisam dos Enawene Nawe para saciar seu apetite voraz. O alimento que mais desejam, além dos bijus, sopas e mingaus de milho, mandioca e peixe, é o sal.



A fabricação do sal pelos Enawene Nawe constitui uma, entre as tantas técnicas e saberes que desenvolveram com base nas práticas de manejo, do conhecimento do ecossistema que habitam e da domesticação, processamento e utilização de tantos recursos que configuram a biodiversidade da região.

Os Enawene Nawe são, atualmente, uma população em torno de 700 indivíduos que vivem em uma única aldeia. Conta-se que, no passado, eram muito numerosos e viviam por diversos aldeamentos ocupando um vasto

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
IMAGEM AÉREA DO RIO IQUÊ, AFLUENTE DO RIO JURUENA. FOTO: ERIC DESSONS – GREENPEACE, 2007.

ANFITRIÃO OFERECENDO SAL PARA O YAOKWA. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.



território que se estendia por todo o rio Juruena. Em função de guerras, ataques, catástrofes, foram se dispersando e constituindo uma nova configuração na distribuição dessa população outrora densa e assentada em outros padrões de organização. Reconhecem dessa forma, o rio Papagaio, o rio Preto e o Juína Mirim, no Vale do Juruena e adjacências, como seu território de ocupação tradicional.

A Terra Indígena Enawene Nawe corresponde hoje a uma área de 742.088 hectares, homologada e registrada, localizada numa região de transição entre o cerrado e a floresta Amazônica. A sobreposição entre essas paisagens produz ambientes caracterizados por uma diversidade em que coabitam tanto espécies na fauna e flora presentes no cerrado e na floresta, quanto outras, próprias a esse ecossistema de transição (endêmicas) formando, desse modo, um sem número de micro-habitats. A importância dessa região é ainda evidenciada por uma ampla bacia hidrográfica que desemboca no Amazonas e na sua foz, na costa leste do Brasil.

Circunvizinhos a Terra Indígena Enawene Nawe estão os Povos Nambiquara, Myky, Rikbaktsa e Cinta Larga. Esses povos, que habitam o Vale do Juruena, encontram-se nas proximidades dos municípios de Juína, Sapezal, Comodoro, Campo Novo dos Paresis e Brasnorte, entre outros municípios de origem recente.

Foi apenas a partir da década de 1970 que a ocupação na região se intensificou, com a abertura de estradas e o asfaltamento da BR-364 (Cuiabá-Porto Velho), motivada por contextos extrativistas – seringa, minério e madeira – promovendo uma rápida transformação na paisagem, hoje tornada um polo agropecuário.

A demarcação de Terras Indígenas, ao mesmo tempo em que oferece garantias quanto ao direito de usufruto dos territórios de ocupação tradicional, define um debate, conhecido por aqueles que estão mais diretamente envolvidos com a questão indígena, que diz respeito à problemática de encerrar essas populações em reservas delimitadas, tornando-as ilhas diante da pressão dos modelos de ocupação do entorno e restringindo a circulação de povos que só conheciam fronteiras intransponíveis quando em períodos de conflitos e guerra. Assim, entre as várias etnias que habitavam extensas regiões, *a troca*, não a posse, era (e continua sendo) o princípio básico de regulação das relações sociais.

Para esses povos, a posse da terra, e de tudo quanto ela



pode nos oferecer, não cabe propriamente ao domínio dos humanos, eles a reconhecem como território na medida em que esses espaços definem pertenças fundadas em uma ancestralidade remota que, desde há muito tempo, se enraizaram na interação sistemática, realizada pelas sucessivas gerações, com os lugares e paisagens sobre as quais se constituíram como Povo e como Sociedade. Assim, são Eles que pertencem à Terra, e ela, por sua vez, pertence ao domínio de seus antepassados, ancestrais míticos e dos seres – espirituais – que lhe dão vida e significados.

Para manter a ordem – ao mesmo tempo social e cósmica, pois são indissociáveis – os Enawene Nawe precisam se relacionar com a Terra observando constantemente diversas regras para sua utilização e manejo. Essas regras estão fundadas em valores e princípios éticos e ecológicos, nas experiências e saberes acumulados ao longo do tempo. Como os recursos disponibilizados pela terra não lhes pertencem, todo cuidado é pouco.

Na visão Enawene Nawe, *Yakairiti* corresponde ao nome genérico dado a uma legião de espíritos que são os donos da maioria dos recursos





naturais. O buriti e o açaí, por exemplo, espécies vegetais utilizadas em larga escala pelos Enawene Nawe como base das construções arquitetônicas, das indumentárias rituais e da confecção de artefatos diversos, são de domínio desses seres. Os *Yakairiti* podem aparecer metamorfoseados em onças, animais peçonhentos, monstros aquáticos e são extremamente perigosos. Se contrariados, lançam aos Enawene Nawe toda sorte de infortúnios – doenças, epidemias, colheitas e pescas fracassadas, morte. São, ainda, regentes dos principais cultivos, a *mandioca* e o *milho*, plantados nas roças do *Yaokwa* (bem como do feijão, amendoim), e donos dos *peixes*. Todos estes *alimentos cerimoniais* são imprescindíveis à realização do ritual *Yaokwa*.

Dizem os Enawene Nawe, que os *Yakairiti* são muito preguiçosos, lamuriosos, seres disformes e fétidos que estão condenados a viver com uma fome intensa e insaciável. Desse modo, como não sabem preparar seu próprio alimento, precisam dos Enawene Nawe para saciar seu apetite voraz. O alimento que mais desejam, além dos bijus, sopas e mingaus de milho, mandioca e peixe, é o sal.

A fabricação do sal pelos Enawene Nawe constitui uma, entre as tantas técnicas e saberes que desenvolveram com base nas práticas de manejo, do conhecimento do ecossistema que habitam e da domesticação, processamento e utilização de tantos recursos que configuram a biodiversidade da região.

Contam que num tempo muito antigo, um demiurgo, Dataware, recolhia o sal que se acumulava sob uma palmeira, guardado por uma cobra surucucu. Toda vez que ocorria a cerimônia do *Yaokwa*, a cobra desenrolava-se do tronco e observava Dataware retirá-lo para levar aos *Yakairiti*. Finalizada a operação, a cobra enrolava-se novamente mantendo a guarda do sal que, magicamente se amontoava ao pé da planta. Certa vez, o irmão de Dataware, Ayarioko, pensou: vou cortar e queimar a palmeira, pois, desse modo, será melhor para obter o sal. Ao fazer isso, o sal fugiu para dentro do oco da árvore e quando Dataware foi pegá-lo novamente, descobriu a façanha do irmão e o reprovou imediatamente.

A partir das repetidas desobediências e trapalhadas de Ayarioko, é narrada a passagem de um mundo espontaneamente criado pela ação dos demiurgos, para um mundo onde os Enawene Nawe ficaram responsáveis por construir, fabricar, produzir, plantar, em decorrência das transgressões, trapaças e ações





DA ESQUERDA PARA A DIREITA
RETORNO DO YAOKWA APÓS AS BARRAGENS DE PESCA
FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA CANOA
FOTOS: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

malsãs empreendidas por estas figuras desordeiras que, num primeiro momento, desestruturam a ordem estabelecida, instituindo assim uma nova ordem.

A técnica de produção do sal consiste de uma sequência de procedimentos que se inicia pela busca das espécies vegetais adequadas à sua fabricação, são mais de dez as conhecidas e utilizadas, principalmente palmeiras, localizadas no entorno das aldeias e procuradas, sobretudo em matas secundárias das antigas aldeias/roças.

Após o corte, no período do fim das chuvas, acumulam um farto estoque numa clareira e aguardam secar para poder proceder à queima. As cinzas são recolhidas e transportadas para a aldeia em grandes cestos cargueiros (*dolate*) – fabricados pelos homens –, embrulhadas em folhas de pacova. Na aldeia, estes preparam um coador em forma cônica – também com folhas de pacova – e a partir deste ponto são as mulheres que dão continuidade ao preparo. Na aldeia, apenas cinco mulheres estão habilitadas a realizar este processo, uma vez que empreender tal ofício implica no cumprimento de uma série de regras de *couvade*, além do atendimento de certos requisitos, tais como, ter passado pela menopausa.

Na continuidade do processo de produção do sal, as mulheres vão acrescentando água as cinzas, que ficam por dias filtrando neste coador, que funciona como um conta-gotas. O líquido que escorre lentamente para uma bacia é depois levado ao fogo até formar uma substância sólida e cristalina – um sal de coloração cinza esverdeada, de consistência próxima a uma farinha e sabor levemente metálico.

A extração e preparação do sal é um processo extremante dispendioso, trabalhoso e lento. Além do peso que é preciso carregar no momento do corte para aguardar a queima, mais os vários dias necessários à filtragem e, depois, as horas de fervura que consomem estoques de lenha, os Enawene Nawe executam toda uma complexa sequência que resulta em apenas pequenas trouxas desse produto – tão caro, e também por essa razão, considerado tão valioso.

Desse modo, tem seu uso dirigido prioritariamente a finalidades rituais. Raramente os Enawene Nawe o consomem de maneira ordinária com a intenção de salgar alimentos no dia a dia. Se o fazem, geralmente com os cogumelos, ainda assim necessitam da operação ritual em que convém a intervenção de um soprador (*huenaitare* - o especialista que atua

BAIXO
SAÍDA DOS PESCADORES PARA AS BARRAGENS DO YAOKWA. FOTO: JOSÉ MEDEIROS – IPHAN, 2012.

DIREITA
MAPA DE MORADA DOS *YAKAIRITI*. FONTE: MENDES DOS SANTOS, 2006.

como um "benzedor" que sopra/profere palavras mágicas investidas do poder de neutralizar possíveis perigos envolvidos com a ação indesejada dos *Yakairiti*).

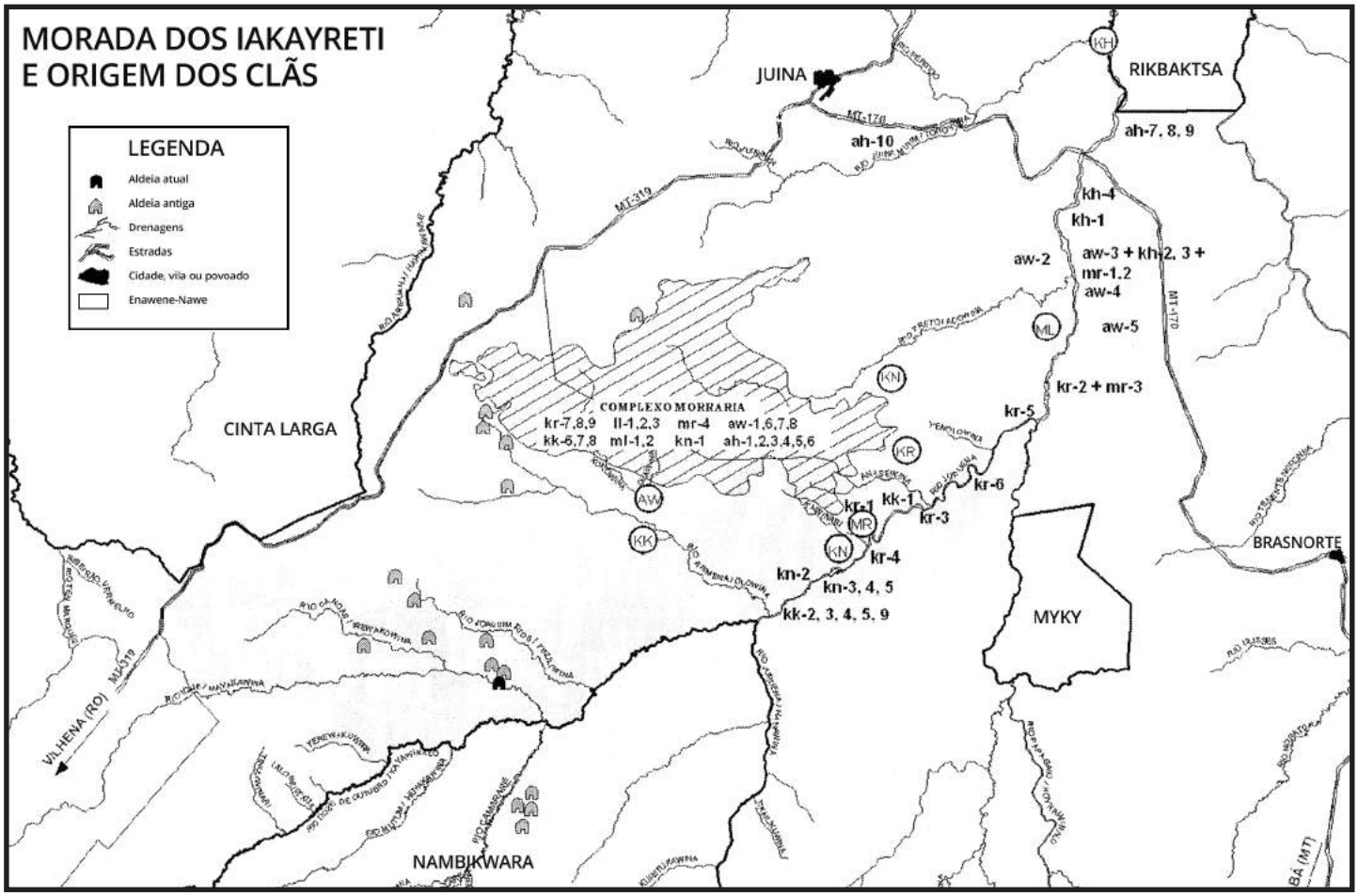
O sal deve ser sempre oferecido aos *Yakairiti*. É a moeda de troca, pagamento indispensável que entra em cenas diversas nas etapas rituais consagradas a estes seres, especialmente no ritual *Yaokwa*, antes da construção das barragens de pesca, a fim de obter o auxílio desses seres na captura dos peixes e, depois, no retorno dos pescadores à aldeia, antecedendo à distribuição e consumo dos peixes armazenados durante a expedição de pesca.

Os *Yakairiti* habitam toda a extensão das paisagens, suas residências são fixas e nominam os acidentes geográficos tais quais: morros, ilhas, barrancos, margens, lagoas, brejos, cavernas,



pedras, configurando uma lógica de representação espacial e definindo o padrão de ocupação territorial, servindo de referência à classificação dos lugares para realização de suas atividades econômicas, para estabelecimento de aldeias, acampamentos, áreas de coleta, pesca, pontos de encontro, vias de deslocamento e compondo o cenário das narrativas que expressam a memória de suas vivências e de um tempo ancestral muito distante.

Os Enawene Nawe se destacam por serem exímios pescadores, mergulhadores e navegadores. Perambulam menos por vias terrestres, pois, com exceção dos caminhos da roça e de algumas coletas, a maioria dos caminhos ou vias de ligação se dá por acessos fluviais. Nesse sentido a hidrografia corresponde a um campo de



conhecimento e orientação espacial e temporal, numa fonte de recursos vitais inestimáveis. Os Enawene Nawe não são caçadores, nem consomem carne de caça – vermelha. A coleta e a carne de três espécies de aves – mutum, macuco e jacutinga – juntamente com o peixe constituem as suas principais fontes de proteína.

Até 1998, os deslocamentos se realizavam através de embarcações que passaram por diversas transformações tecnológicas. Eram fabricadas de casca de jatobá, com pontas chatas e arrematadas por uma mistura de cascas e barro. Por serem muito pesadas para remar e, portanto, lentas, foram substituídas pela madeira de caju do mato, tecnologia desenvolvida a partir da observação das canoas Rikbaktsa.

Porém, essas, por terem vida útil curta (por volta de um ano), passaram a ser construídas com o mogno e a cerejeira, após a introdução dos machados de metal, garantindo um tempo de uso maior.

A partir de 1998, foram gradativamente incorporando os barcos de alumínio e os motores de popa. Atualmente, possuem uma ampla frota contando com dezenas de embarcações movidas por combustível.

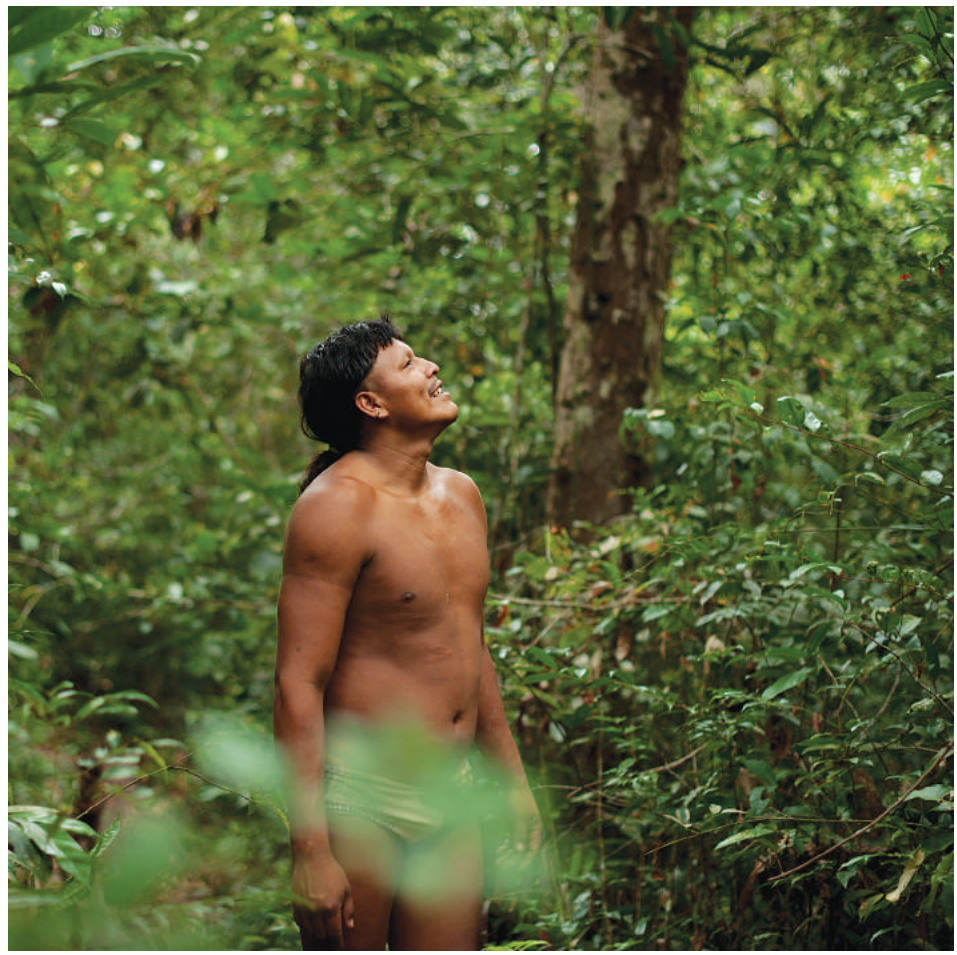
Desse modo, os Enawene Nawe estão a todo o momento espalhados por sua dimensão territorial, em um vai e vem constante, envolvidos em inúmeras atividades reguladas pelos ciclos ecológicos e rituais, numa dispersão definida a partir da lógica clânica.

Os clãs correspondem aos diferentes grupos internos que, associados, configuram o conjunto, a coletividade maior denominada Enawene Nawe. É o eixo que conforma a organização social desse povo, manifesta contextos da memória, aspectos históricos e territoriais e fundamentos da dinâmica social instituinte do povo Enawene Nawe. Articulam e orientam tanto às concepções que os Enawene Nawe fazem do tempo, quanto do espaço.

Cada clã – *Yaokwa* – tem um lugar demarcado no território, uma origem que remonta um passado muito remoto e conjuga grupos de pessoas, espíritos, paisagens, recursos, saberes e instrumentos musicais. Os Enawene Nawe contam que sua sociedade é resultado de um longo trajeto histórico que gradativamente foi incorporando pessoas e saberes de remanescentes de outros grupos que são considerados o vínculo de ancestralidade que os integra.

Os Enawene Nawe são monogâmicos e as alianças matrimoniais constituem relações recíprocas entre os clãs que, dessa maneira, não podem se casar entre si. O clã é passado de pai para filho, quando o pai reconhece a paternidade *pagando peixe* ao sogro e, garantindo assim, a continuidade de cada um destes grupos. Os clãs são: Kailore (KL), Aweresese (AW), Anihiare (AH), Kawekwarese (KK), Kawinariri (KN), Maolokori (ML), Mairoete (MR), Lolahese (LH), Kaholase (KH). Dessa forma, os clãs comportam distinções como papéis, funções, atribuições, dialetos, técnicas e saberes, estoques de nomes, repertórios de narrativas míticas, canções e instrumentos musicais, performances rituais, enfim, todos aqueles elementos que são de importância capital para a composição da sociedade Enawene Nawe.

Os Aweresese, por exemplo, são os que contribuíram, entre outros elementos, com o desenvolvimento das técnicas arquitetônicas, das casas residenciais, das barragens de pesca. Junto com os Kaholase, têm a morada de seus *Yakairiti* indicando a forte presença desses clãs na região do baixo Juruena. Aos Anihiare atribui-se a difusão da utilização do estojo peniano, do corte de cabelo, da técnica de fiar e tecer o algodão, das caneleiras de borracha femininas. Conjuntamente



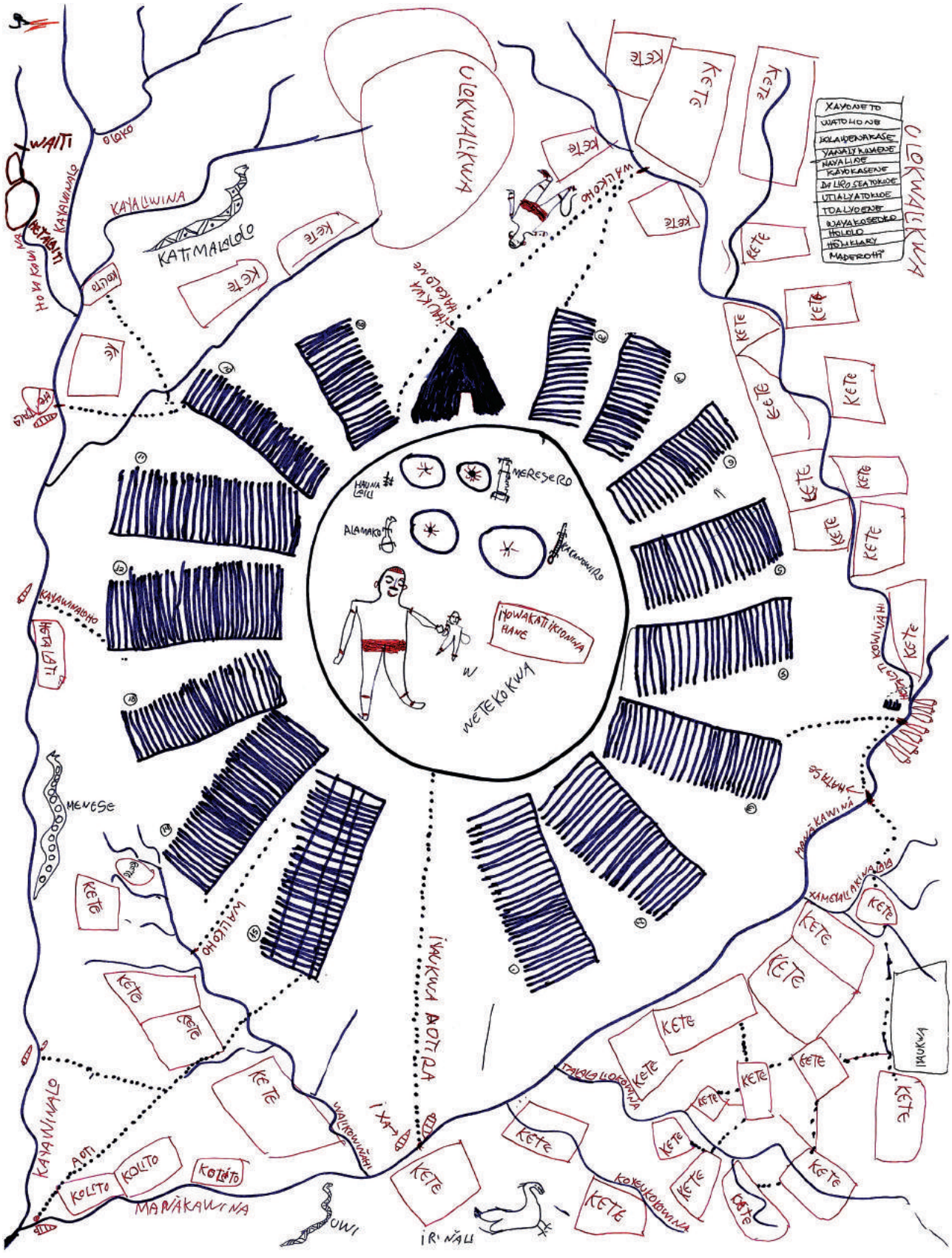
OLODORI'ENE COLETANDO CIPÓ PARA A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE PESCA. FOTO: JOSÉ MEDEIROS – IPHAN, 2012.

com os Lolahese, os Anihiare têm a presença territorialmente demarcada entre as nascentes do rio Aripuanã e a foz do rio do Sangue. Outros clãs dominam as técnicas de cestaria, da confecção de adornos feitos de tucum e assim por diante. O médio curso do Juruena, por sua vez, é de domínio da legião de *Yakairiti* associada aos Kailore e o alto Juruena aos Kawekwarese.

Além do conjunto de atribuições e conhecimentos, das pessoas e genealogias, os clãs são constituídos também por legiões de espíritos, a cada clã se associa um grupo de *Yakairiti* e um grupo de seres celestes denominados genericamente de *Enore Nawe* (que literalmente quer dizer "gente do alto/do céu"). Diferentemente do contexto de interação com os *Yakairiti*, as relações com os espíritos celestes estão pautadas pela reciprocidade, marcada pela generosidade por meio de oferendas, presentes e retribuições.

Os Enawene Nawe os chamam de avós, os *Enore Nawe* são donos do mel, da batata-doce, das ervas, do algodão e das aves, como os mutuns, araras, papagaios e periquitos, e também, das bordunas e arcos e flechas. São eternamente jovens, belos e imortais, e possuem o poder da cura. Para os *Yakairiti,* os Enawene Nawe dedicam os rituais *Yaokwa* e *Lerohi*, e para os *Enore Nawe*, os rituais Saloma e Kateoko.

No entanto, esses rituais não se caracterizam como festa, diversão, lazer, ainda que os destinados aos espíritos celestes sejam mais leves e descontraídos, diferentemente dos voltados aos *Yakairiti*, nos quais o clima se desenvolve numa atmosfera mais tensa, até hostil em determinados momentos. Esses rituais trazem impresso um


KETE
KAYALIWINA
KATIMALOLO
ULOKWALIKWA
WAITI
KAYAWINALO
MANÄKAWINA
MENESE
IWAKWA AOTTA
IRINÄLI
KOWEYKOWINA
TAKALALIKOWINA
KAMEKALAKWAWA
MANÄKAWI
KOLTO
AOTI
KOTÄTO
MERESERO
ALAMAKO
IWAKWA
WETEKOKWA

CROQUI DA ALDEIA *HALATAIKIWA* – PÁTIO CENTRAL (RODAS DO *YAOKWA* E SEUS RESPECTIVOS INSTRUMENTOS MUSICAIS); CAMINHO E CASA DO *YAOKWA*; CÍRCULO DAS CASAS RESIDENCIAIS E ÁREAS DE CULTIVO (ROÇAS). DESENHO: MARIKEROSE'ENE KAIROLE, 2008.

caráter de obrigatoriedade, não há como escapar, negar ou furtar-se a estes deveres. Da execução destes compromissos depende a própria vida e a ordem social; deixar de cumpri-los, como avisam os próprios *Enore Nawe*, é estar exposto e vulnerável ao infortúnio, à calamidade, com consequências que podem tomar dimensões trágicas.

Ao mesmo tempo, esses rituais se interpenetram e assim, mais do que delimitações, compõem uma entrelaçada complexa dramaturgia que encena em muitos e diferentes atos cênicos a representação de todo um acervo de memória narrada por um vasto repertório musical, expresso pelas flautas e coreografias. Esses atos revelam os padrões de conduta, de ética e estética instituídos pelos acontecimentos e saberes acumulados no tempo, entoando diálogos e transmitindo modelos e histórias fundadoras e primordiais, atualizando constantemente a memória seletiva e coletiva dos Enawene Nawe.

Entre os Enawene Nawe, portanto, música e território, estética e ecologia, estão radicalmente imbricados pela relação ritualizada com a ancestralidade.

É muito comum associarmos as populações indígenas à floresta, sendo recorrente, portanto, a idealização de que operam como povos plenamente identificados com aquilo que denominamos *natureza*. Da perspectiva dos ameríndios, porém, geralmente a relação se dá de modo inverso. No caso e contexto Enawene Nawe, a floresta – *Kaira* – como vimos, é de domínio dos *Yakairiti*, outros seres, espíritos que representam a antítese daquilo que os Enawene Nawe devem ser, ou vir a ser, na condição de Gente. Psiquicamente, esses entes revelam o lado sombrio, a conduta humana indesejável, mas também inevitável, aquilo que deve ser ocultado e que tem seu espaço de expressão e manifestação explicitada na dramatização do Ritual *Yaokwa*, já que este se destaca entre os outros ritos por caracterizar-se pela sua potência de condensar os sentidos da integralidade do *ser* Enawene Nawe e de sua conexão com o Todo – o cosmo. A floresta, nesse ponto de vista, corresponde ao lugar dos *outros* e a aldeia – *hotaikiti* (cidade) – é que corresponde ao lugar de humanos, Gente Enawene Nawe.

Os Enawene Nawe, por sua vez, identificam-se, dessa maneira, com os seres celestes – *Enore Nawe* – Gente do Alto que fornece os padrões e a justa medida da ação *humana*. Assim, a aldeia enawene nawe, localizada na paisagem terrestre, constitui um reflexo, uma

VISTA AÉREA DA ALDEIA *HALATAIKIWA*.
FOTO: ERIC DESSON – GREENPEACE, 2007.

tentativa de reprodução do espaço aldeão que configura a morada dos *Enore Nawe* na paisagem celeste.

O zênite que podemos ver de qualquer ponto da terra, localiza o centro do grande pátio da aldeia dos *Enore Nawe* que ocupa toda a extensão da abóbada celeste. Os Enawene Nawe dizem que a aldeia é tão imensa que os *Enore Nawe* devem ter cuidado para não se perder. As casas, dispostas num desenho circular com a presença da casa das flautas no eixo do itinerário solar, apresentam uma arquitetura magnífica. No céu, tudo é perfeito e tudo é belo. Os *Enore Nawe* são alegres, exuberantes, estão sempre bem trajados, elegantes, exibem ornamentos confeccionados com precisão: braceletes, colares, tornozeleiras, brincos e cocares magistrais. Estão sempre com os cabelos bem aparados, vivem pintados de urucum exalando um perfume estonteante.

Nessa dimensão tudo é farto, tudo floresce e as roças são impecáveis e abundantes. Os Enawene Nawe procuram viver, na terra, de acordo com o modelo estabelecido por esse patamar onde os *Enore Nawe*, seus *avós*, representam o ideal do bem viver e a referência para os padrões de ordem, beleza, e da conduta humana por excelência.

As práticas rituais reafirmam a conjunção entre essas dimensões, Céu-Terra-Água, que se espelham e se referenciam mutuamente, tendo nos Enawene Nawe o intermédio – o corpo e a expressão – dessas relações que manifestam oposições, tensões e conflitos, que encarnadas nos Enawene Nawe devem ser harmonizadas por meio da execução ritual para garantir o equilíbrio ecológico e a ordem social e cósmica.

O palco imaginário do rito se define pelas cenografias que representam essas dimensões em questão, encenando ora encontros, ora confrontos, ora apaziguamentos, realizados em jogos de força que atuam numa política cósmica em que essas esferas exercem influências e interferências umas nas outras. O espaço da concretização dessas peças rituais se dá na interrelação entre as *roças*, a *floresta* e a *aldeia*. As roças representam o universo do cultivo e da colheita, com ênfase nas plantações de milho e mandioca. A floresta, a ocupação, o manejo e utilização de recursos, especialmente para as coletas e a pesca e, no caso do ritual *Yaokwa*, para os acampamentos e barragens de pesca. A aldeia aparece como lugar privilegiado para o processamento dos alimentos, fabricação da cultura material, distribuição e consumo. ■

A ALDEIA E O LUGAR DOS HAREKARE



Os Enawene Nawe mudam de aldeia aproximadamente a cada dez anos. Esse ciclo está, de um lado, motivado pelo contexto de ocupação: desgaste dos solos, córregos e recursos que circundam a aldeia e que precisarão de pousio para se regenerar. Por outro lado, ao término do ciclo do rodízio entre os clãs no papel de anfitriões – *Harekare* – da cerimônia do *Yaokwa*. Ambas as motivações estão regidas por um princípio de circularidade. Essa forma circular e multifacetada se reflete em muitas outras práticas, gestos e concepções dos Enawene Nawe, ou seja, fundam em grande escala toda uma filosofia própria. Essa circularidade está diretamente impressa no manejo dos ciclos ecológicos, nos caminhos da ocupação territorial, e nas referências temporais e espaciais.

Toda a subsistência – a vida agrícola, pesqueira e coletora – vinculada aos ciclos climáticos, hidrológicos, que regulam a sazonalidade das espécies, encontra nos Enawene Nawe uma percepção e sensibilidade para cada um desses períodos, expressos não apenas no rito, que narra esse processo cíclico e se impõe entre essas passagens e opera como agente, como interventor, como sujeito.

É visível também pelo modo como os Enawene Nawe detêm uma observação objetiva e cumulativa desses ciclos, elaborando e praticando técnicas que demonstram profundo conhecimento, os *saberes*, que entre tantos (manejo de solos, do ambiente aquático, de coletas, de consórcios e sequências de cultivos, usos medicinais etc.), consegue manejar, modificar, usar, interferir, sem produzir altos impactos negativos. Pois, a ideia é a constante troca, estabelecendo ciclos de



construção e reconstrução. A ideia é perpetuar, não extinguir!

As tecnologias de manejo são tão especializadas que permitem um equilíbrio entre o que se extrai e entre o que deve permanecer, permitindo as reconstituições, a recriação contínua. Esses mesmos conhecimentos se fazem presentes na dinâmica das ocupações territoriais que obedecem a uma tendência de reocupação de antigos sítios. Trata-se de um saber arqueológico, cuja função é beneficiar-se de nichos de diversidade e melhor adaptatividade dos solos gerados pelas ocupações humanas: a questão denominada "terra preta de índio" e a ciclicidade de ocupação de porções de terra que ela implica.

Desde 1974, data oficial do contato, os Enawene Nawe erigiram cinco aldeias (*Hakotokwa, Maerekwa, Matokodakwa I, Matokodakwa II e Halataikiwa*). Cada uma foi nominada de acordo com o recurso mais abundante na região, ou por alguma referência histórica, seguida do sufixo *–Kwa,* que designa a ideia de *Lugar*. As aldeias são compostas pela área residencial, atualmente configurada por 17 casas (mais que o dobro do que havia em 1974) de formato oblongo, que tem em seus fundos os caminhos que dão acesso às

ESQUERDA
CHEGADA DOS FESTEIROS PELO CAMINHO DO *YAOKWA*. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

DIREITA
SECAGEM DA PALHA DE BURITI PARA CONFECÇÃO DA INDUMENTÁRIA RITUAL. FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2007.

roças familiares – distribuídas num raio de 3 km – aos lugares de coleta e aos pequenos cursos d'água que circundam a aldeia em 200 metros.

Um grande pátio circular localiza-se no centro (*Wetekokwa*), "lugar do lado de fora" que define o espaço adequado às reuniões, aos passeios, e bate-papos no fim do dia e opera como o palco das cerimônias rituais. Assim como na aldeia celeste, encontra-se também na aldeia dos Enawene Nawe, no eixo do sol, a *haiti* – Casa do *Yaokwa* (Clãs) – de formato cônico com uma pequena abertura voltada para o poente e a entrada defronte ao grande Pátio voltada para leste, apontando em direção ao *Caminho do Yaokwa (Yaokwa Awitira)*.

O Caminho do *Yaokwa* é a ligação e a passagem entre as dimensões Celeste e Terrestre, entre o domínio da aldeia e o domínio da floresta, entre o Um e o Todo (Micro e Macro Cosmo), e entre o passado, o presente e o *devir*. Quando o sol se põe na aldeia Enawene Nawe, está nascendo na aldeia dos *Enore Nawe*. É por esse caminho que os *Yaokwa* adentram o espaço aldeão durante as peças rituais.

É a chegada do *Yaokwa* e o início das performances musicais e coreográficas na aldeia. No retorno das expedições/barragens de pesca, após dois meses, os pescadores – *Yaokwa* – chegam à aldeia, durante o pôr do sol. Sorrateiramente enfileirados, cobertos com barro, pintados de jenipapo e ornados com palhas de buriti *in natura*, são surpreendidos pelos *harekare* (anfitriões) que saem de dentro da Casa do Yaokwa, portando cajados e canivetes (*tonohi*), pintados de urucum e com os cabelos minuciosamente aparados, ornados com braceletes, colares, cocares e palhas de buriti processadas,





DETALHE DA INDUMENTÁRIA RITUAL.
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

em uma indumentária pomposa composta de muitos detalhes que produzem um marcante impacto estético. Saem um a um pela porta da Casa das Flautas, em saltos para Pátio, liberando gritos e urros. Nesse primeiro encontro (confronto), um dos pontos auge do roteiro ritual, o clima é hostil; se dá na cena, um duelo violento, um combate aberto, corpo a corpo.

Nos instantes que antecedem a entrada, o clima da aldeia é de ansiedade e expectativa.
A sonoridade dos pilões toma conta, como uma sinfonia, que anuncia a intensa produção dos alimentos em processamento para saciar a fome voraz dos *Yakairiti.*
As mulheres espiam a todo o momento pelas frestas das palhas da casa, aguardando o momento da chegada.
No momento em que os *Yaokwa* adentram o espaço aldeão, nada

ABAIXO
KAMAME'ENE COM SEU PAPAGAIO.
FOTO: MARCUS MALTHE –
GREENPEACE, 2006

DIREITA
HOMENS GUARDAM AS FLAUTAS APÓS
EXECUÇÃO MÚSICO-RITUAL.
FOTO: MARCUS MALTHE –
GREENPEACE, 2006.

se move, o silêncio reina absoluto e só será rompido pelo estampido dos *Harekare*, em gritos, invadindo o pátio para o confronto.

Do conjunto de tarefas que os anfitriões devem se dedicar nos preparativos para a recepção dos *Yaokwa* no retorno das pescarias, a limpeza desse caminho é parte integrante. Essa limpeza inclui a terraplanagem do terreno, a reposição e conserto de pontes





(pinguelas) e se dá com o auxílio dos sopradores e com a disposição, pelo trajeto, de alimentos em processo de deterioração, os quais os *Yaokwa*, no momento da passagem, seguem chutando em gestos brutos. São as bebidas azedas que entornam pelo chão e vão direto para as "panelas" dos *Yakairiti*. Os Enawene Nawe são avessos a bebidas fermentadas, dizem que o sabor azedo é próprio ao gosto dos *Yakairiti* que as apreciam imensamente.

Assim como o caminho deve estar limpo e preparado, o pátio também deve estar impecável e, próximo às residências, os *harekare* mantém estoques imensos de lenha que foram sendo armazenadas e irão abastecer as fogueiras noturnas que iluminam o pátio durante o período dos espetáculos rituais. Nos fundos das residências, preparam ainda,

toda a indumentária (*esoana*) que fica acondicionada dentro das casas. O processamento do buriti (recurso de extrema importância na vida, na alimentação, na arte e na cultura material dos Enawene Nawe), após a coleta e o desfio, passa por inúmeras lavagens e fervura para depois proceder ao desbaste, aguardar a secagem e pentear – produzindo uma textura sedosa.

Dependendo da peça do figurino que está sendo confeccionada, o buriti será reunido em feixes dessa seda fibrosa que recebem amarras de algodão, como pinças, conformando um cinturão drapeado. Ora trançados, ora torcidos, conformam braceletes, colarinhos, gravatas, e ainda, podem ser combinados à embira, algodão e plumas conforme o adorno que se manufatura.

O conjunto plumário apresenta destaque para as penas de mutum e gavião, que após a caça dos pássaros, passa por seleção e corte das penas antecedendo a montagem seja de braceletes, colares ou cocares. Já as penas de papagaio, crias domésticas e de estimação, são utilizadas na coloração amarela, modificando o colorido original por meio da técnica da tapiragem, utilizadas nos cocares que sobressaem como presença imponente nas peças rituais e simbolizam a força e o itinerário solar.

Essa indumentária é produzida com um pequeno conjunto de recursos, que em suas variações e versatilidade compõem um figurino extremamente rico, produzindo um efeito de forte intensidade estética, constituindo um ícone – formas que caracterizam a imagem conferida aos Enawene Nawe.

Esta prática se inicia pela captura de espécie de anfíbio de hábitos noturnos (não identificado) de onde extraem, das glândulas do dorso, uma substância tóxica que será aplicada, com auxílio da própria pena, no uropígio da ave. A pena é reinserida acima da cloaca, determinando a modificação da coloração da pena. O local exato (glândula uropigial) permitirá a conexão adequada do princípio ativo com o sistema nervoso da ave, alterando a cor da pena de tal modo que, a partir de tal procedimento, as demais penas do rabo do papagaio nascerão com nova coloração. Os aprendizes de tal técnica observam que a grande dificuldade desse procedimento é conseguir localizar com precisão o orifício correto para o implante, que permite tal alteração fisiológica. Todos esses procedimentos exigem, por parte do especialista, o domínio total de



APETRECHOS DA COZINHA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.

diferentes ciências implicadas em cada fase desse processo.

Enquanto os fundos das casas definem um espaço essencialmente doméstico, utilizado no dia a dia por todos os moradores da residência, sobretudo pelas mulheres e crianças, o pátio corresponde ao espaço público, destinado aos temas de interesse para o bem comum, lugar predominantemente masculino e de representação social.

As esposas dos *Harekare* são também anfitriãs – *Harekalo*. Os afazeres femininos estão voltados prioritariamente para a produção dos alimentos, o banquete que será servido aos espíritos, em cena no *Yaokwa*. Esses alimentos, que serão trocados pelos peixes e que constituem os *alimentos cerimoniais* têm como base de seu preparo a mandioca e o milho (*Kete* e *Koreto*). São bijus (*xixi*), sopas (*holokwari*), mingaus (*ketera*) e bebidas (*oloyti*), em grandes quantidades e que exigem muito trabalho.

A roça do *Yaokwa* (milho e mandioca) que abastece os ciclos rituais é plantada numa sequência (representada pelos Enawene Nawe em forma circular) de dois anos, determinada pela lógica clânica e o rodízio estabelecido de associação entre dois clãs para o cumprimento do papel de anfitriões. As donas das roças – *Harekalo* – é que irão zelar pelo cuidado dessas áreas cultivadas, colher e processar os alimentos, auxiliadas por suas filhas e parentela extensa.

Cultivar a mandioca é uma atividade extremamente relacionada às performances músico-rituais ligadas ao *Yaokwa* (e ao *Lerohi*). Seu espaço de cultivo é imediatamente limítrofe ao espaço da aldeia, estabelecido radialmente e de forma expansiva em torno da

DIREITA
JIRAU ONDE SÃO PREPARADOS E ARMAZENADOS OS ALIMENTOS. FOTO: MARCUS MALTHE-GREENPEACE, 2006.

BAIXO
DETALHE DA COZINHA RESIDENCIAL. FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.





dia a dia, portanto, assim como todas as atividades de subsistência que são tematizadas pelos cantos, o cultivo é também enfatizado coreograficamente. Os grandes períodos de performances na aldeia estão, portanto, diretamente associados à agricultura, especialmente ao cultivo e colheita da mandioca e do milho.

As cozinhas estão sempre movimentadas, principalmente em períodos rituais e, mais ainda, nas casas das anfitriãs da vez. As casas compõem-se de compartimentos, como quartos privados, em que se estabelecem os núcleos familiares – pai, mãe e filhos e filhas solteiros – considerando que após o casamento, é o homem que se muda de residência, permanecendo as filhas na casa dos pais. Desse modo, os compartimentos abrigam

O MITO DE ATOLO

Certo dia, *Atolo*, uma menina adolescente, pediu à sua mãe *Kokotero* que a enterrasse. Diante da insistência e tomada de profunda tristeza, a mãe, por fim, atendeu ao pedido da filha, enterrando-a até a cintura numa terra fofa e fria.

Após seu enterro, a menina pediu à sua mãe que não olhasse para trás, devendo regressar para visitá-la somente depois das primeiras chuvas. Recomendou, por fim, que não esquecesse de lhe trazer peixe, e que mantivesse o terreno a sua volta sempre limpo e bem cuidado.

Kokotero fez tudo conforme pediu a filha *Atolo*, e ao voltar ao local, encontrou uma roça de mandioca bonita e bem formada. De cada parte do corpo da menina havia brotado uma nova planta, dando origem às variedades de mandioca hoje cultivadas pelos Enawene Nawe.

A mãe visitava frequentemente a roça, limpava em volta das plantas e retirava com cuidado suas raízes levando-as para a aldeia, onde todos se alimentavam. Ao assistirem ao enterro de *Atolo*, e notando que tinha sido bom seu resultado, outras mães resolveram também enterrar suas filhas, e foi assim que surgiram a batata-doce, o cará, a araruta e o inhame.

Porém, tomada de inveja e percebendo que *Kokotero* desfrutava com alegria da colheita de menina-mandioca, sua irmã, *Atanero,* entrou sem autorização na roça e arrancou com brutalidade as raízes da planta. A menina mandioca gritou forte de dor, e todas as outras plantas também gritaram.

Ao ouvi-la, *Kokotero* partiu correndo em direção à roça. Percebendo o que havia acontecido, nada mais pode fazer. Desse dia em diante, a mandioca nunca mais se multiplicou por conta própria, caindo na dependência dos Enawene Nawe de cultivá-la ano após ano.

Fonte: Mendes dos Santos (2006)

tradicionalmente irmãs casadas com membros de outros clãs, definido o grupo doméstico. Cada casa abriga até, no máximo, quatro grupos domésticos constituídos dos pequenos núcleos familiares compondo o grupo residencial, que pode variar de 30 a 60 indivíduos numa mesma e única grande casa comum. Assim, há uma cozinha para cada grupo doméstico – a mãe e suas filhas, podendo, portanto, ocorrer numa casa, até três cozinhas.

Durante o preparo dos alimentos: colher, carregar, descascar, lavar, ralar, espremer, moldar ou pilar, o frenesi é grande dentro das casas. Todas reunidas, muitas conversas e todo um aparato de equipamentos em atividade, raladores (*tinoare*), peneiras (*manarise),* pilões *(anase,* base, *atata,* mão de pilão), esteiras, xires (*dolate*), (todos esses artefatos confeccionados pelos homens), e, ainda, pratos de cerâmica (*atare*), panelas (*mataloxi, matalowise*), cabaças (*ixixawi, ixixase*), manufaturadas pelas mulheres.

A partir da década de 1980, os registros dão conta de indicar uma gradativa inserção do alumínio. As bacias desse material estão hoje, difundidas em todas as casas.

DIREITA
JOVEM PREPARANDO AS BEBIDAS À BASE DE MANDIOCA.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006

BAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
MULHERES FIANDO ALGODÃO.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.

MULHERES RETORNANDO DA ROÇA APÓS COLHEITA DA MANDIOCA.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.

MULHERES SOCANDO O PILÃO PARA A PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.



Do mesmo modo, as grandes panelas de cerâmica têm sido substituídas, em geral, por grandes panelas de alumínio, permanecendo apenas algumas de menor tamanho, utilizadas para servir o alimento cerimonial durante o banquete ritual. As mulheres argumentam que as bacias são mais leves e práticas para manusear e as panelas aceleram o cozimento







dos alimentos, otimizando o tempo e, principalmente, o gasto de lenha que se torna consequentemente menor.

Elas revezam entre elas quem vai à roça, o grupo que vai descascar, ralar, preparar a massa, ou inclusive, quem se dedicará a outro afazer como o algodão e a cerâmica.

No que se refere aos alimentos e ao feitio das cabaças, nunca trabalham sozinhas, já a confecção de artigos de algodão, cerâmica ou algumas coletas específicas são tarefas individuais. Como vimos, as mulheres são também as responsáveis pela finalização do preparo do sal, bem como, pelo arremate de algodão presente na maioria das peças que integram a indumentária ritual. ■

A CASA ENAWENE NAWE

Toda estrutura das casas Enawene Nawe é feita de madeira retirada e utilizada *in natura* sem praticamente nenhum acabamento. Para a fixação das peças umas às outras, é utilizado cipó. A vedação (frontal, posterior e lateral) é em palha de buriti tendo acabamento na cumeeira com palha de açaí. Estes materiais conferem à construção um excelente isolamento térmico permitindo internamente um clima e uma iluminação bem agradável.

O formato das casas em planta é retangular, isto permite um alongamento na sua dimensão, caso seja necessário. Existem apenas duas aberturas, uma de frente para o pátio central e outro na extremidade oposta. Nas casas que atingiram medidas superiores a 40 metros, pequenas aberturas são providenciadas nas laterais para maior entrada de luz natural.



CASA RESIDENCIAL.
FOTO: MARCUS MALTHE-GREENPEACE, 2006.

O emprego desta forma permite uma excelente distribuição de cargas no solo. Pode-se perceber, que as casas possuem dimensões praticamente idênticas na largura e altura se diferenciando apenas no comprimento. No sentido transversal é em formato de uma ogiva como o arco ogival. Embora existam pequenas diferenças de medidas entre as casas, podemos afirmar que na média, os valores se

PASSO-A-PASSO DA CONSTRUÇÃO DAS CASAS RESIDENCIAIS. JOSÉ MARIA ANDRADE, 2008.

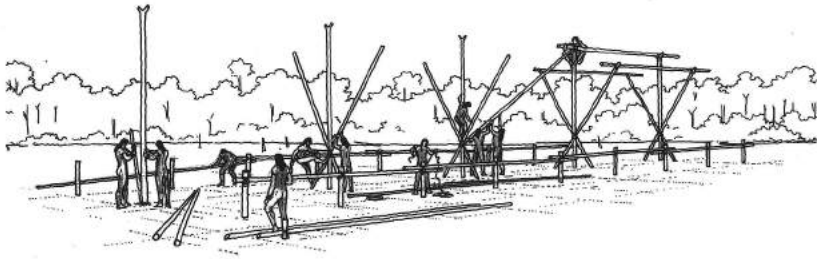
apresentam da seguinte maneira: para a largura, de 8,5 a 10metros; para o comprimento, de 22 a 44 metros; para a altura, 5 a 6metros. As casas maiores têm mais de 300 m² de área construída.

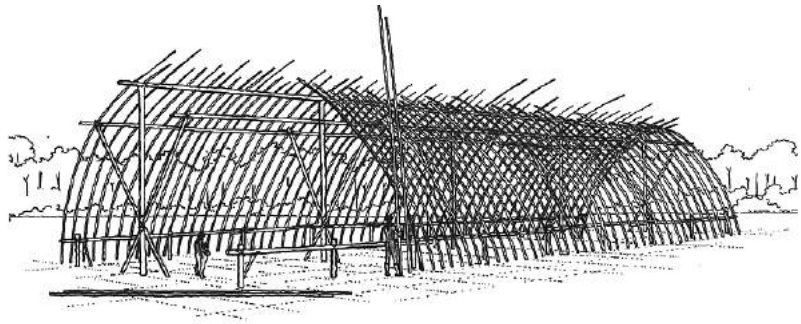
Uma vez definido o perímetro de cada casa, inicia-se a construção pelos pilares centrais e laterais em todas as casas do conjunto ao mesmo tempo, de modo alternado (pois os moradores de uma residência não constroem a sua própria casa), definindo uma dinâmica cruzada em que cada grupo que se dedica à construção da casa do outro, que assim, o retribui. A construção do espaço aldeão opera como um momento de reafirmação dos laços e papéis que expressam a ordem social. Aos homens, cabe a tarefa da construção em si e às mulheres, cabe o preparo dos alimentos que deverão ser oferecidos em meio aos cantos, gestos e gritos característicos dos rituais *Yaokwa* e *Lerohi*, concernentes aos *Yakairiti* – donos da maioria dos recursos utilizados no processo de construção.

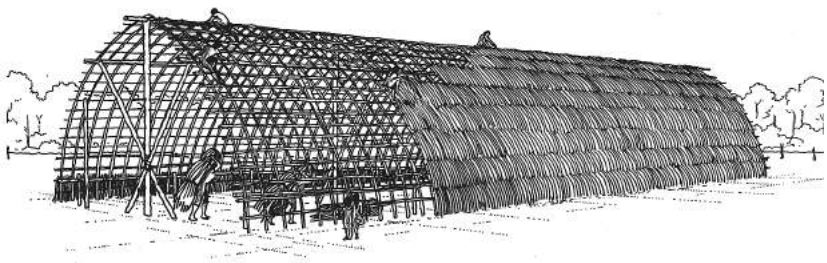
Desse modo, a aldeia Enawene Nawe conjuga tanto o domínio dos *Yakairiti*, como os construtores em si do espaço aldeão, que, por sua vez, obedecem ao padrão espacial dado pelo modelo de habitação dos *Enore Nawe*. Cada casa é, portanto, construída dinamizando as relações entre clãs, gênero, classes de idade e parentesco.

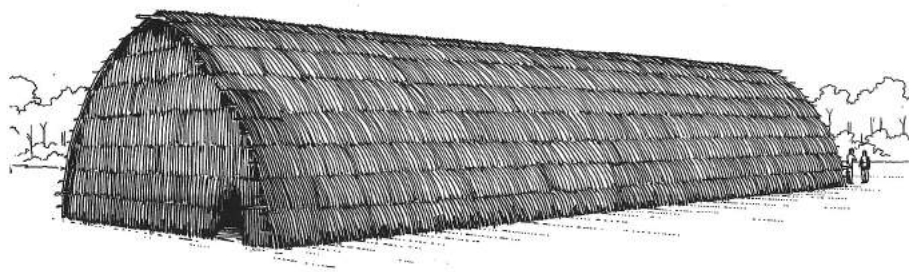
As peças de madeira que diferem no seu diâmetro e dimensão têm seu lugar certo na construção. As peças utilizadas para o pilar central têm suas dimensões específicas assim como os pilares laterais. Da mesma forma, as vigas que funcionam como terças (peças posicionadas em alturas diferentes no sentido longitudinal da construção) também possuem medidas específicas. Entendido como medidas específicas apenas o que se refere ao diâmetro de cada peça, pois no comprimento a interpretação é diferente. Os pilares de sustentação ficam distantes uns dos outros de acordo com a dimensão (comprimento) das peças disponíveis para a cumeeira (a viga mais alta da estrutura). Não há, então, um padrão de distância pré-estabelecido.

As madeiras cortadas, e trazidas até o local, ficam à disposição de seus construtores como se estivessem depositadas em um canteiro de obras. Desse modo, logo que o trabalho de corte de madeiras e de cipós para as amarrações está prestes a ser concluído, chega a vez da extração das palhas de buriti e açaí. Vale destacar que atualmente, há predominância da presença das









SEQUÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DAS CASAS RESIDENCIAIS. TRANSPORTE DO BURITI, ESTRUTURA E CONSTRUÇÃO DOS TELHADOS. FOTOS: JULIANA DE ALMEIDA-OPAN, 2007.







palhas de buriti, considerando que o açaí, recurso tradicionalmente preferencial para esse fim, tem se tornado escasso, presente em maior abundância nas áreas do lado de fora da terra demarcada.

A aldeia, território dos humanos, espaço que reproduz em sua ordem e composição a forma de ser e viver dos antepassados que moram, agora, na abóbada celeste, define o lugar do viver a vida e o ambiente de expressão das relações estabelecidas entre o micro e o macro cosmo, numa arquitetura que manifesta a conexão indissociável entre as esferas celeste e terrestre, entre os homens e os espíritos que conferem sentido e existência à paisagem que habitam.

Durante todo o ano enawene nawe, há sempre alguma atividade ritual/sazonal acontecendo: ou se está em *performances* músico-coreográficas na aldeia, ou se está em expedição pelo seu território. Nos períodos de expedição, os que ficam na aldeia também realizam *performances* diariamente – esse é especialmente o caso do *Yaokwa Ehõla* (xerimbabos do *Yaokwa*) no momento das barragens de pesca, quando os anfitriões que permanecem na aldeia (*Harekare*) cantam, tocam e dançam o bloco de cantos denominado *Hekali*. Trata-se de um estilo músico-coreográfico específico, composto por uma alternância entre canto vocal e canto instrumental entoado em trompetes – as chamadas "flautas rachadas" – o qual se revela extremamente *sui generis* no repertório ritual Enawene Nawe por apresentar-se em formatos coreográficos muito variados conforme o momento da sequência ritual. ■













A CASA DO *YAOKWA*

BAIXO
CASA DO *YAOKWA*.
FOTO: ARQUIVO OPAN, 1976.

DIREITA
VISTA AÉREA DA ALDEIA
HALATAIKIWA.
FOTO: ERIC DESSONS – GREENPEACE, 2007.

Podemos perceber que a estrutura da aldeia enawene nawe evoca a onipresença dos espíritos (*Enore Nawe* e *Yakairiti*) no espaço aldeão. De um lado, pela referência do padrão que segue uma fiel reprodução do modelo dado pela dimensão celeste e, de outro, pela utilização das matérias-primas, recursos de domínio dos *Yakairiti*. É como se os *Enore Nawe* fossem os arquitetos e os *Yakairiti* a matéria-prima e mão de obra indispensável.

Nessa estrutura, destaca-se a Casa do *Yaokwa* (casa das flautas), projetada um pouco mais à frente no círculo das casas residenciais em direção ao Pátio, que possui um diâmetro de aproximadamente 30 metros. A Casa do *Yaokwa* constitui o eixo fundamental – primeira edificação orientadora das demais e única na qual todos participam da construção. De formato cônico, a casa é erigida em torno de um único pilar central, de cerca de 6 metros de altura, sob uma planta circular de, atualmente, 9 metros de diâmetro.

Enquanto limpam o terreno no preparo para a construção, tocam as flautas que são levadas para o local onde será feita a casa e muitas bebidas são oferecidas. No solo, é desenhado o círculo correspondente ao diâmetro da construção. Neste perímetro, os pilares vão sendo posicionados numa altura de 1,4 metros de altura. As peças seguintes são posicionadas de forma a ficarem paralelas ao solo e amarradas no topo destes pilares laterais. Aqui cabe uma observação: estas peças precisam oferecer, além da resistência, uma excelente envergadura, pois farão com que a forma circular desenhada no solo se





concretize. Estas peças posicionadas irão dar o arranque para as demais.

As novas peças são posicionadas perpendicularmente ao solo e amarradas à primeira linha de peças que foram fixadas aos pilares que se encontram no perímetro do círculo. De diâmetro aproximado de 5 ou 6 centímetros e colocadas cerca de 50 centímetros umas das outras, estas peças vão se encontrar no centro, atingindo a altura de 5,7 metros.

A cada um metro e meio, um novo "elo" é construído amarrando em feixes as peças que vêm perpendicularmente do solo, sobrepondo em diâmetros decrescentes, num efeito espiralado, até o fechamento no ponto mais alto. Esse movimento vai sendo realizado pelos homens que correm por dentro da estrutura, gritando, enquanto as bebidas continuam sendo servidas ao toque das flautas e da execução dos cantos. Depois são providenciadas as peças que darão sustentação e fixação às palhas.

Os Enawene Nawe contam que quando Wadare (herói mítico) levou os Enawene Nawe, em tempos remotos, estabelecendo-os no curso do rio Papagaio, tocou uma flauta e todos os paus saíram sozinhos *de dentro d'água* e foram se empilhando, formando a Casa do *Yaokwa* e, depois, vieram os

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
DETALHE DO TETO DA CASA DO *YAOKWA*.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008

FLAUTAS ACOMODADAS NO INTERIOR
DA CASA DO YAOKWA.
FOTO: JULIANA DE ALMEIDA, 2014.

CASA DO *YAOKWA* EM CONSTRUÇÃO.
FOTO: JULIANA DE ALMEIDA – OPAN, 2007.

outros paus e formaram as casas da aldeia. A aldeia já estava pronta quando Ayareoko falou: – está casa é minha. – Não é sua, não! É a Casa do *Yaokwa*! Então, Ayareoko tocou a flauta mágica e os paus não gostaram e voltaram para dentro d'água. As casas se desmancharam. Com sua desobediência, Ayareoko estragou tudo, acabou a aldeia!

Durante o processo de construção, a cargo então dos Enawene Nawe, auxiliados pelos *Yakairiti,* é necessário manter uma vigília constante, posto que, as flautas, ainda desabrigadas, representam um perigo iminente. Em toda aldeia, a Casa de *Yaokwa* é sempre a primeira edificação, orientando as demais. Quando pronta, guarda os instrumentos musicais em seu interior, de acordo com as posições definidas desde o momento da instituição da sociedade enawene nawe.





Assim guardadas, a ordem ideal de configuração espacial e social está garantida e então, é possível dar continuidade à construção da aldeia, a partir desse núcleo georreferenciador representado pela Casa do *Yaokwa* que oferece as coordenadas cósmicas que determinam a estrutura social.

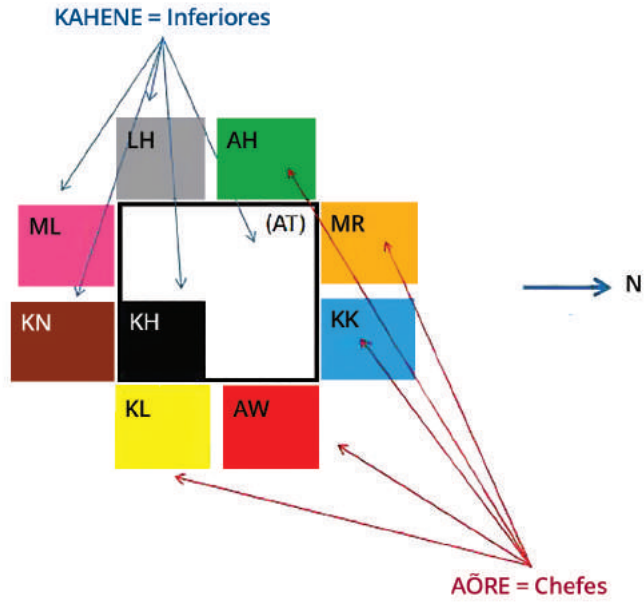
A ordem social Enawene Nawe tem na casa dos clãs o sentido de sua origem, do ajuntamento de grupos que historicamente definiram a atual constituição que caracteriza os Enawene Nawe como um Povo, como Coletivo Social. Desse modo, a Casa do *Yaokwa* desponta também nas narrativas e relatos dos Enawene Nawe como o cerne da história enawene nawe – a cada destruição, uma nova *haiti* é construída, marca sempre um princípio, um espaço-tempo de gênesis (Princípio) social.



Posição das flautas

Nomes dos Clãs

KAILORE	KL
AWERESESE	AW
KAWEKWARESE	KK
MAIROETE	MR
ANIHIARE	AH
(ATOSAIRI)	(AT)
LULAHESE	LH
MAOLOKORI	ML
KAWINARIRI	KN
KAHOLASE	KH



Para esse povo indígena, a *topologia territorial* – amplamente reconhecida e detalhadamente nomeada pela população em geral – está associada de forma direta a uma *topologia musical* da casa das flautas na aldeia.
O elo vital e motor dessa relação é a combinação sequenciada ou incidental das quatro grandes prestações sazonais já citadas denominadas *Yaokwa*, *Lerohi*, *Saloma* e *Kateoko*.

A memória desse processo social e histórico é revelada tanto materialmente, no percurso de construção da aldeia e ordenação das flautas no interior da casa, quanto pelo acervo musical que expressa em suas narrativas cantadas e em suas composições melódicas, as tramas que se desenrolam nesse longínquo trajeto histórico.

As flautas utilizadas nos rituais destinados aos seres celestes são acondicionadas nas residências, enquanto que a Casa do *Yaokwa* abriga apenas os instrumentos "herdados" dessa origem social enawene nawe, as flautas dos clãs utilizadas no Ritual de *Yaokwa*.

Os instrumentos musicais do *Yaokwa* são também antropomórficos, ou seja, compreendidos como gente e enfeitados como eles, ambas as suas vestes (dos homens e das flautas), são feitas de palha amarrada (*esoana*) que são, também, associadas às cobras (que os *Yakairiti* portam enroladas no braço), remetendo-se aos modos *Yakairiti*. Assim, as referências de ancestralidade e destino estão simbolizadas pela presença do Caminho e da Casa de *Yaokwa* e pelos instrumentos musicais e seres sobrenaturais que a habitam, representando a materialização do significado de *Yaokwa* – expressão da integralidade do *ser* Enawene Nawe – conjunto de Pessoas, Espíritos e Flautas.

Os clãs – *Yaokwa* – são, como já assinalamos, formados pela conjunção de Pessoas ("linhagens"), Espíritos (legiões de entes celestes e da paisagem) e Flautas (associadas por sua vez às linhagens e legiões de espíritos correspondentes), conforme ilustra a tabela a seguir. ■

Iyakayriti enewari (nomes iyakayriti)

Classe de instrumentos/ nome do clã	Aweresese	Kayroli	Kawekwalise	Mayroete	Kawinayliri	Aynihyari	Kaholase	Lolahese	Hotakanese
Weresero (flauta 4 furos)	· Aõre makakwalise · Awiware · Anaolire · Xawayñoakwa · Aõlise · Aõre Sakona · Wayakolise'irikʲwa · Katokokaserole · Yonolikase · Ixinikase	· Koletokwaete · Danakateete · Ototakore · Wadakoyarese · Kohyalise	· Tehawinaete · Hawasekwaete · Wetekwo'yolotala · Wadakoliserekwa · Awasekwaete · Awasekwayhĩ · Wadakolikolata · Wetekwoewatakwa · Wetekwo'tonoyra · Xwiyale'holata		· Kahiwinaete · Ototawenare · Kakixi'okwore · Kwidoda'onate · Kaetotewenare · Kanolokokorina · Katanyokokorina · Inirinanakwa · Inirinanahĩ · Onintakahina · Eseweoko · Katajĩ'okworina · Xokokwate · Kadyanaykʲwa	· Kiryare'uitarise · Kehenawe'etere · Esoerese · Dawaytitikyolati	· Kalatakoloete · Hyawisirikʲwa · Anaolikolo · Yayokanosirikʲwa · Anaolikwitako · Lolawenatone · Anaolikolohẽ · Anaolitelehẽ · Anaodayrayli · Onekinyodaete · Ahaolikitako · Ixakokoliro · Yawisirikʲwa · Xakokoliro	· Dawaytiete · Onedikyakoete · Kawalalosene · Huyraytyolise · Kawaykʲulikwa · Otawiñakwa · Xawayalikase	· Hetoyalisirikʲwa · Hetoyatakano · Kawiyatakoli · Hetokwa · Ayamalise · Doalise
Weresero kixixi (flauta 4 furos)							*enore nawe* · Aõre dodoayawayate · Duñalise'walatayare · Tewawinaete		
Alamonkose (flauta de cabaça pequena)	· Kateraliete · Yolalikase · Ixwialikase · Dolalikase · Ihilihioko				· Walaliwinaete · Sayli'kasirekwa · Maõlo'itiwayre · Kakalatakware · Dalokwayli				
Tawaylio (flauta de cabaça média)	· Hyahikyoli · Korowiñaete · Aõre Duñalise · Kamero Holayre · Kamamerokona (este últ.esquecido)			· Tatadakwa'wayate · Enekayti'kawaykʲoli · Aõre Duñalise · Xilikyawayli		· Makakuywalirikwa · Otawalyoko · Makakoyare'kase			
Hawnalayre (clarineta)	· Kalatakoloete · Mahuãriwinaete · Mahuãriwitaoko · Mahuãriseweoko · Dalokwawitaoko · Dotatyoli · Tiholoseneose · Kyatyoli · Kawaykʲulikʲwa · Totatyoli · Ataliete · Tawaykyolise · Donialihinkyase			· Kalatakoloete · Hinkjwaytiñasare · Yawkalasirikʲwa · Yawkwalahinkyase · Dokwikyakwa · Matotokona · Nihyare toliñase · Mahuãdahuare	· One'werataete · One'roliete · One'yahinkʲwa · One'weratayhĩ · Yahinkyakona · Werataete (mar??)			
Honkwatero (flauta rachada ou trompete)							· Walowawatare · Maõtotokwaete · Ahodae · Huyra'kaaliete --- *enore nawe* Lolawenawayhyore		· Kyatihyolire · Tenekayti · Kalonere · Iwawikyolose · Adañaylire

Dalaõli (yodadawe)/dalaõdahuare - um tipo de coco de palmeira, tal como bacaba, que se bebe, os tonoyare ewayate, mas não se usa mais nos EN; Tolyokoli, olorinawe (máscaras, vestes específicas)

Towalinere/malolaoko (talvez antigamente os iyaõkwa fizessem muito anel)
Walalõ
Kiwayriware

(cont.) Iyakayriti enewari (nomes iyakayriti)

Classe de instrumentos/ nome do clã	Aweresese	Kayroli	Kawekwalise	Mayroete	Kawinayliri	Anihiari	Kaholase	Lolahese	Hotakanese
Kakanoyro (flauta de cabaça grande)		• Tayolese • Kameroleraneose • Aõre Duñaliseose • Kamero'holayre • Taõkuyalikase • Taõkuliose							
Walalõ (flauta 4 furos maior)		• Wayakoliri • Daõliriwinaete • Katedawinaete • Hinhyolise • Ui'yalise • Hikvalalatekwa	• Yokokolaete • Yakokolayhĩ • Deraytidakwase • Kahyosiri • Yololi'yaylihĩ • Haytyodalikase • Eololiete • Walaytiahinkase • Walaytiasirikwa • Kwiralayalise • Kwiyayata (ĩhola)	• Hesenewaloene • Marekaneroene • Mayroete • Dikeyñoli • Dotaysirikʲwa • Dotaylyolikʲwa		• Anaoli'nakayli • Duñalisiri (Yodadawe) • Kayataose • Watakakolore (vermelho) • Walonwaylio (branco) • Wãtayhyakohĩ • Kalaytiwenakayli • Ketedawinaete • Hase'aykʲuli • Dawavtikvololire			
Yatokwe (chocalho)			• Aõre Duñalise • Kenekwalosene	• Kayñoalikase • Kayñoaylihĩ • Kalatakoloete • Kayñoalise (ĩhola) • Xolaxolaetere				• Kawaytyolikase • Kawayk'ulikwa • Dalawinaete • Lolawenasirikʲwa • Hoytawinaete • Tatakalisirikʲwa • Duñalise (ĩhola) • Lalorisirikʲwa (ĩhola) • Lalorire • Kawiñalise (ĩhola) • Lalorihinkase • Itawakwa	
Ixinitakoli (honkwatero-weresero hõla) com desenho de onça			• Katayraliete • Kahotahose						
Halawanase (towalinere)								• Dalawawinaete • Huytawinaete • Aõre Ñatokwe • Lolawinasirikjwa • Kamikyolikase	

- Otawaylioko
- Makakwayalirikwa
- Katayralite
- Kehenawetere
- Kalatiwenakali
- Dawaytitikyoware
- Mokotyokolise

AS BARRAGENS: LUGAR DE PESCADORES

As barragens de pesca constituem uma, dentre as modalidades e técnicas de pesca empreendidas pelos Enawene Nawe. A cada etapa ritual - *Lerohi*, *Saloma*, *Kateoko* e *Yaokwa* - corresponde o emprego de determinados pacotes tecnológicos envolvendo o manejo das áreas alagáveis e da fauna ictiológica.

A escolha dos locais e dos instrumentos e técnicas de pesca, além de definidos de acordo com o calendário e as práticas rituais, levam em conta os níveis fluviométricos, as dimensões e profundidade dos ambientes de pesca – rios, lagoas, riachos, córregos – a diversidade de peixes e predominância de espécies (são cerca de 80 espécies conhecidas e manejadas), bem como, os movimentos reprodutivos e migratórios definidos em sua sazonalidade pelos ciclos hidrológicos.



ESQUERDA
CONSTRUÇÃO DA
BARRAGEM DE PESCA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA
– IPHAN, 2008.

DIREITA
DETALHE DA CONSTRUÇÃO DA
BARRAGEM DE PESCA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA
– IPHAN, 2008.



No manejo de lagoas marginais (durante a seca), os Enawene Nawe utilizam a linhada, a pesca com anzol (*Lotakare*), anzol de espera (*Maritihi*) e anzol de colher (*Mere Mere*). Nas lagoas de médio e grande porte que apresentam, em função da seca, baixo nível fluviométrico (e de preferência sem ligação direta com os grandes rios), lançam mão do timbó – venenos/ictiotóxicos, preparados a partir de cipós e cascas de árvores – que é produzido e aplicado com base em minuciosas práticas tecnológicas. São as pescarias de *Aikyuna* do ritual *Lerohi*. Nos riachos recém-alagados (durante a cheia), fazem uso das armadilhas (*Mataxi*) de formato cônico para a captura de pequenas espécies.

Nas áreas alagadas (no final da enchente), além das armadilhas, realizam a pesca com arco e flechas, facões e/ou arpões. Nos rios de médio porte, constroem, na vazante, as barragens do *Yaokwa*.

Vale destacar que cada um dos elementos e instrumentos de pesca encontra correspondência na corporalidade Enawene Nawe, conformando a anatomia do corpo masculino.

Em seu estudo sobre a pesca na sociedade Enawene Nawe, Costa Jr. (1995) observa que a incorporação de novas técnicas, sem prejuízo das formas tradicionais enfatizadas nos ciclos rituais, permitiram, sobretudo os anzóis, e também arpões/máscaras de mergulho, a ampliação da atividade pesqueira com a exploração de remansos, corredeiras, poços e regiões profundas, antes esporadicamente utilizadas.

Os peixes e a pesca por meio das barragens, revelam um universo fascinante onde se fundem práticas, saberes, lugares, personagens, relações e representações que proporcionam inúmeras possibilidades de reflexões: sobre os modos de elaboração de formas de coesão social, sobre os modos de relacionamento entre a cultura e a natureza, sobre o saber e o fazer, sobre os significados do alimento, e tantas outras, inspirando aprendizados diversos.

A dinâmica ritual, que envolve as expedições de pesca e a construção e utilização das barragens, revive e reconstitui, sazonalmente, o *Mito de Dokoi*. ■

O MITO DE DOKOI

Dokoi era o único que possuía uma rede mágica denominada hiala, com a qual capturava grandes quantidades de peixes. Dokoi avisa Ayareoko (seu tio paterno) para ele não pegar a rede, pois ele poderia morrer. Quando Dokoi não estava olhando, Ayareoko pegou esta rede e a mesma se enrolou nele, ele caiu no chão, ficando sufocado, quase morto, de tanto que a rede o apertava. Não podia falar, imobilizado, seu coração batia devagar. A rede o apertou tanto, que ele defecou ali mesmo. Nisso, Dokoi vai procurar a rede e encontra aquela situação, vendo que Ayareoko estava morrendo, pegou uma vara (olokoira) e começou a bater no corpo envolto pela rede, conseguindo libertá-lo. Dokoi disse: "Porque você pegou a rede, você não podia ter feito isso, só eu posso pegá-la, eu sou o dono da rede." Ayareoko ficou pensando – Quase que eu morri. Ressentido, foi para a beira do rio. Pegou uma peneira e tingiu-a de extrato de urucu e resina de jenipapo, criando o pacu de pintas pretas e vermelhas e jogando-o na água. Feito isso, ao retornar para aldeia, o tio paterno diz: "filho, tem peixe no porto". Dokoi respondeu: "Eu vou buscar minha rede". Ayareoko retruca: "Você não precisará da rede, pois os peixes estão em locais rasos". Dokoi, ouvindo-o, pegou seu arco e flecha e flechou o Kayare, que escapou para o meio do rio. Então Ayareoko falou: "Entre lá e pegue os peixes". Dokoi se transforma em peixe e vai atrás dele. Ao entrar na água, um cardume de pequenos peixes se aproxima e eles falam: "Você é ruim, você pegou todos os peixes e eles acabaram, olha o weteco (pátio dos peixes), ele está vazio, não há mais peixes. Quem é o seu pai? Dokoi responde: "Eu sou filho da areia". Os peixes perguntaram novamente: "quem é o seu pai? ". E Dokoi, novamente, respondeu que era filho da areia. Os peixes insistiram: "Quem é o seu pai? " Dokoi mente mais uma vez:
"Sou filho das folhas".
Os peixes não se convencem. "Sou filho do lolaihi (fruto da margem dos rios), sou filho das árvores..." Os peixes disseram: "Você é filho de Dataware". Outros disseram para que fossem embora, pois ele era filho de Dataware e iria voltar, então os peixes começaram a mordiscá-lo e Dokoi avisa: "Parem com isso ou vão morrer, em minhas veias corre Nololohi, o veneno do cipó de Aykyuna e vou lançá-lo sujando toda a água e matando todos vocês". Os peixes respondem: "Se tiver alguma mulher menstruada e se chover forte, não serão todos os peixes que morrerão." "Então eu usarei o veneno Halolase do pequiá, que corre em meus testículos". "Mas se tiver mulher menstruada ou chover forte, poucos morrerão, e então vamos comê-lo, ou, o que mais você poderá fazer contra nós?" "Usarei o veneno Dalala que está em meus olhos, usarei o Waho que está em minhas unhas...".
Os peixes continuaram usando o mesmo argumento, até que Dokoi responde: "Usarei minha cintura (Mata – armadilha das barragens de pesca). Desta vez os peixes se calaram e ficaram com muito medo. Repentinamente aparecem mãos nos peixes, que agarram Dokoi, o peixe agulha lhe desfere um golpe mortal e assim os peixes levam Dokoi até a margem e o devoram. Feito isso, os peixes grandes, com medo de Dataware, pai de Dokoi, fogem em direção aos grandes rios. Enquanto isso, Dataware, dando pela falta do filho sai a sua procura pelos lagos e igarapés, e pergunta a todos os peixes que vai encontrando pelo caminho, se haviam visto seu

filho, se eles haviam comido seu filho. Os peixinhos negam, dizendo que foram os peixes grandes que fizeram isso. Dataware se dirige para as áreas alagáveis e planta todo tipo de árvores que, durante a cheia, produz frutos e flores que servem de alimento aos peixes. Quando tudo fica pronto, Dataware se transforma em um pacu e vai em direção ao grande rio (Juruena). Ao encontrar com os peixes grandes, chama a todos: "Vamos subir o rio que há muitos frutos e flores para a gente comer!" (o avô dos peixes – Jacu – percebe que se trata de Dataware disfarçado e alerta os peixes, porém, eles não lhe prestam atenção e aceitam o convite). Enquanto os peixes se fartam de comer, Dataware rapidamente desce o rio, arremessa os paus para dentro da água e magicamente a barragem se eleva, pronta por sobre as águas. Dataware ainda preparou os jiraus e estocou lenha para defumar os peixes. Terminado, retorna e diz aos peixes que levem comida ao seu avô, preparando o dolate. Dataware retoma sua forma humana e chama Ayareoko e alguns Enawene para irem ajudar a pegar os peixes que, na descida, seriam todos capturados pela barragem encantada. Os Mata pegaram muitos peixes, todo tipo de peixes.



CRIANÇAS ACOMPANHAM A CONSTRUÇÃO DAS BARRAGENS. FOTO: JOSÉ MEDEIROS – IPHAN, 2012.

MULHERES ACOMPANHAM A PARTIDA DOS PESCADORES. FOTO: JOSÉ MEDEIROS – IPHAN, 2012.



Após a temporada dos jogos de futebol de cabeça (em janeiro), pontuam, dia a dia, movimentos, gestos, afazeres, falas rituais que indicam a proximidade da partida dos homens para as barragens. Toda a população masculina, incluindo os meninos, se retira da aldeia em direção aos acampamentos de pesca, todos os anos, entre os meses de fevereiro a abril, com exceção das mulheres, crianças pequenas e dos homens pertencentes aos clãs que cumprem, naquele período, o papel de anfitriões.

Esses acampamentos são construídos em pontos específicos do território enawene nawe – de acordo com a lógica de distribuição dos clãs e seus respectivos *Yakairiti* na paisagem – próximo às margens de rios de médio porte: rio Joaquim Rios (*Tinuliwna* e *Muxikiawina* – tributários do rio Camararé), rio Arimena e rio Preto (*Olowina* e *Adowina* tributários do Juruena) e rio Nambikwara (*Huyakawina* – tributário do Doze de Outubro).

Nesse período que antecede a ida dos *Yaokwa* para as barragens, os anfitriões se ocupam das roças e preparo do sal, enquanto os futuros pescadores se dedicam ao feitio de indumentárias e à coleta da matéria- prima de confecção das armadilhas de pesca – *Mata.* A armadilha *Mata* corresponde ao tórax e abdômen no corpo masculino, é a cintura de Dokoi.

Após o exame e seleção das árvores, os Enawene Nawe procedem ao corte por todo o perímetro do tronco, e outro mais abaixo, distante cerca de 50 cm. Num corte longitudinal e com o auxílio de cunhas, "descolam" a casca em forma cilíndrica que vai sendo estocada no porto para posterior fabricação das armadilhas nos acampamentos.

Os homens mais velhos, durante a madrugada, passam pelas casas entoando cantos que avisam que chegou o momento da partida para as barragens de pesca.

"*Cunhado, peça à sua esposa que prepare muita comida pra levarmos para as barragens de pesca!*"

Na aldeia, os anfitriões executam danças e cantos no pátio, bem como no interior da Casa do *Yaokwa*.

Os mestres de cerimônia (*honerekaiti*) –função ritual rotativa – guiam, em parte, a sucessão das peças rituais, coordenando a pesca. Fazem recomendações acerca dos preparativos para a saída e indicam os momentos adequados de proceder à sequência ritual – organização da partida; oferecimento de sal aos *Yakairiti* no acampamento;

Acorda Dokoi, filho de Dataware. Vá pegar o peixe!
Como antigamente, o cajuzinho já caiu na água e o peixe o comeu,
muito peixe irá comê-lo.
Como antigamente o cajuzinho caiu na água e a matrinchan o comeu
Como antigamente o cajuzinho caiu na água e o pacu o comeu
Como antigamente o cajuzinho caiu na água e o ...
[citação de várias espécies na mesma estrutura do verso].
Vou pescar primeiro o piau, vou pela margem.
Se Dokoi morreu, agora é a minha vez.
Pegarei bastante peixe: pegarei pacu...
Levante para escutar...
Escute, wayato. Não fique triste, fique feliz.
Quando eu voltar, será a vez de outra wayato.
Meu tempo chegará ao fim, haverá outro Yaokwa.
Você vai colher da nova roça, a roça velha está chegando ao fim.
(Dataware): Acorda Dorinero, Yaokwa já começou.
Venha fazer oloyti, ketera...
Não faça pouco, faça muito para o meu ritual.
(Dorinero): Mais tarde farei a comida para o seu ritual.
(Datamare): Porque você fez pouca comida?
(Dorinero): Calma! Isso não é tudo, tem mais...
É assim mesmo, estou fazendo oloyti, ketera...
Nada vai faltar.
Os dançarinos ficarão satisfeitos com o seu ritual.

construção e destruição da barragem; organização do retorno; e sinal de entrada na aldeia. Esses homens experientes são especialistas na leitura de diversos sinais (bioindicadores e outros) que permitem o cálculo preciso para identificar a hora certa de se dirigir as barragens em função da descida dos cardumes de peixe, pelas calhas dos rios, após a piracema. Uma gramínea, denominada por eles *Ohã* (*Gymnopogo foliosu*), pouco antes de florir indica o momento da partida, bem como, uma árvore denominada *Owe* em seu estado de florescência, já seu estado de frutificação indica o fim das chuvas. "A temperatura ambiente dos dias que antecedem a ida para as barragens, por estar relacionada à fenologia de alguns vegetais com significado cultural, também é levada em consideração, pois um

ABAIXO
ATAINA, XAMÃ E MESTRE DE CANTOS.
FOTO: FAUSTO MARTINS
CAMPOLI – OPAN, 1991.

DIREITA
OFERECIMENTO DE SAL NA
BARRAGEM DE PESCA.
FOTO: JOSÉ MEDEIROS – IPHAN, 2012.

período de dias muito quentes, segundo os Enawene Nawe, acelera o processo de amadurecimento dos frutos de várias árvores encontradas nas áreas alagáveis, o que provoca uma antecipação na saída de vários cardumes de peixes onívoros como a matrinchan, o pacu e o piau entre outros." (Costa Jr, 1995:129). Além desses, a observação e conhecimento dos corpos celestes e suas referências astronômicas, conforme veremos no terceiro capítulo, são também indispensáveis nas determinações das atividades rituais.

Na saída, os *harekare* entregam pequenas trouxas de sal aos *honerekaiti*, e as embarcações já prontas e carregadas de comida, instrumentos de pesca, matéria prima para confecção de artefatos e pertences pessoais, partem, inicialmente juntas, até irem encontrando cada qual sua rota. Atualmente, com a incorporação dos motores de popa, e a consequente alteração no tempo do trajeto, os Enawene Nawe chegam rapidamente em seu destino. No tempo das canoas a remo, seguiam pousando, coletando e pescando pelo caminho, num ritmo mais lento.

Os Enawene Nawe que permanecem nos acampamentos de pesca, retiram todas as insígnias que os identificam como Gente Enawene Nawe – os braceletes, tornozeleiras, trocam os brincos de conchas por pequenas argolas de tucum, não raspam as sobrancelhas como de costume, deixam os cabelos despenteados e sem corte, mantendo apenas o estojo peniano. Incorporam uma identidade íntegra durante o período das barragens, simultaneamente humanos e seres sobrenaturais, são os *Yaokwa*.





O *Honerekaiti* oferece o sal aos *Yakairiti* (representado por um pescador enawene). Os Enawene Nawe explicam que os pescadores saem para os acampamentos de pesca acompanhados pelas legiões de espíritos dos *Harekare* anfitriões que permanecem na aldeia. A finalidade da oferenda de sal, como já observamos, diz respeito à troca a ser efetuada com os *Yakairiti*, sal em troca do peixe, pois, como senhores dos peixes, são os *Yakairiti* os responsáveis pela condução dos cardumes em direção às armadilhas.

Além do auxílio dos *Yakairiti*, é Dokoi, por meio de sua cintura (*Mata*), quem captura os peixes, puxando e prendendo-os com toda força. A criação das barragens, de acordo com a narrativa mítica supracitada, é a resposta de Dataware que pretende se vingar dos peixes, responsáveis pela morte de seu filho. Ele os atrai por meio das árvores e frutos que planta e que lhes serve de alimento, induzindo a migração que vai ao encontro das armadilhas. Assim, os Enawene Nawe revivem esse episódio, incorporando a vingança de Dataware pela execução da pesca ritual.

Os Enawene Nawe mantêm uma relação extremamente cuidadosa com as *Mata*, posto que constituem uma peça dotada de vida no corpo arquitetônico da barragem.

As *Mata* se caracterizam por uma extrema sensibilidade, o acabamento de sua borda corresponde ao corte de cabelo típico dos Enawene Nawe. Eles as acariciam, abraçam, conversam com elas: *pegue peixe para mim... pegue muitos peixes, pacu, piau, matrinchan fique feliz, pegue peixes, seja atenta, não deixe escapar nenhum.*

A *Mata* sente a aproximação dos peixes, pois tem a capacidade de ver e ouvir e é muito sensível aos humores e odores em geral. Por serem muito temperamentais definem, em grande medida, o clima que deve ser mantido durante a permanência nos acampamentos. Ela não tolera diversos cheiros, em especial o suor característico dos corpos após os intercursos sexuais dos quais os Enawene Nawe devem abster-se enquanto perdura a pesca de Yaokwa.

Portanto, os Enawene Nawe precisam se banhar, bem como banhar as *Mata*, utilizando ervas aromáticas. Se contrariadas, não capturam os peixes, então é necessário manter um estado de espírito sereno e alegre, não convém falar alto, travar brigas ou discussões, as crianças não devem chorar ou resmungar e não deve haver espaço para a tristeza, produzindo um ambiente que

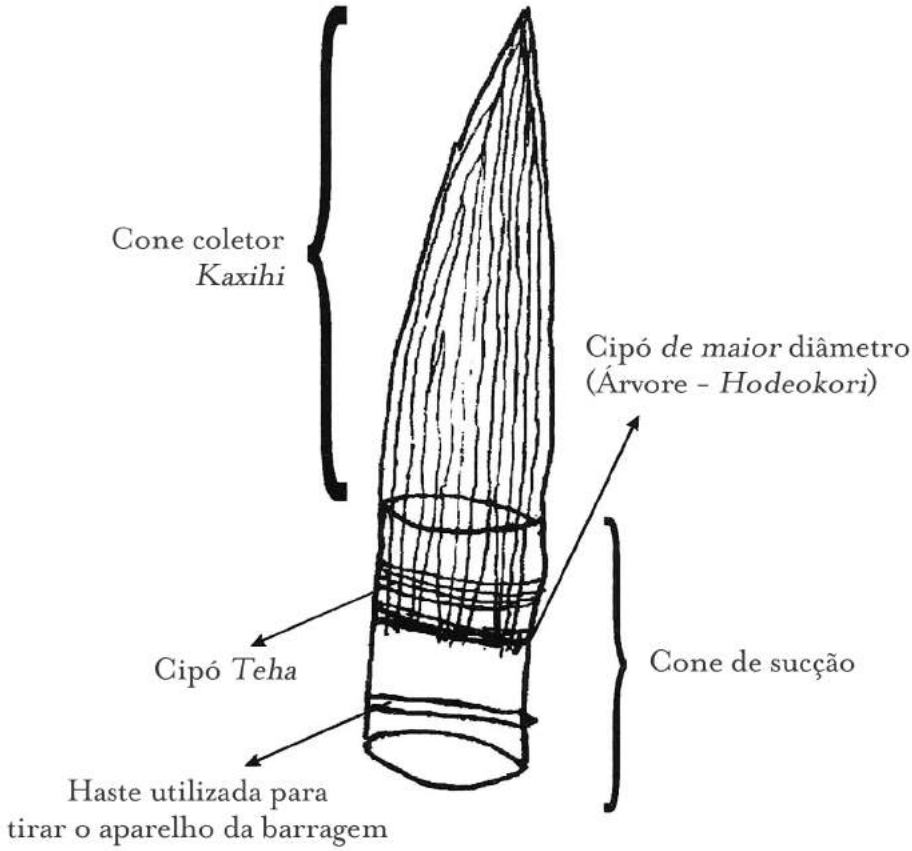
DA ESQUERDA PARA A DIREITA
WALITER'OATKWE ACOMPANHA A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE PESCA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008



O JOVEM HOLOLO AUXILIANDO NA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM PESQUEIRA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.



BAIXO
DESENHO DA ESTRUTURA DA ARMADILHA DE PESCA.
FONTE: PLÁCIDO COSTA JUNIOR, 1995.



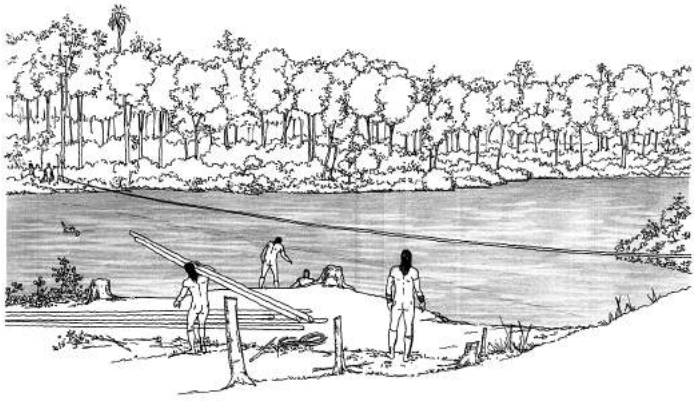
PÁGINA AO LADO
ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DAS BARRAGENS DE PESCA.
JOSÉ MARIA ANDRADE, 2008.

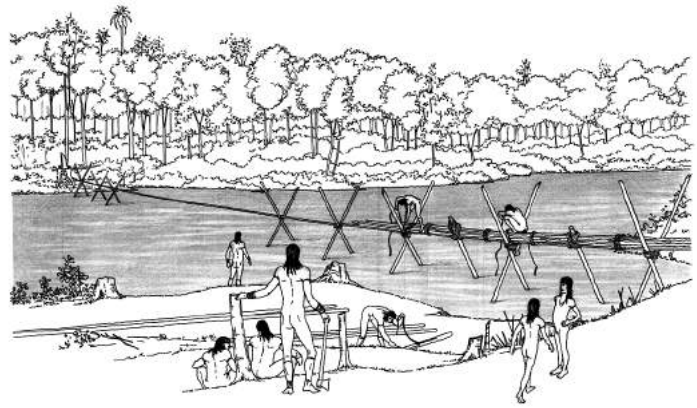
assegure a eficácia das *Mata* em sua função de captura dos peixes.

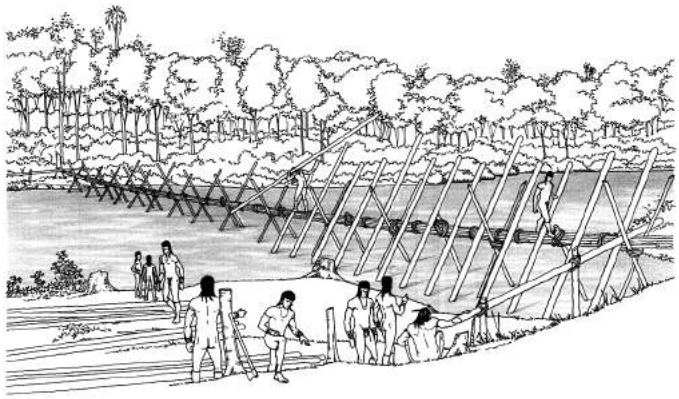
Cada homem possui cerca de uma dezena de *Mata* que ficam distribuídas, como em setores, sobrepostas em compartimentos submersos que se dispõem ao longo de toda a estrutura da construção da barragem e recebem bebidas no momento de seu encaixe (em torno de cem armadilhas, conforme o tamanho da barragem).

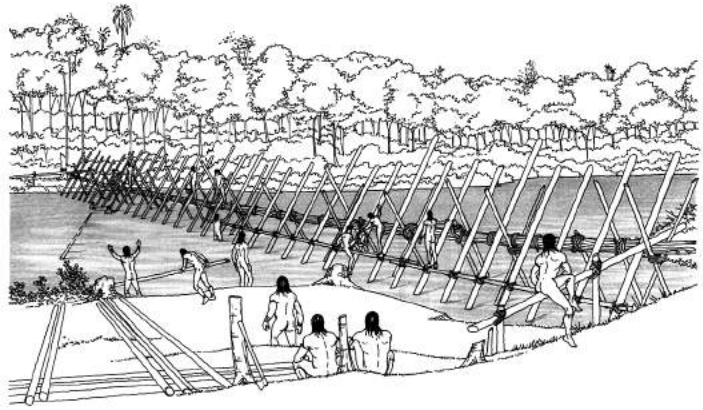
Após procederem rapidamente ao arranjo da infraestrutura necessária à permanência prolongada (limpeza do local e reforma ou construção de réplicas menores das casas da aldeia, com espaços destinados a confecção de grandes jiraus que vão armazenar o pescado defumado) é iniciada a construção das barragens.

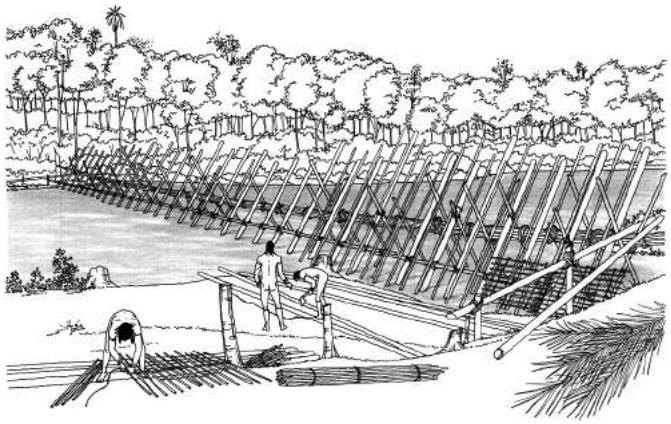
A construção da barragem se dá, em média, em cinco a seis

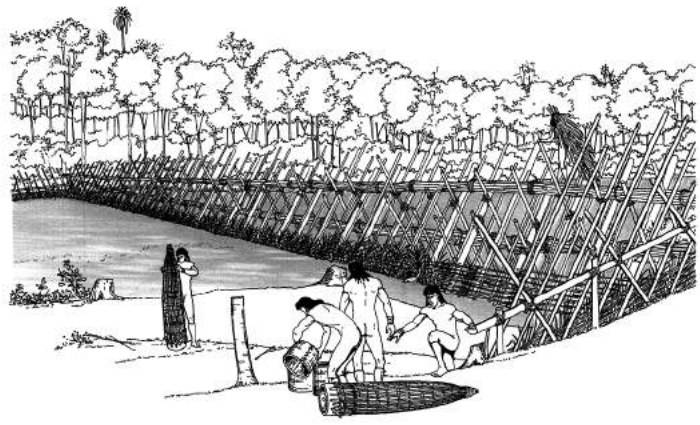












ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DAS BARRAGENS DE PESCA. FOTOS: JOSÉ MEDEIROS-IPHAN – 2012.




















TOWALI'ATOKWE, APÓS RETORNO DOS PESCADORES PARA ALDEIA. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

dias e nesse processo o peixe está excluído da dieta que deve estar restrita aos produtos derivados da mandioca brava. Os Enawene Nawe dão preferência aos pontos mais rochosos no leito dos rios, evitando rompimentos devido à força das águas.

Vejamos as etapas da construção:

Construída a obra e oferecidos os primeiros peixes aos *Yakairiti*, os Enawene Nawe ficam à vontade para comer, beber, fazer coletas, fabricar utensílios diversos peneiras, esteiras, cestos, colares de tucum, brincar, lembrar acontecimentos do cotidiano da aldeia, fofocar, imitar as mulheres, dar muita risada. Mais do que na forma de contos, na sociedade Enawene Nawe, o mito é expresso por narrativas que são, sobretudo, cantadas. Porém, os acampamentos das barragens, local onde não se canta, é também o lugar e o momento privilegiado para ouvir e contar as histórias e mitos referentes aos heróis e ancestrais.

Os *harekare* que ficam na aldeia sempre comentam o quanto é agradável estar nas barragens. Dizem que ser anfitrião dá muito trabalho, enquanto nos acampamentos estão sempre relaxados e com abundância de peixes. Já os *Yaokwa* em expedição, são ressabiados, por considerarem que os anfitriões, a sós com todas aquelas mulheres na aldeia, são uma ameaça, pois se aproveitam de sua ausência para seduzi-las.

As barragens são revistadas três vezes ao dia (de manhãzinha, ao meio dia, e fim de tarde). Mergulham e cada qual vistoria suas *Mata*, recolhendo os peixes e limpando as frestas das armadilhas recolocando-as em seus lugares. Os peixes se amontoam nos cestos cargueiros para serem examinados e então levados. São limpos, em gestos rápidos, e embalados com o pecíolo da folha de buriti. Um conjunto de aproximadamente 15 a 20 unidades, conforme o tamanho dos peixes, contornado por uma embalagem um pouco maior, confeccionada com o mesmo material, que ficará acondicionada nos jiraus (formados por três a quatro prateleiras) por sobre um fogo permanentemente

RETORNO DO *YAOKWA* PARA ALDEIA COM O PESCADO DEFUMADO. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

aceso que irá desidratar e defumar o pescado garantindo o processo de conservação e acumulação.

Os *Honerekaiti*, atentos ao movimento dos astros, em sua observação e conhecimento dos corpos celestes, avisa o momento de retornar à aldeia. No fim das chuvas, e com farto estoque de peixes, coordena o regresso. Conduz os Enawene Nawe até as barragens é hora de destruí-la. Os homens retiram as *Mata*, e vão desfazendo algumas amarras de modo que a força das águas se encarrega de empurrar suas peças leito do rio abaixo, permanecendo apenas os eixos mais estruturais e pesados da construção. De modo tumultuado, assistem ao desmoronamento, falas rituais são entoadas em meio a gritos e breves toques de flautas.

No caminho de volta, todas as embarcações, vindas dos diferentes pontos de acampamentos, vão convergindo até alcançarem o ponto de encontro entre elas, próximo da aldeia, um ou dois dias antes de encenar a entrada triunfal dos pescadores no espaço aldeão pelo Caminho do *Yaokwa*. O momento é de euforia entre os pescadores que se cumprimentam, fazem saudações e analisam de modo comparativo as cargas, comentando os resultados do período da expedição. Alguns *Harekare* dirigem-se para este ponto, a fim de oferecer boas vindas e combinar os detalhes do momento da entrada em cena no pátio da aldeia. Tanto os pescadores (no porto) quanto os anfitriões (na aldeia) irão se adornar adequadamente para esse momento.

É a chegada do *Yaokwa* e o início das *performances* musicais e coreográficas na aldeia. ■



A CIÊNCIA DOS CAMINHOS: OS CANTADORES E AS COREOGRAFIAS



As intensas idas e vindas, saídas e chegadas, de pequenos a grandes grupos da população operam sobre uma verdadeira "ciência dos caminhos" (awiti), sejam eles terrestres ou do conhecimento, geográficos ou cosmológicos.

São também caminhos que ligam a aldeia aos patamares sobrenaturais, o território à casa das flautas através da noção de pertencimento clânico.

As trocas entre os clãs – casamento, aliança, nomes, cerimoniais – também são concebidas como estabelecendo, reforçando ou enfraquecendo caminhos.

Os caminhos atuam, portanto, em várias dimensões cognitivas, como vetores norteadores de toda reinvenção vital e cotidiana de sua sociocosmologia. A ciência de como

ESQUERDA
KAYOWEKASE, XAMÃ E MESTRE DE CANTOS, FALECIDO EM 2010.
FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

DIREITA
SENIORES NO COMANDO DE UMA DAS FASES MUSICO-RITUAIS DO YAOKWA.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.



percorrer, extrair, produzir, mas também desfazer e cuidar desses caminhos e seus ecossistemas é a ciência dos mestres músico-rituais (Sotakatare), figuras absolutamente essenciais à socialidade enawene nawe, condutores por excelência de todos os ritos.

Enquanto os Xamãs (Sotairiti) viajam pelo espaço, através de um transe que possibilita um transporte psicofísico, sendo a eles reconhecida a capacidade de curar em função de seu potencial para se comunicar, ver e interagir com o mundo invisível do sobrenatural, os Cantadores (Sotakatare) são os senhores dos caminhos guias do povo Enawene Nawe por entre esses caminhos e mundos só vistos e descritos pelos Xamãs, que dão testemunho de sua existência e verdade.

Essa ciência dos caminhos exige um conhecimento profundo e extenso dos caminhos de toda espécie percorridos por esse povo, com suas histórias peculiares, da memória coletiva, da ecologia de seu território, enfim, dos segredos e saberes estruturados no tempo. Os Sotakatare são, por excelência, os mestres da atividade ritual, guardiões da cultura enawene nawe, sendo imensa a importância, admiração, respeito, prestígio e autoridade a eles coletivamente conferidos.

Esse entrelaçamento entre Território e Música, impresso em todos os aspectos da vida social enawene nawe, expressam manifestações da mitologia, das narrativas musicais e da estrutura melódica dos cantos, que são compreendidas como portais. Múltiplas vias de acesso a diferentes aspectos dessa sofisticada filosofia ameríndia.

Para abrir os portais e prosseguir nos caminhos, é necessário conhecer as chaves de acesso.
Os cantadores são os únicos que as possuem. É somente mediante o conhecimento do preciso encadeamento da sequência narrativa que é possível dar continuidade ao percurso.
É como se, no ato de cantar, se produzisse simultaneamente os destinos da sociedade Enawene Nawe (ancorados na ancestralidade que a sustenta). Nessa tarefa tão delicada, errar pode ser fatal. O Cantador não pode, não tem licença para errar. O erro leva a imprevisíveis consequências danosas, para si e/ou para seu povo, pois pode atiçar tanto a fúria dos Yakairiti quanto dos Enore Nawe.

Conhecer o fio narrativo, que não pode ser perdido, pois traça a trama da qual depende a ordem social (e cósmica) e seu

BAIXO
TOWAIRI'ATOKWE,
MESTRE DE CANTOS.
FOTO: KRISTIAN BENGTSON, 2005.

DIREITA
EXECUÇÃO DO CHOCALHO *YATOKWE*.
FOTO: FAUSTO MARTINS
CAMPOLI – OPAN, 1991.



contínuo devir, impõe, para aquele que se prepara para exercer essa responsabilidade, muitos anos de dedicação e disciplina no cumprimento de amplas exigências, que prescrevem desde práticas corporais diversas que envolvem os hábitos alimentares, de sono, postura, respiração, bem como, o exercício de práticas e condutas sociais e políticas específicas. Memorizar esse complexo e extenso fio narrativo, sem se desviar da exata sequência vital, requer concentração e atenção extrema e constante, além de determinação, renúncias, abnegação, perseverança e paciência.

A sabedoria e a ciência dos Sotakatare/Cantadores caracterizam, em grande parte, a singularidade do modo de vida Enawene Nawe.

Proceder de modo preciso ao desempenho ritual, por meio do desenvolvimento das narrativas cantadas por meio do toque das flautas que executam a estrutura musical, inclui um complexo de caráter cênico que dramatizam diferentes atos identificados pelas cenografias dadas pelo roteiro de incursão dos instrumentos musicais, ou seja, a própria dinâmica interpretativa das peças, que são identificadas/situadas pelas indumentárias, pela interposição de personagens e figuras coreográficas incidentais, pela repartição dos músicos e dançarinos em cada um dos círculos, que se sobrepõem, em arranjos e descompassos: as coreografias.

As coreografias percorrem trajetos que estão inscritos nesses caminhos, dados pela sequência musical, orientados pelos Cantadores. Elas concretizam a travessia dos portais que vão sendo transpostos pelo itinerário



que perfaz, periodicamente, a história e os saberes do povo Enawene Nawe.

Esse itinerário é revivido e contado em tantos detalhes que se faz praticamente impossível registrar os pormenores de cada gesto ritual significativo nessa longa dramatização que dura meses de apresentação diária. Apresentamos apenas breves descrições de algumas fases músico-coreográficas.

O formato músico-coreográfico que atravessa quase todos os dias da cerimônia do Yaokwa é o de três círculos de canto e dança concomitante, porém, cada qual detentor de um conjunto diverso de instrumento musical (da casa de flautas), cada qual entoando um refrão onomatopeico específico e, consequentemente, uma textura rítmico-melódica específica. Mesmo assim, há um forte engajamento entre os três círculos, tanto ao nível da matéria narrativa dos cantos que é a mesma para cada círculo quanto também ao nível sonoro harmônico (não se trata de uma harmonia vertical, nem configura cacofonia).

Destacamos assim, os seguintes formatos/fases músico-coreográficos expressivos no ritual do Yaokwa: hekali, danekwana e weresero. ■

HEKALI

Abrange várias fases músico-coreográficas no pátio da aldeia. Antecedem à saída dos pescadores para as barragens de pesca e permanecem concomitantes à pescaria nas barragens e posterior chegada dos pescadores.

É a figura incidental dos cantos hekali. Há, contudo, uma importante variação observada na intensidade das *performances* conforme o período de sua execução. A volta dos pescadores para aldeia define o ápice dessa forma coreográfica à medida que o conjunto cênico vai ganhando corpo. Esse formato, peculiar aos ritos destinados aos Yakairiti, adentra também o início do Lerohi, outra modalidade ritual. ■

BAIXO
HEKALI.
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

DIREITA
DANEKWANA.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.



DANEKWANA
DANÇANDO O YAOKWA E (É) FAZENDO, ARANDO, A ROÇA DE MANDIOCA



Figura coreográfica do ritual Yaokwa performada em geral ao final de um dos blocos diurnos de *performances* diárias. Dos três círculos de dança característicos desse ritual, abre-se em linha (danekwana) apenas o círculo maior, aquele que comporta o instrumento weresero o tipo menos grave de flauta doce pertencente ao conjunto de instrumentos da casa de flautas (Haiti), do qual se pode dizer que é o único instrumento interclânico, ou seja, dos nove clãs, pertence a oito deles.
Os demais instrumentos da casa das flautas, todos associados ao Yaokwa, não são de posse de todos os clãs, presentando uma distribuição mais rarefeita.
O movimento em questão é uma espécie de contenção da forma circular própria das várias etapas do ciclo ritual insinuando uma abertura para o espaço do Pátio da aldeia (wetekokwa).

Primeiro dança-se (aolikywa) dentro do espaço da Casa de Yaokwa, depois, ao sair para o Pátio, os dançarinos mantêm-se próximos à Casa, sempre em três círculos. No final, o movimento ganha sua versão extensiva "arando", abrindo", "varrendo" todo o Pátio da aldeia, com a figura nominada danekwana. É a simulação do cultivo da mandioca que tem nas roças, exatamente esse sentido de ampliação do círculo da aldeia ao longo dos anos, até que se esgote, em cerca de dez anos, o diâmetro possível para o plantio, quando se dá a mudança de aldeia. ■

WERESERO

BAIXO
EXECUÇÃO DA FLAUTA *WERESERO*.
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

DIREITA
JOVENS NO YAOKWA.
FOTO: PEDRO RODRIGUES - ÍNDIO PRESENTE, 2016.

A qualidade sonora desta flauta doce de quatro furos compõe, com sua companheira um pouco mais grave walalo, uma textura marcante e expressivamente destoante do restante de blocos de instrumentos musicais.

As linhas altamente melodiosas que executam (quer em termos relativos – intracomparativos, quer "absolutos") destacam-se, no acúmulo de contrapassos dos três círculos concomitantes, como a própria tessitura Yaokwa.

Por isso, não parece casual a larga distribuição destes dois instrumentos (principalmente o primeiro) entre os clãs, se comparados a todos os outros. A riqueza dos timbres de um coro de cerca de 20 a 40 flautas doces desenhando as mesmas ehaynada (linhas melódicas) é extremamente penetrante. Os aerofones, dentre os quais as flautas em particular,





produzem sons extremamente ricos em harmônicos, como se sabe.

Sem dúvida, podemos chamar as ehaynada por elas executadas – a elas atribuídas na condição de instrumentos musicais e clânicos de Temas. Enquanto aos outros instrumentos seriam atribuídos "contratemas", ou mesmo "variações", estruturalmente falando. No entanto, não há nada nas concepções enawene nawe que nos permita distinguir hierarquicamente (ainda que de forma apenas estruturalmente hierárquica) a disposição entre temas e contratemas.

As peças músico-coreográficas são todas calcadas em cantos de referência, cantos-conceitos, e da mesma forma que não se pode dizer que há predominância do círculo executante da flauta doce em relação ao da trompa ou do chocalho, também as partes instrumentais não são contratemática sem relação aos cantos-conceitos. Tratam-se mais de blocos de canto vocal ou instrumental, entremeados segundo sequência diversa por refrãos onomatopeicos estreitamente ligados aos passos minimalistamente distintos da dança circular. Os limites entre esses blocos, alguns Enawene Nawe os glosam como porteiras. ■

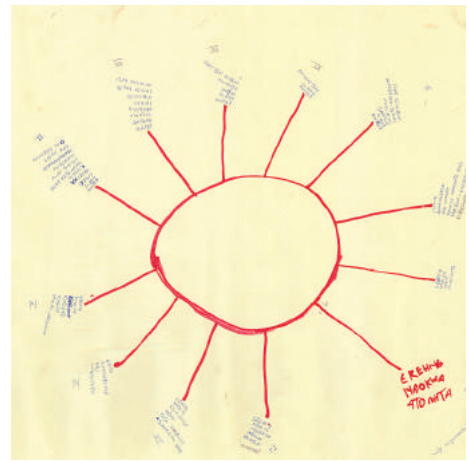


O RITMO DO TEMPO

AS ESTAÇÕES RITUAIS

PÁGINA AO LADO
ENCONTRO ENTRE DUAS GERAÇÕES NO RITUAL YAOKWA. FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

ESQUERDA
CALENDÁRIO DAS ESTAÇÕES RITUAIS. ELABORADO POR MARIKEROSE'ENE KAIROLE E KAMEROSE'ENE KAIROLE, 2008.



Os Enawene Nawe detêm complexas classificações relativas à observação sistemática que fazem do movimento dos astros. Nominam as posições do sol e da lua conforme sua angulação. O ciclo lunar é definido de acordo com frações precisas na identificação de suas fases. As diversas constelações operam também como importantes indicadores de tempo, grafam no céu as marcas de acontecimentos que explicam a origem de fenômenos, regras sociais e representações de seres da mitologia. Todo esse sistema de identificação, classificação e nominação dos corpos celestes é de domínio de alguns seniores, pois exige treino e disciplina para sua elaboração e aplicação. Assim, para a execução de todas as atividades sociais, esse referencial é indispensável e determinante. Pode atuar tanto no sentido ordinário, como um relógio acessível a todos, que demarca as práticas e afazeres do dia a dia, quanto na decodificação qualificada dos ciclos próprios da natureza em consonância com as atividades produtivas e rituais, necessitando aí da coordenação de pessoas capacitadas para a realização dessas orientações. Os Enawene Nawe observam ainda que a pontualidade é imprescindível, pois é definitiva para que suas atividades, quais forem, plantar, pescar, roçar, colher etc. sejam bem-sucedidas.

Os Enawene Nawe distinguem duas grandes estações: a seca (*Iokayti*), em que com maior intensidade estão presentes os rituais consagrados aos *Yakairiti* – *Yaokwa* e *Lerohi*. E a chuvosa (*Onekiniwa*), associada aos ritos concernentes aos *Enore Nawe Saloma* e *Kateoko*. Note-se que essa correspondência se dá em termos de intensidade e opera como marco das estações rituais, pois, na execução ritual podem ocorrem interpenetrações, com recorrentes expressões incidentais entre as diferentes peças rituais.

No interior de cada uma dessas estações, conforme a leitura que articula bioindicadores e indicadores de tempo, desenvolve-se a agitada agenda ecológico-ritual configurando a efervescência da vida social Enawene Nawe. Em sua concepção circular do Tempo, eles compreendem e representam seu movimento no sentido anti-horário. A marcação do tempo é organizada por meio de doze divisões (de base lunar), conforme demonstra o calendário a seguir:



KAWALI, FALECIDO EM 2009, COMO ANFITRIÃO NO RITUAL *YAOKWA*. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

I - YAOKWA EKWATIRI: EREHIYE KADENE YAOKWA ARAKANA/ YAOKWA AKWATIRI TONATIRI

Esta fase define o início do ciclo (anual). Trata-se, de acordo com os Enawene Nawe, do período correspondente as atividades que antecedem a partida dos *Yaokwa* para as barragens de pesca. Orientado pela floração da gramínea *ohã* (explicam – "quando está grávida, um pouco antes do nascimento de seus filhos") e da fase lunar denominada *Tonaytiri*, temos o período *Yaokwa Tonayriri*, caracterizado pelo momento da dispersão dos *Yaokwa* pelos acampamentos de pesca.

MULHERES TOMANDO BANHO NO PORTO
DA ALDEIA DURANTE O PERÍODO EM QUE
A MAIORIA DOS HOMENS ESTÃO DISPERSOS
PELAS BARRAGENS DE PESCA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.

II - YAOKWA ATONAITA: EREHIYE YAOKWA ATÔNITA

Corresponde a um período de dois meses. Indica os afazeres associados, de um lado, ao papel dos anfitriões e anfitriãs (Harekare/Harekalo) e, de outro, dos pescadores (Yaokwa).



CRIANÇAS SE DIVERTEM NA
BARRAGEM DE PESCA.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.



III - WAYTI WIXOMITA: EREHIYE KADENE WAYTI WIXOMITA

O terceiro período corresponde à estadia de dois meses nas barragens do *Yaokwa*. Trata-se da fase em que pescadores (Yaokwa) e anfitriões cumprem com suas prerrogativas. Aos *Yaokwa*, cabe a captura do pescado que será oferecido no cerimonial. Por sua vez, aos *Harekare* e *Harekalo* cabe a tarefa de processar a mandioca e preparar a aldeia para a chegada dos expedicionários.



CONFRONTO ENTRE ANFITRIÕES E PESCADORES NO RETORNO DAS BARRAGENS. FOTO: ARQUIVO OPAN, 1991.

IV – WIXOETA (AKWANEOKOHI): EREHIYE AKWANEOKOHI HIYE WIXOETA/ KOHASE WAKOLATA KALI/YAOKWA ANOLOKWANA IHIYE KALI/ XIROKWADA

O quarto momento está associado ao regresso dos pescadores para aldeia e o marco da entrada no espaço aldeão, *Yaokwa Anolokwana*, caracterizado pela posição sorrateira, *encurvada*, da postura dos *Yaokwa* ao entrar no pátio. O confronto entre pescadores e anfitriões caracteriza a conduta agressiva e selvagem dos espíritos que se apresentam indomáveis nesse período de chegada. A partir daí, após a oferenda do sal pelos anfitriões, os *Yaokwa* são amansados e recebem cocares de penas, *Yaokwa Yohotakwana*, conformando o primeiro círculo de dança *Yoho*, tocando flautas numa peça instrumental sem incidência do canto. Domesticados, tornam-se *Yaokwa Ehairiri*, dando sequência às diversas etapas músico-coreográficas que caracterizam o ritual *Yaokwa* durante quase toda a estiagem.

PLANTIO DA ROÇA DO *YAOKWA*.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.

V – HETALAITI WIXOMINA: EREHIYE KADENE HETALAITI WIXOMINA/IHIYETA AHOKODEHE/WIXOMITA KALI

Esta fase destaca o preparo das roças, primeiro as familiares e depois Roça de *Yaokwa*, simultaneamente à pesca com pequenas armadilhas nos córregos próximos das áreas de cultivo.







ALTO
EXECUÇÃO DA FLAUTA *LEROHI* DURANTE PLANTIO DA ROÇA DO *YAOKWA*.
FOTO: AMEIRO KAHOLASE, 2006.

BAIXO
COLHEITA DE MANDIOCA PARA O RITUAL.
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2007.

VI- KETEWATINA: EREHIYE KADENE KETE WATINA

O quinto período demarca o plantio da Roça de *Yaokwa* (mandioca, e milho de várzea – espécies não nativas) com os procedimentos rituais que envolvem a ação dos sopradores, a oferta de bebidas e peixe e a execução de peças musicais. Indicam a incidência de *Lerohi*, com a aparição dos primeiros gritos e toques de flautas característicos da próxima estação ritual.







VII - LEROHI ARAKANA: EREHIYE KADENE DEROHI ARAKANA/ IHIYETA ATONITA

Execução de peças músico-coreográficas na aldeia, que antecedem à dispersão das pescarias do *Lerohi – Aikyuna* (práticas de utilização de venenos vegetais), incluindo seu retorno e continuidade das *performances* rituais em danças executadas por homens e mulheres na aldeia.

RITUAL SALOMÃ.
FOTO: AMEIRO
KAHOLASE, 2008.

PÁGINA AO LADO ALTO
SEQUÊNCIA DO
RITUAL *LEROHI*.
FOTO: EDISON RODRIGUES
DE SOUZA – OPAN, 2006.

BAIXO, DIREITA E ESQUERDA
SEQUÊNCIA DO RITUAL *LEROHI*.
FOTOS: EDISON RODRIGUES
DE SOUZA – OPAN, 2006.

VIII – SALOMA ARAKATITI: EREHIYE KADENE SALOMA ARAKATITI/ IHIYETA ATONAITA/ IHIYETA KOLETO WIXOMA KALI

Preparo do roçado de milho (terras altas), coleta de mel, período associado às *performances* de *Saloma*. Os Enawene Nawe explicam que as mulheres são as "donas" dessa modalidade ritual, dançada pelos homens.



PESCARIA COM TIMBÓ.
FOTO: PLÁCIDO COSTA
JUNIOR – OPAN, 1994.



DE CIMA PARA BAIXO
JOVEM SE BANHA COM O MEL OFERECIDO PELOS HOMENS NO RITUAL KATEOKO.
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

RITUAL KATEOKO.
FOTO: KRISTIAN BENGTSON, 2005.

IX – KATEOKO ARAKANA: EREHIYE KADENE KATEOKO ARAKANA/ ARAKANA IHIYETA MAHA TERA DANE/EREHIYE DENE WAHOTENE/ EHIYE HETATI ONE TAKWANA

É o início do *Kateoko*, concomitante as primeiras chuvas que marcam a chegada da estação chuvosa. Coleta de mel.



X – KATEOKO TOHETA: EREHIYE KADENE KATEOKO TOHETA/ IHIYETA ARAKANA

Retorno das roças e dos acampamentos de mel. Execução das *performances* músico-rituais do *Kateoko* na aldeia. Modalidade de domínio dos homens, dançado pelas mulheres.



ATAINA E MULHER RIKBAKTSA DURANTE VISITA A UMA ALDEIA DESTE GRUPO. FOTO: ANA PAULA LIMA RODGERS, 2008.

XI - AMAYATAMA KALI: ERETA AMAYATAMA KALI/ IHIETATOTA

Período caracterizado por se tratar de um momento propenso a possíveis expedições mais livres pelo território ou viagens para trocas com outras etnias da região.



PERFORMANCE DE *YAOKWA*.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008

XII - EKWATIRI: EREHIYE KADENE OLIXIWALAHOALI/ TOTA YAOKWA TERAKANA IHIYEE

Colheita do milho novo e execução dos cantos que antecedem os preparativos para a saída dos *Yaokwa*. Durante esta fase ocorre um rodízio de dois a três dias no qual os clãs se alternam no papel de anfitriões. Falas rituais, passagem para o início do novo ciclo que se repete.



Como podemos ver, cada uma dessas doze divisões não estabelece correspondência direta com os meses do calendário romano, ainda que o ciclo, em ambos os casos, complete o período de um ano. Há divisões que estabelecem marcos de duração de meses, enquanto outros se referem a dias. A ênfase, portanto, recai no que para eles indica os seus marcos temporais, dados pela eleição de práticas e técnicas produtivas indissociáveis de eventos de caráter ritual. Dessa maneira, os rituais *Yaokwa* e *Lerohi* tomam a quase totalidade das prestações e *performances* do ano (quase nove meses), sendo *Yaokwa* o mais extenso.

Assim, no calendário que define a agenda ecológico-ritual dos Enawene Nawe, as estações estão não apenas compreendidas como um ciclo natural, mas, acompanhadas por *performances* específicas, por repertórios musicais e incidências instrumentais características de cada contexto ritual, associados, por sua vez, a manejos e pacotes tecnológicos correspondentes a cada período demarcado.

Além do calendário, a sucessão das gerações, corresponde a uma demarcação temporal de grande relevância, definindo um eixo vital da organização social Enawene Nawe. ■



AS FASES DA VIDA E A TRANSMISSÃO DOS CONHECIMENTOS

Tiraware/Tirawalo é o nome dado ao feto (fase intrauterina). Nessa etapa, segundo os Enawene Nawe, temos a formação do tronco, depois dos braços, das pulsações cardíacas, para então, termos as pernas e, por fim, a cabeça. Ao morrer, as pulsações cardíacas do pulso e olhos se dirigem para o *Eno* (alto) porque são de domínio dos *Enore Nawe*, tal como os membros superiores e a cabeça. As pulsações e membros inferiores são de domínio dos *Yakairiti*. A sombra (*Dakoti*) vagueia pela floresta e antigas aldeias como um espectro preso à dimensão terrestre.

Nessa "divisão" percebemos o sentido de *Yaokwa* expresso pela corporalidade, posto que os componentes que dão forma ao corpo são, há um só tempo, a conjunção de patamares distintos, de humanidade/clãs e de legiões de espíritos. *Yaokwa constitui a integralidade*

ESQUERDA
FAMÍLIA ENAWENE NAWE.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.

DIREITA
JOVEM BANHA SEU FILHO NO PORTO DA ALDEIA.
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.



do ser enawene nawe. Assim divisíveis, os Enawene Nawe são formados por essas diferentes fontes e, ao mesmo tempo, originam a partir de seus corpos cada uma dessas dimensões que se retroalimentam num ciclo de vida e morte. A morte não é compreendida como fenômeno natural, mas como resultado da ação dos *Yakairiti* ou, mais raramente, dos *Enore Nawe*.

Quando uma criança nasce, sendo o primeiro filho ou filha, sela a união do casal no momento em que o pai reconhece a paternidade pagando peixe ao sogro. A criança que havia sido nominada pela família materna será identificada pelos nomes escolhidos pelos avós paternos e pertencerá por toda a sua vida ao clã do pai. A partir de então, tanto os pais como os avós mudarão de nomes e serão chamados por referência ao primogênito.

O recém-nascido – *Wesekoitakori/ Wesekoitakolo,* logo em suas primeiras horas, terá seu cabelo cortado à moda Enawene Nawe (raspam as orelhas e deixam a franja bem aparada). Receberá adornos: brincos de tucum, braceletes e tornozeleiras de algodão.

As fases da vida serão classificadas de acordo com a definição de etapas, nominando 14 categorias de idade, incluindo a vida intrauterina. Essas categorias operam como marcadores temporais para a pessoa e estão caracterizadas por insígnias corporais, indumentárias, aprendizados e desenvolvimento de habilidades específicas, práticas alimentares (introdução e restrições de alimentos), papéis, prestígio e posição social.

A fase entre aproximadamente dois a seis meses é a idade denominada *Enawehorairi/*



Enawehorailo. Inscreve-se nela a substituição dos adornos de algodão por tucum e a introdução alimentar de bebidas à base de mandioca.

Quando engatinhar *Anolokwari/Anolokwalo*, a criança receberá brincos de conchas de água-doce e muitos colares, com pingentes de tucum, sementes, penas, dentes, tendo que suportar um sobrepeso que, segundo os Enawene Nawe, opera como um amuleto, protegendo o bebê, seu sono e sua saúde. As meninas recebem voltas de tucum na cintura. Dizem ainda, que nessa fase da vida já começam a reconhecer o *Yaokwa*, não tanto pela indumentária que o caracteriza, mas, principalmente, pela vocalização do refrão melódico (tessitura do *Yaokwa*). *Atetoarise/Atetoalose* corresponde ao período de manter-se em pé, iniciando os primeiros passos.

Atonaharese/Atonahalose, a criança que caminha, receberá tornozeleiras – de algodão – permanentes mantendo-se os braceletes de tucum. Nessa fase o peixe é introduzido em sua alimentação e entre os três, quatro anos, as meninas receberão as caneleiras de borracha. A partir dos três anos, os braceletes também serão permanentes, agora de algodão e o sobrepeso dos colares é retirado, são os *Dinoarese/Dinoalose*.

Dos sete aos onze anos – *Enawaretese/Enawalotese* – temos uma visível ampliação do universo infantil. Nessa fase as crianças já acompanham os pais em diversas atividades e executam inúmeras tarefas. Buscam água, cuidam dos irmãos menores, realizam coletas nos arredores da aldeia.

As meninas se iniciam no tear e no preparo de cabaças, enquanto os meninos exercitam a pontaria em pássaros e peixes e o mergulho com máscaras. Todos inventam uma série de brincadeiras. As meninas montam casinhas nos fundos das residências, com folhas ou lonas, os meninos constroem pequenas barragens nas valas que cavam próximas ao córrego de banho; transformam borboletas em pipas vivas, árvores em trampolins, cascas em escorregadores e barcos potentes.

Enquanto os meninos se aventuram pelas águas, no meio do mato e arredores da aldeia, ou acompanham os pais em expedições e viagens, as meninas brincam mais perto de casa. Possuem miniaturas de ralos, cabaças e xires, ajudam no preparo dos alimentos, acompanham as mães na roça e adoram se pintar, umas as outras, de urucum. Já nessa fase se identificam como *harekalo* – anfitriãs – dos rituais, caso seja esse, naquele momento, o papel de sua mãe. Bem como, os meninos, já se

ESQUERDA
MENINAS (*MAKANATONERORE*), NÃO POSSUEM TATUAGENS, SINAL DE QUE AINDA NÃO MESTRUARAM. FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

BAIXO
RITO DE INICIAÇÃO MASCULINA. FOTO: ANA PAULA DE LIMA RODGERS, 2003.



consideram *Yaokwa* ou anfitriões, conforme o rodízio em pauta.

Entre os doze, treze anos, é que se oficializa a permissão para a participação efetiva nos rituais, e com ela a definição mais precisa de tarefas e a responsabilidade de cumprir com determinadas funções. As meninas *Makanatonerore* intensificam a habilidade de cozinhar e tecer, e os meninos *Awitaretese* iniciarão o aprendizado da confecção de utensílios, das primeiras amarras e trançados, da condução de embarcações e de carregar matéria-prima em momentos de construções. São eles também, os responsáveis pela limpeza dos peixes retirados da barragem de pesca do *Yaokwa*.

Após o rito de passagem, tornam-se *Awitariti* e *Awitaloti*. As tarefas permanecem praticamente as mesmas devendo ser aprimoradas, com a diferença de que se inicia a vida sexual. Após os estados de reclusão e a observância de prescrições alimentares e práticas específicas dos ritos iniciatórios, os meninos recebem o estojo peniano e as meninas serão tatuadas. Altera-se então o *status* social e há obrigatoriedade em participar das *performances* rituais.

No nascimento do primeiro filho, a categoria *Enetonasere/Enetonasalo* descreve uma nova fase da vida em que seu nome será substituído por referência ao primogênito, e agora a nova posição começa a implicar em maior prestígio social. As mulheres retirarão os brincos de conchas e as pulseiras com chocalhos, serão responsáveis por uma parcela do roçado, por carregar a lenha e podem ser iniciadas na arte da olaria. Os homens já devem apresentar domínio na confecção de artefatos, indumentária

PRODUÇÃO DAS CANELEIRAS
UTILIZADAS PELAS MULHERES.
FOTO: KRISTIAN BENGTSON, 2005.

(com exceção dos cocares, e de instrumentos musicais), devem prover fartos roçados, cortar lenha e edificar com destreza. Eles serão, ainda, donos de algumas *Mata* e podem ser iniciados na técnica da tapiragem, que consiste em alterar a pigmentação das penas de aves para a confecção da arte plumária que compõe a indumentária dos rituais.

Com a chegada do quarto filho, após os 25 anos, aprofundam-se as funções rituais. O desempenho direto das tarefas estruturantes da dinâmica social enawene nawe é um período marcado tanto para as mulheres, quanto para os homens *Kolakarinasare/ Kolakarinasalo* por intenso trabalho e produção. Para os homens, é também a fase de interlocução política mais sistemática para com a sociedade e o estado nacional.

No sexto filho e/ou primeiro neto, devem ensinar e



se responsabilizar pela manutenção e reprodução das práticas sociais, podem tornar-se especialistas em algumas funções específicas necessárias e indispensáveis à ordem social Enawene Nawe. É quando se detém um conhecimento aprimorado das inúmeras técnicas enawene nawe empregadas em todos os setores de sua organização social, dos lugares, das paisagens, das histórias, dos usos e manejo dos recursos que configuram a biodiversidade, coordenam a dinâmica social, mais do que o trabalho e a produção em si, essa fase *Kolakalare/Kolakalalo* exige atenção e concentração. Não executam mais as coreografias *Saloma* e *Lerohi*.

Os homens continuam participando, ainda nessa fase, ativamente dos debates e decisões políticas em relação às interlocuções com a exterioridade, com exceção daqueles cujo aprimoramento de especialidades está em curso, exigindo maior dedicação a tais tarefas e menor exposição em situações públicas e/ou controversas – este é especialmente o caso dos aprendizes da música. As mulheres passam a se dedicar mais à olaria e, com menor intensidade, à prática do tear. Os homens modificam a pintura corporal e as marcas presentes na indumentária ritual,

como os braceletes que até então exibiam penas de arara, e, então, passam a ser prioritariamente de penas de mutum. Tornam-se *experts* na confecção de diademas coronários e na produção de artefatos próprios a algumas especialidades clânicas, como as cestarias, ou instrumentos musicais.

A última categoria é denominada *Ihitariti/Ihitaloti* são os avós. Para aqueles que aprimoraram os saberes e práticas atribuídos a cada etapa da vida, especialmente os que se tornaram especialistas em alguma função específica, atingem, nessa fase, o *status* de mestre, Pessoas dotadas de grande destaque e prestígio social, ocupadas em garantir a fina articulação entre a ordem social e a ordem cósmica, permanecem centrados e voltados para os interesses intrínsecos à sociedade Enawene Nawe. Condutores das práticas rituais devem primar pela perfeição da execução das peças músico-coreográficas. No que diz respeito às tarefas de construção, edificação, aplicação de técnicas de manejo, pesca, cultivo e outras, operam como supervisores, sempre recebendo os alimentos cerimoniais, tocando e cantando. Os homens diminuem o tamanho dos brincos de conchas e as mulheres o número de cintos de tucum. Nessa fase as mulheres são também as exclusivas responsáveis pela manufatura das argolas de borracha – caneleiras femininas.

O prestígio social é, desse modo, definido a partir da articulação entre as variáveis: especialidades desempenhadas, papéis sociais, clã ao qual pertence, alianças, e posição que ocupa na sucessão das gerações. As categorias de idade determinam, portanto, o desempenho de funções sociais fundamentais na manutenção e reprodução da estrutura social.

As rodas de dança, nos diversos rituais, seguem sempre uma sequência cronológica em sua ordenação. Na ponta do(s) círculo(s) de *Yaokwa*, que puxa o giro anti-horário, estão os *Ihitariti*, seguidos pelos *Kolakalare*, e assim por diante, até seu fechamento na presença dos *Awitariti* e alguns *Awitaritese*.

Assim, todas as atividades estão orquestradas por esse arranjo dado não apenas pela divisão entre os gêneros e entre os clãs, como também, a partir das categorias de idade. A Roça de *Yaokwa* (*Ikioakakwa*), por exemplo, no que tange às categorias de idade, se estrutura da seguinte forma: inicia-se tanto o processo de derrubada, quanto, posteriormente, do plantio pela área central – para os velhos, em sua expansão, vem a área dos *Enetonasare/Enetonasalo* e, as áreas periféricas, correspondem aos *Awitariti/Awitaloti* e *Awitaritese/Awitalotese.*

ENCONTRO DE GERAÇÕES
DURANTE OFERECIMENTOS
DO RITUAL *YAOKWA*.
FOTO: EDISON RODRIGUES
DE SOUZA – OPAN, 2006.

A transmissão dos conhecimentos se dá no cotidiano, tradicionalmente e idealmente no convívio interno ao grupo familiar, pelos pais e mães biológicos ou classificatórios, irmãos e avós. Já as especialidades, tendem a se reproduzir internamente aos clãs, mais comumente passando de pais para filhos, comportando a manutenção do acervo de saberes configurado pelas distinções e especificidades clânicas na complementaridade que define a composição social Enawene Nawe. Porém, se for o caso, é possível ser ensinado por um especialista de outra família, ou até mesmo de outro clã, se necessário, mediante pagamento (trocas pré-estabelecidas na recompensa por esse serviço). A dinâmica de ensino-aprendizagem realiza-se invariavelmente com ênfase na observação e na prática, é preciso aprender *saber-fazer*. ■



A FORMAÇÃO DOS CANTADORES: KOTE E A CASA DO YAOKWA



DIFERENTES TIPOS DE FLAUTAS DO *YAOKWA*. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

No caso da formação de especialistas herbalista, soprador, xamã, músico/cantador ou outras – o sistema é o de mestre / aprendiz, no desenvolvimento de processos específicos. A cada especialidade corresponde uma metodologia específica de ensino particular, já que estão em evidência técnicas e saberes determinados de acordo com cada contexto de qualificação. A duração do tempo de formação também varia em ampla escala, dependendo da continuidade e assiduidade do processo, bem como, dos estágios e exigências próprias, concernentes a cada especialização em pauta. Contudo, apenas a larga experiência resulta em maestria e reconhecimento social.

As especialidades se destacam pela importância dos papéis e funções que desempenham na



WALITERE, MESTRE DE CANTOS.
FOTO: FAUSTO MARTINS
CAMPOLI – OPAN, 1991.

manutenção e reprodução da ordem social Enawene Nawe, por meio da capacidade adquirida, por meio de muita disciplina e dedicação, de estabelecer comunicação com o sobrenatural. Alcançar essa conexão entre as instâncias indissociáveis da Sociedade e do Cosmo, esferas interdependentes, é vital para garantir a continuidade da humanidade e dos Enawene Nawe.

O músico *Sotakatare* (cantador), como já assinalamos, corresponde a uma categoria de especialistas imprescindíveis à execução das quatro grandes peças do complexo ritual, que demarcam a temporalidade enawene nawe. Eles são, por meio da sua ciência, os condutores dos caminhos que devem ser percorridos por esta sociedade em diversos rumos, em direção aos espíritos, aos patamares que compõe o universo, ao passado, ao presente e ao *devir*. No ato de cantar, soprar as flautas e orquestrar as coreografias inscreve os sentidos das referências de ancestralidade e destino.

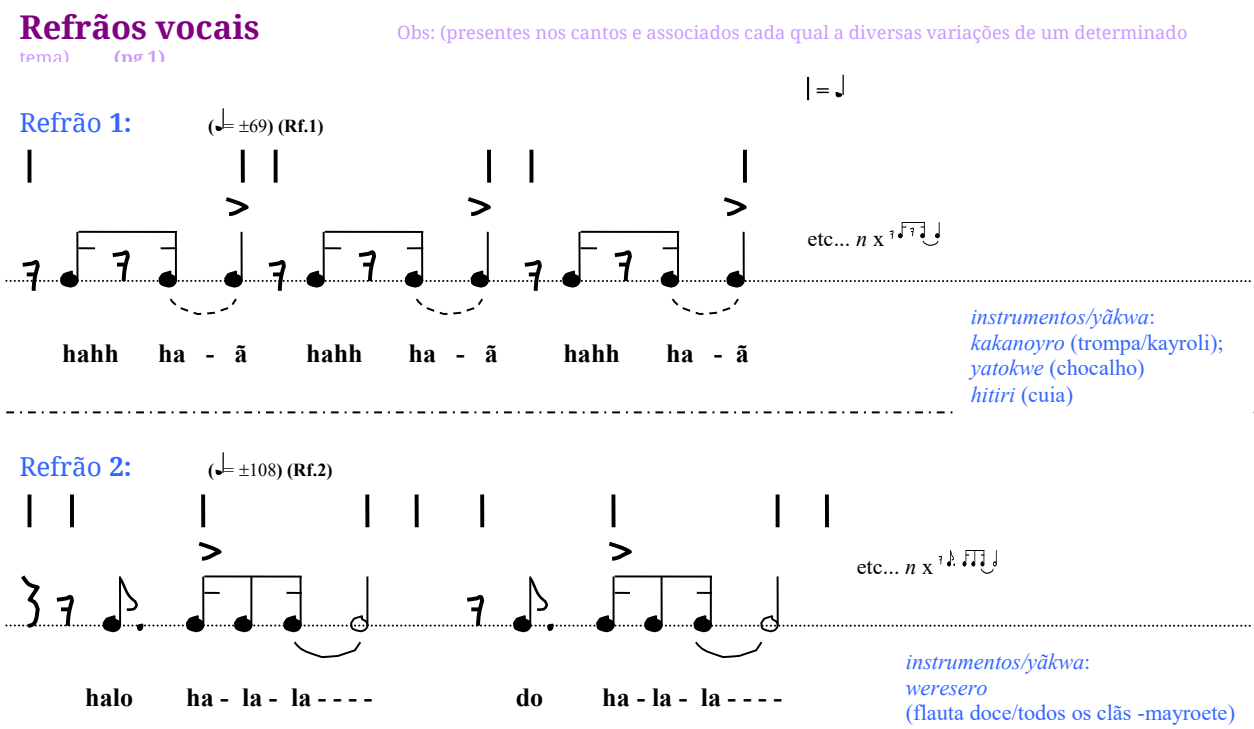
Por meio da música encontram a via de acesso para inserção na totalidade cósmica e, assim, reafirmam sua coparticipação na ordem do mundo, concretizando-se como sujeitos, intervindo por meio do rito como veículo de transposição no espaço e no tempo.

Como guardiões da memória coletiva, atuam como mestres músico-rituais que guiam o contínuo devir. Sem permissão para errar, dada a finalidade de seu exercício, as técnicas de memorização e respiração constituem o método por excelência de sua prática poética.

O aprendiz precisa repetir incessantemente a sequência musical e é só a partir do domínio de um determinado bloco de cantos que é possível avançar em direção aos estágios seguintes. Á medida que os conjuntos de blocos, que desembocam sempre em inúmeras ramificações, vão sendo memorizados, ampliam-se os trajetos musicais e consequentemente o conhecimento e o acesso às chaves de compreensão dos segredos e saberes, estruturados no tempo, da sociedade Enawene Nawe.

É ideal e recorrente, mas não é regra, que filhos de importantes cantadores e/ou chefes clânicos tornem-se também cantadores na expectativa de manutenção dessa posição e, principalmente, na obrigatoriedade moral de garantir a reposição dessa imensa responsabilidade social. Ao mesmo tempo, não é incomum observar certa resistência em assumir tal papel, apesar do imenso prestígio

PARTITURA DO REFRÃO DE CANTOS
DO RITUAL *YAOKWA*.
ANA PAULA LIMA RODGERS, 2008.



a ele coletivamente conferido, pois, as implicações envolvidas no processo de formação, levam ao medo da pressão e do fracasso.

Fracasso em função das dificuldades que esse processo de aprendizado e sua técnica de memorização representam e pelo medo do que o erro pode significar. Pressão, em função de ter que se expor e lidar constantemente com os seres espirituais e o perigo iminente do sobrenatural, além da vigilância e expectativa da própria sociedade.

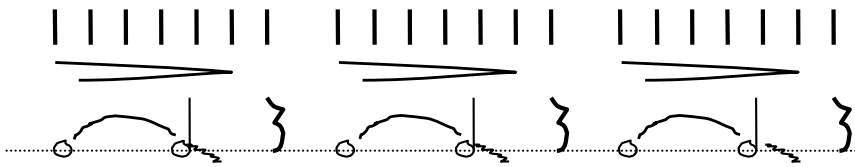
No entanto, se o acesso não está, portanto, igualmente dado para todos os membros da sociedade, os que estão de algum modo marcados para o exercício dessa função, dificilmente têm como escapar. Para aqueles que desde cedo demonstram interesse em se iniciar nessa especialidade, o processo pode se iniciar, ainda informalmente, já na fase *Kolakarinasare,* passando à sistematização e intensificação dos processos de aprendizagem no período *Kolakalare*.

Cada clã, como vimos, é dono de repertórios e instrumentos musicais, assim como detém correspondências sonoras e cantos relativos às legiões de espíritos celestes e da paisagem, definindo

PARTITURA DO REFRÃO
DE CANTOS
DO RITUAL *YAOKWA*.
ANA PAULA LIMA
RODGERS, 2008.

Refrão 3:

(♩= ±104) **(Rf.3)**



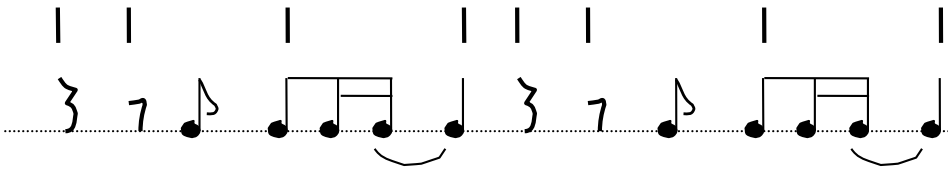
haaaaaaaammm haaaaaaaammm haaaaaaaamm

etc... 7 x

instrumentos/yãkwa:
weresero (flauta doce1)/todos os clãs
-mayroete);

Refrão 4:

(♩= ±104) **(Rf.4)**



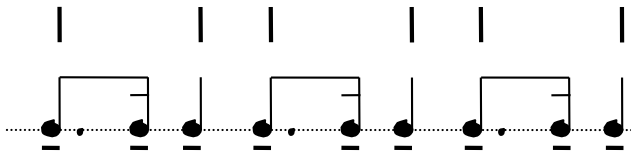
aha - - ha a - haamm - a - - ha a - haamm

etc... x

instrumentos/yãkwa:
weresero (flauta doce1)/todos os
clãs)

Refrão 5:

(♩= ±116) **(Rf.5)**



hã hã hã hã hã hã hã hã hã

etc... *n* x

totokwohi : atokwekayti



OLODORI'ENE.
FOTO: RODRIGO PETRELLA – IPHAN, 2008.

conduções específicas nas peças rituais. Há aqueles que dominam os blocos de *Saloma*, por exemplo, ou do *Lerohi*, ou então, diversos blocos em diferentes etapas rituais, mas, nunca é possível abarcar a totalidade do acervo musical a ser entoado na combinação e alternância entre os cantadores cada qual atento aos seus domínios. Dessa maneira, os Enawene Nawe dizem que contam, quase que invariavelmente, com cerca de dez mestres-cantadores. Independente da filiação do canto, por legiões de espíritos e clãs, o verdadeiro dono desse vasto acervo musical é *Kote*.

Kote é um *Yakairiti* e sua morada é a Casa do *Yaokwa*. Ele opera como um regulador do acesso e exercício da função, permitindo ou boicotando a iniciação e o aprendizado, dependendo de sua avaliação a respeito do dom, vocação do aprendiz. Em última instância, é ele quem seleciona, define e dá permissão para o desenvolvimento do papel de cantador de acordo com seus critérios de aprovação e reprovação.

Depois de iniciado, o cantador manterá um vínculo permanente com *Kote* que se faz onipresente na vida dos *Sotakatare*. O treino da memória que se dá pela relação mestre-aprendiz, na observação e repetição, depende também da intervenção de *Kote*, expresso pela dinâmica *lembrar-esquecer*.

Para o aprendiz conseguir reter a exata sequência do fio narrativo e seus percursos, é necessário cumprir com algumas exigências: evitar exposição em espaços públicos, contextos de agitação, confusão – falar pouco, manter-se reservado; buscar

o silêncio e a contemplação aprimorando a capacidade de concentração; dormir pouco, procurando no descanso manter-se em estado de vigília, pois o relaxamento corporal completo desvia a atenção, ao mesmo tempo, que se adormecer profundamente, a postura corporal corre o risco de ficar em posição lateral, o que pode ocasionar a fuga de trechos da sequência musical, que podem escorregar pelos ouvidos para fora da pessoa; passar inicialmente por restrições alimentares, mas principalmente, deve comer lentamente, pequenas porções, devendo aguardar um pouco para que *Kote* possa se satisfazer primeiro – todo alimento servido ao *sotakatare* deve ser antes ofertado a *Kote*. Além disso, deve ser um bom pagador de seu mestre, se for esse o caso, e sempre generoso com *Kote* em todas as suas demandas.

Quanto mais disciplinado e atento no processo de sua formação, mais o cantador memoriza e é recompensado, em sua dedicação, pela complacência de *Kote* em permitir o acesso e a fixação dos caminhos.

Mesmo já mestre, com o relaxamento de algumas prescrições, o cantador não deve vacilar, sob pena de *Kote* tomar de volta para si a memória dos trajetos musicais, a não observância dessas regras tem como punição o esquecimento, podendo ser irreversível, dependendo da avaliação de *Kote* sobre a gravidade da falta cometida, condenando o cantador ao tormento de ficar perdido e preso num labirinto de feições angustiantes.

Senhores dos caminhos e detentores da memória e dos destinos, os cantadores são soberanos no privilégio de conduzir a co-partipação e co-criação dos Enawene Nawe na ordem do universo, tal como eles a concebem.

Sem a música e, portanto, sem seus cantadores, a sociedade Enawene Nawe estaria imediatamente condenada ao infortúnio, posto que sem os guardiões da memória e sem as flautas que a transmite, as sementes não brotariam, as produções e os alimentos seriam inviáveis, todos os Enawene Nawe seriam acometidos por doenças, fome, epidemias e devorados pelos *Yakairiti*. Seria o triunfo do caos e o fim dos Enawene Nawe.

Este constitui o sentido indispensável da música e de seus cantadores na execução dos Rituais vitais na garantia da sobrevivência desse povo. O ritmo do Tempo dado pelo compasso musical e por uma poética do Espaço. ■

HOMENS EXECUTAM O *YAOKWA* NO INTERIOR DA CASA DAS FLAUTAS. FOTO: MARCUS MALTHE – GRENPEACE, 2006.





O OBJETO DE REGISTRO

O RITUAL YAOKWA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

ESQUERDA
GRAVURA RUPESTRE ENCONTRADA NA MARGEM DIREITA DO RIO JURUENA. FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2007.

BAIXO
PANELA UTILIZADA NOS RITUAIS. FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2006.

No caso da formação de especialistas herbalista, soprador, xamã, músico/cantador ou outras – o sistema é o de mestre / aprendiz, no desenvolvimento de processos específicos.
A cada especialidade corresponde uma metodologia específica de ensino particular, já que estão em evidência técnicas e saberes determinados de acordo com cada contexto de qualificação.
A duração do tempo de formação também varia em ampla escala, dependendo da continuidade e assiduidade do processo, bem como, dos estágios e exigências próprias, concernentes a cada especialização em pauta. Contudo, apenas a larga experiência resulta em maestria e reconhecimento social.

As especialidades se destacam pela importância dos papéis e funções que desempenham na manutenção e reprodução da ordem social Enawene Nawe, pela capacidade adquirida, por meio de muita disciplina e dedicação, de estabelecer comunicação com o sobrenatural. Alcançar essa conexão entre as instâncias indissociáveis da Sociedade e do Cosmo, esferas interdependentes, é vital para garantir a continuidade da humanidade e dos Enawene Nawe.



O músico *Sotakatare* (cantador), como já assinalamos, corresponde a uma categoria de especialistas imprescindíveis à execução das quatro grandes peças do complexo ritual, que demarcam a temporalidade enawene nawe. Eles são, por meio da sua ciência, os condutores dos caminhos que devem ser percorridos por esta sociedade em diversos rumos, em direção aos espíritos, aos patamares que compõe o universo, ao passado, ao presente e ao *devir*. No ato de cantar, soprar as flautas e orquestrar as coreografias inscreve os sentidos das referências de ancestralidade e destino.

Por meio da música encontram a via de acesso para inserção na totalidade cósmica e, assim, reafirmam sua coparticipação na ordem do mundo, concretizando-se como sujeitos, intervindo através do

PAPAGAIOS COM PLUMÁRIA
ALTERADA PELO PROCESSO
DE TAPIRAGEM.
FOTO: KRISTIAN BENGSTON, 2005.



BAIXO
KAWEKWA'ENE ORNAMENTADO
PARA O RITUAL YAOKWA.
FOTO: EDISON RODRIGUES
DE SOUZA – OPAN, 2007.



rito como veículo de transposição no espaço e no tempo.

Como guardiões da memória coletiva, atuam como mestres músico-rituais que guiam o contínuo devir. Sem permissão para errar, dada a finalidade de seu exercício, as técnicas de memorização e respiração constituem o método por excelência de sua prática poética.

O aprendiz precisa repetir incessantemente a sequência musical e é só a partir do domínio de um determinado bloco de cantos que é possível avançar em direção aos estágios seguintes. À medida que os conjuntos de blocos, que desembocam sempre em inúmeras ramificações, vão sendo memorizados, ampliam-se os trajetos musicais e consequentemente o conhecimento e o acesso às chaves de compreensão dos segredos e saberes, estruturados no tempo, da sociedade Enawene Nawe.

É ideal e recorrente, mas não é regra, que filhos de importantes cantadores e/ou chefes clânicos tornem-se também cantadores na expectativa de manutenção dessa posição e, principalmente, na obrigatoriedade moral de garantir a reposição dessa imensa responsabilidade social. Ao mesmo tempo, não é incomum observar certa resistência em assumir tal papel, apesar do imenso prestígio a ele coletivamente conferido, pois, as implicações envolvidas no processo de formação, levam ao medo da pressão e do fracasso.

Fracasso em função das dificuldades que esse processo de aprendizado e sua técnica de memorização representam e pelo medo do que o erro pode significar. Pressão, em função de ter que se expor e lidar

TÉCNICAS DE CONSTRUÇÃO DAS CESTARIAS. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1991.

constantemente com os seres espirituais e o perigo iminente do sobrenatural, além da vigilância e expectativa da própria sociedade.

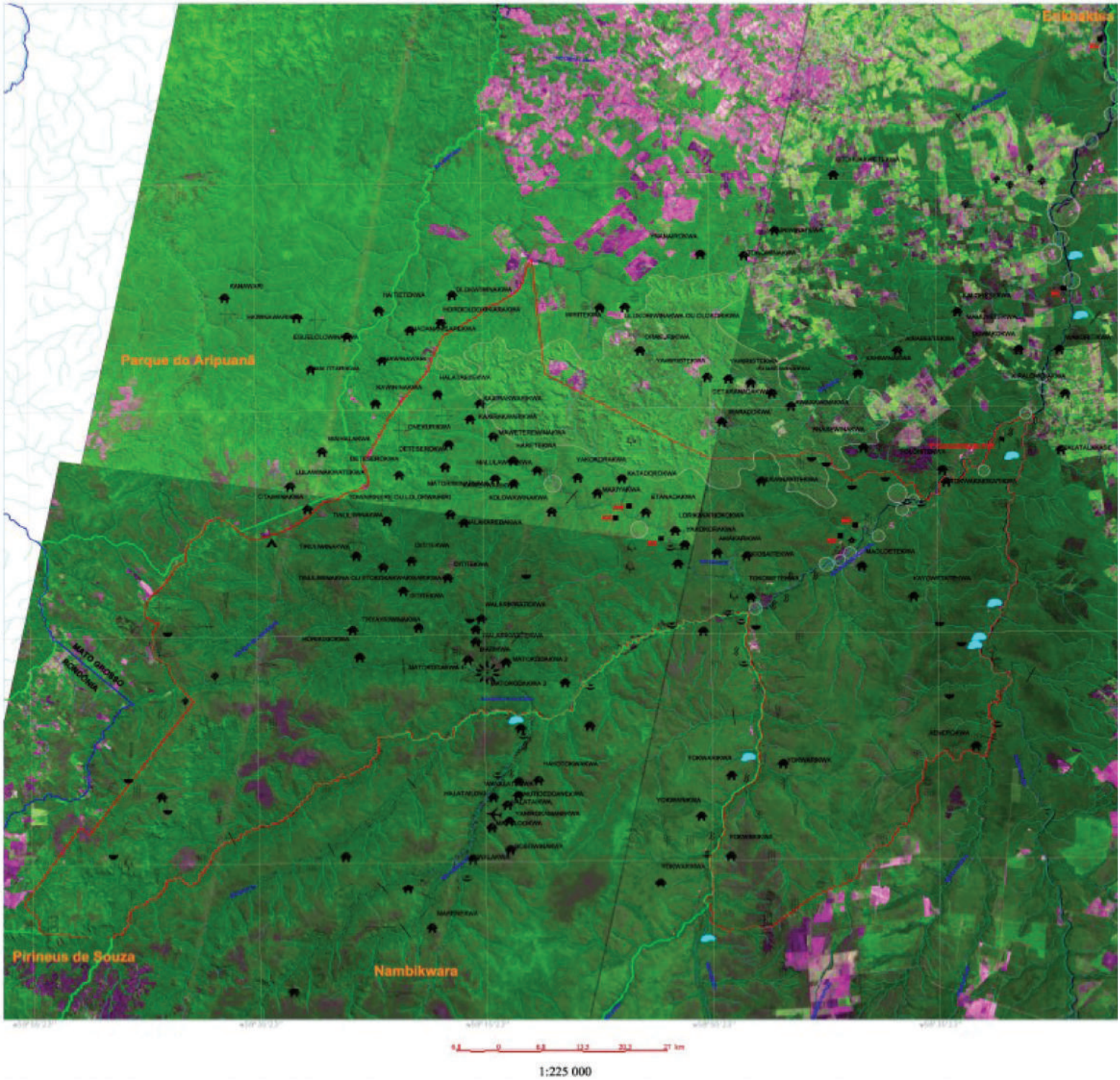
No entanto, se o acesso não está, portanto, igualmente dado para todos os membros da sociedade, os que estão de algum modo marcados para o exercício dessa função, dificilmente têm como escapar. Para aqueles que desde cedo demonstram interesse em se iniciar nessa especialidade, o processo pode se iniciar, ainda informalmente, já na fase *Kolakarinasare,* passando à sistematização e intensificação dos processos de aprendizagem no período *Kolakalare*.



Cada clã, como vimos, é dono de repertórios e instrumentos musicais, assim como detém correspondências sonoras e cantos relativos às legiões de espíritos celestes e da paisagem, definindo conduções específicas nas peças rituais. Há aqueles que dominam os blocos de *Saloma*, por exemplo, ou do *Lerohi*, ou então, diversos blocos em diferentes etapas rituais, mas, nunca é possível abarcar a totalidade do acervo musical a ser entoado na combinação e alternância entre os cantadores cada qual atento aos seus domínios. Dessa maneira, os Enawene Nawe dizem que contam, quase que invariavelmente, com cerca de dez mestres-cantadores. Independente da filiação do canto, por legiões de espíritos e clãs, o verdadeiro dono desse vasto acervo musical é *Kote*.

Kote é um *Yakairiti* e sua morada é a Casa do *Yaokwa*. Ele opera

MAPA DA TERRA INDÍGENA ENAWENÊ-NAWÊ



BAIXO
MAPA DA OCUPAÇÃO ANCESTRAL
DO TERRITÓRIO ENAWENE NAWE.
FONTE: OPAN/CTI, 1990.

BAIXO
RITUAL *YAOKWA*.
FOTO: EDISON RODRIGUES
DE SOUZA – OPAN, 2006.



como um regulador do acesso e exercício da função, permitindo ou boicotando a iniciação e o aprendizado, dependendo de sua avaliação a respeito do dom, vocação do aprendiz. Em última instância, é ele quem seleciona, define e dá permissão para o desenvolvimento do papel de cantador de acordo com seus critérios de aprovação e reprovação.

Depois de iniciado, o cantador manterá um vínculo permanente com *Kote* que se faz onipresente na vida dos *Sotakatare*. O treino da memória que se dá pela relação mestre-aprendiz, na observação e repetição, depende também da intervenção de *Kote,* expresso pela dinâmica *lembrar-esquecer.*

Para o aprendiz conseguir reter a exata sequência do fio narrativo e seus percursos é necessário cumprir com algumas exigências: evitar exposição em espaços públicos, contextos de agitação, confusão – falar pouco, manter-se reservado. Buscar o silêncio e a contemplação aprimorando a capacidade de concentração. Dormir pouco, procurando no descanso manter-se em estado de vigília, o relaxamento corporal completo desvia a atenção, ao mesmo tempo, se adormecer profundamente a postura corporal corre o risco de ficar em posição lateral o que pode ocasionar a fuga de trechos da sequência musical que podem escorregar pelos ouvidos para fora da pessoa. Passa inicialmente por restrições alimentares, mas principalmente, deve comer lentamente, pequenas porções, devendo aguardar um pouco para que *Kote* possa se satisfazer primeiro – todo alimento servido ao *sotakatare* deve ser antes ofertado a *Kote*. Além disso, deve ser um bom pagador de seu mestre, se for

DIREITA
EXECUÇÕES MÚSICO-COREOGRÁFICAS APÓS O RETORNO DAS BARRAGENS DE PESCA.
FOTO: ARQUIVO OPAN, S/D.

BAIXO
EXECUÇÕES MÚSICO-COREOGRÁFICAS APÓS O RETORNO DAS BARRAGENS DE PESCA (S/D).
FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.





esse o caso, e sempre generoso com *Kote* em todas as suas demandas.

Quanto mais disciplinado e atento no processo de sua formação, mais o cantador memoriza e é recompensado, em sua dedicação, pela complacência de *Kote* em permitir o acesso e a fixação dos caminhos.

Mesmo já mestre, com o relaxamento de algumas prescrições, o cantador não deve vacilar, sob pena de *Kote* tomar de volta para si a memória dos trajetos musicais, a não observância dessas regras tem como punição o esquecimento, podendo ser irreversível, dependendo da avaliação de *Kote* sobre a gravidade da falta cometida, condenando o cantador ao tormento de ficar perdido e preso num labirinto de feições angustiantes.

Senhores dos caminhos e detentores da memória e dos destinos, os cantadores são soberanos no privilégio de conduzir a copartipação e cocriação dos Enawene Nawe na ordem do universo, tal como eles a concebem.

Sem a música, e, portanto, sem seus cantadores, a sociedade Enawene Nawe estaria imediatamente condenada ao infortúnio, posto que sem os guardiões da memória e sem as flautas que a transmite, as sementes não brotariam, as produções e os alimentos seriam inviáveis, todos os Enawene Nawe seriam acometidos por doenças, fome, epidemias e devorados pelos *Yakairiti*. Seria o triunfo do caos e o fim dos Enawene Nawe.

Este constitui o sentido indispensável da música e de seus cantadores na execução dos Rituais vitais na garantia da sobrevivência desse povo. O ritmo do Tempo dado pelo compasso musical e por uma poética do Espaço. ■

HISTÓRICO DA ATUAÇÃO POLÍTICA DOS ENAWENE NAWE

A continuidade do Ritual *Yaokwa* (assim como das demais etapas rituais – *Lerohi*, *Saloma* e *Kateoko*) envolvendo os recursos e processos praticados imemorialmente pelos Enawene Nawe nunca esteve tão ameaçada quanto nesta primeira década do século XXI. Ao mesmo tempo em que vemos florescer, no campo político e jurídico, a conquista por tantos direitos que legitimam a diversidade das manifestações culturais e de organizações sociais, legalmente amparadas por leis, tratados e acordos firmados em escala internacional, permanece o estado de conflitos em que se contrapõem diferentes interesses e ideologias que descrevem delicados contextos que se apresentam desde as esferas locais, passando pelos projetos nacionais, atingindo níveis de caráter global.

Esse jogo de interesses está imerso num longo percurso histórico que tem no capital, nos modelos de exploração agrária, fundiária e dos recursos naturais no Brasil, e na sobreposição de interesses privados em relação aos interesses públicos, protagonistas de peso. Além desses, o preconceito, a ideologia e o padrão desenvolvimentista proposto pelas elites do país com ênfase na exportação de matérias-primas, expõem as nações indígenas, juntamente com uma grande parte de segmentos da população brasileira, a situações vulneráveis e, principalmente, a contextos de marginalidade, cerceando o direito à voz e à participação democrática em interlocuções igualitárias no campo político.

De 1994 a 2004, foi a década proclamada pela ONU como a "Década Internacional dos Povos Indígenas" e, no Brasil, a partir do ano de 2000 corresponde um período em que se registra o aumento significativo do número de indígenas mortos em conflitos dispersos por vários estados do país, a maioria deles vinculados diretamente à defesa das Terras Indígenas, desrespeitadas em seus limites por um sem número de ações ilegais praticadas por invasões locais. É nesse momento também, que um grupo de políticos e empresários torna pública uma solicitação oficial ao Estado Brasileiro, exigindo Moratória aos processos de reconhecimento e legalização de Terras Indígenas.

Quando os Enawene Nawe foram contatados em 28 de julho de 1974, pela equipe dos jesuítas da Missão Anchieta, Thomaz de Aquino Lisboa e Vicente Cañas, todo o Vale do Juruena apresentava uma ocupação

THOMAZ AQUINO LISBOA MOSTRA CÂMERA PARA WAYTOA. EQUIPAMENTO FOI UTILIZADO PARA REGISTRAR O CONTATO. FOTO: ARQUIVO OPAN, 1974.



rarefeita, com a maior parte dos municípios, hoje próximos a esse território, ainda inexistentes. Na visão dos colonizadores, se tratava de áreas vazias e improdutivas a serem exploradas.

Foram gradativamente chegando as estradas e com elas o fluxo migratório que pouco a pouco vai penetrando a região por meio de práticas baseadas na economia extrativista, borracha, minério e, principalmente, madeira. O desmatamento figura assim como a ponta de lança, tendo todos os municípios da região seu histórico de fundação atrelado a essa origem comum.

Enquanto os efeitos colaterais desse processo se faziam sentir em amplas camadas da sociedade nacional e, em especial às populações indígenas e tradicionais, com novos marcos etnocidas na história do Brasil, os Enawene Nawe viviam um trajeto extremamente singular de contato, promovido de um lado, por características intrínsecas à organização social desse povo e, de outro, devido, em grande medida, aos princípios presentes na política indigenista adotada pela Missão Anchieta naquele momento.

Após a revisão das práticas operadas pela Igreja Católica nos contextos de colonização e do papel da Teologia da Libertação na América Latina, outros determinantes de atuação entram em cena, fundamentados pelo reconhecimento e valorização das manifestações populares, pela promoção das minorias em estado de opressão e pelo respeito às culturas indígenas. Nesse sentido, o contato com a MIA (Missão Anchieta), na pessoa de Vicente Cañas, pós-década de 1970, descreve um histórico de contato pacífico e configura exceção no tocante às de populações invariavelmente registradas nesses contextos pós-contato.

Ao contrário, os Enawene Nawe obtiveram expressivo crescimento demográfico, em constante ascensão (até nossos dias), em função de uma série de providências rapidamente implementadas (como o caso das imunizações/vacinas, cumprimento de quarentenas antes das visitas na aldeia, entre outras) como parte da nova política de contato. Diferentemente, portanto, da recorrente violência que sempre caracterizou esses processos, os Enawene Nawe nunca foram submetidos à catequização e nem foram ali forjadas lideranças políticas, instituições ou cargos burocráticos próprios aos modelos de ações conduzidas pelas políticas indigenistas oficiais.

KAWEKWA'ENE ORNAMENTADO
PARA O RITUAL *YAOKWA*.
FOTO: ARQUIVO OPAN, 1996.



A estratégia de trabalho era caracterizada pela convivência no dia a dia da aldeia e respeito – o importante era considerar o tempo necessário para que os Enawene Nawe elaborassem uma análise crítica, *e própria*, do contato.

Além da preocupação e vigilância constante com as condições de saúde e reprodução física desse povo, de uma política de intervenção mínima favorecendo a integridade cultural dos Enawene Nawe e do permanente registro etnográfico (levantamentos linguísticos e socioculturais), o estudo fundiário esteve em destaque, na intenção de identificar o território de ocupação tradicional visando o reconhecimento e demarcação necessária, e de direito, à manutenção da sociedade Enawene Nawe.

Foi durante o moroso período de regularização fundiária da T.I. Enawene Nawe que, já em 1987, ocorre o brutal assassinato de Vicente Cañas em decorrência dos litígios em torno da região do rio Preto. O resultado desse processo, além da morte do jesuíta, foi a exclusão das cabeceiras do rio Preto do traçado da demarcação (homologada em 1996). Esta área consiste até hoje um foco de tensões e conflitos locais, além de ser anualmente ocupada pelos Enawene Nawe, que ali constroem uma das principais barragens de pesca. A falta de providências e solução para o contexto do rio Preto e o desenfreado desmatamento dessa região constitui uma das ameaças em evidência à integridade do Ritual *Yaokwa*.

Após 1987, a Operação Amazônia Nativa (OPAN),



AUTODEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA ENAWENE NAWE. FOTO: FAUSTO MARTINS CAMPOLI – OPAN, 1990.

que fora até então parceira das ações em curso pela MIA, assume, dessa data em diante, integralmente o trabalho com o Povo Enawene Nawe. A OPAN é uma associação civil de direito privado com fins não econômicos, que trabalha pela causa indígena desde 1969 e, de acordo com seu estatuto, se define pelo apoio aos povos indígenas e populações tradicionais, colaborando para sua autonomia.

Mantêm-se os princípios da conduta indigenista adotada desde o início e ampliam-se as formas de atuação pelo desenvolvimento de programas no campo da saúde, educação, terra e economia, por meio de diversas parcerias (FIOCRUZ, UFMT (GERA), CTI (Vídeo nas Aldeias), FUNASA, UNAIS, entre outras) na condução do "Projeto Enawene Nawe".

O fim da década de 1980 e início da década de 1990 é um período que acentua sensivelmente a relação dos Enawene Nawe com a sociedade mais ampla. Esteve em pauta a ênfase na transmissão de informações diversas e de diferentes realidades, alheias à sociedade Enawene Nawe. Iniciou-se a sua familiarização com a tecnologia audiovisual inclusive com a intenção da apropriação, por parte deles, da efetivação de registros sobre seu cotidiano, história e cultura, promovendo, ainda, intercâmbios entre distintas realidades indígenas. Outro aspecto relevante foram os estudos e registros etnográficos com a finalidade de subsidiar as ações indigenistas fundamentadas no compromisso com a qualidade das intervenções e, sobretudo, com a compreensão dos Enawene Nawe como *Sujeitos* de seu próprio processo histórico.



ATENDIMENTO DE DENTISTA NA ALDEIA *MATOKODAKWA*. FOTO: ANA PAULA DE LIMA RODGERS, 2003.

É apenas a partir dos anos 1990 que o interesse dos Enawene Nawe pelo aprendizado, primeiramente da escrita, e depois do português e da matemática, vão se apresentar como demanda em termos da elaboração de programas especificamente voltados para esses contextos e aí também, processos muito particulares caracterizam o atendimento dessas solicitações.

Particularmente, no início dos anos 2000, os Enawene Nawe vivenciam um período de maior aproximação com o estado, por meio do acesso a políticas públicas e pelo estabelecimento do contato direto com instituições governamentais, tais como a FUNAI, a FUNASA e a SEDUC.

Em 2010, é fundada a Associação Indígena Enawene Nawe. Com isso, os Enawene Nawe consolidam um canal próprio de articulação com a exterioridade.

O fato é que nesses quase 40 anos de contato, os Enawene Nawe adquiriram um vasto conhecimento dos mecanismos que dinamizam a sociedade mais ampla e o Estado Nacional, bem como, dos diversos referenciais históricos a respeito de muitos povos, por meio de várias fontes de informação e da própria experiência direta, seja pelos intercâmbios, viagens, intensificação do contato, presença em encontros e representações políticas em reuniões, conselhos etc. Além do domínio da escrita, e de alguns falantes do português, estabelecem suas próprias estratégias, que desenvolvem nas experiências políticas (tomando como base seus próprios critérios de classificação), com os vários universos e atores sociais com os quais, cada vez mais, e de forma autônoma, se relacionam.

Desse modo, ainda que tenham conservado com muita força a integridade de sua estrutura social, e que sejam, até esse momento, predominantemente monolíngues, nem de longe se mantiveram isolados, desinformados e/ou alienados dos complexos enredos que tecem as tramas das relações interculturais. Esse dado é de extrema relevância se considerarmos que é recorrente a interpretação, de um lado, de que sociedades definidas como de contato recente, como é o caso Enawene Nawe, tendem a apresentar maior fragilidade na interface com a cultura nacional, e de outro, costumam atribuir a agentes externos o poder de influenciar ou determinar a orientação de decisões, posturas e atos praticados pelos *índios*.

Essa perspectiva está associada tanto a uma visão que subestima



REUNIÃO PARA RESOLUÇÃO DOS CONFLITOS RELACIONADOS A CONSTRUÇÃO DE HIDRELÉTRICAS NO ENTORNO DA TERRA INDÍGENA ENAWENE NAWE. FOTO: ATAINA'ENE KAIROLE, 2008.

a potência e a complexidade dessas sociedades, quanto a uma estratégia retórica, que tem o objetivo de neutralizar e/ou anular as opções e expressões adotadas por esses povos diante das proporções que as diferentes tensões e conflitos podem gerar.

O fundamento de tal visão opera pela negação a esses povos, da condição de sujeito histórico na condução legítima de suas posições políticas e reivindicações. A negação da interlocução e participação direta e ativa nos processos econômicos, ambientais, históricos, sociais e políticos que os afetam diretamente, mediante a deslegitimação de seus discursos e ações, dizendo não ao diálogo e principalmente à escuta, configura outra grande ameaça à integridade física e cultural dos Enawene Nawe.

Figura nas narrativas enawene nawe, as histórias em torno de Waytoa, um personagem presente na memória desse povo, que nos remete aos contextos das bandeiras, ainda no século XVIII. Waytoa teria sido um enawene capturado e levado acorrentado junto a outras pessoas, de vários povos diferentes, para ser utilizado como mão de obra na "cidade dos brancos" (*inuti hotaikiti*). Contam, que, passado muito tempo, já bem idoso, Waytoa, consegue escapar e, apesar da distância, consegue retornar à aldeia dos Enawene Nawe onde relata a todos, de forma minuciosa e detalhada, como opera o mundo desses *Outros*. Waytoa traz notícias sobre os castigos físicos, instrumentos de tortura, os negros, as pedras preciosas, as bebidas alcoólicas, os vidros, as máquinas, as armas de fogo etc. São *as histórias de Waytoa*, demonstrando que os Enawene Nawe possuem referências e registros históricos sobre o mundo, e sobre os não índios, bem anteriores aos que nós possuímos sobre eles.

Durante toda a década de 1980 e de 1990, e primeira década do século XXI, as invasões na T.I Enawene Nawe foram frequentes, motivadas pela extração ilegal de madeira, garimpo, pesca e pelas tentativas de traçados para abertura de estradas clandestinas. Os programas de vigilância territorial exigiam esforços constantes na tentativa de articular os órgãos competentes para realizar as desocupacões da área, na maioria das vezes acompanhadas por confrontos violentos e situações recorrentes de ameaças e intimidações por parte dos invasores. Os limites norte e noroeste foram sempre as porções territoriais mais vulneráveis a essas invasões, enquanto os limites sul estão cercados pelos

empreendimentos agropecuários e pela poluição das águas.

Em 1998, ocorre a invasão da T.I. com a abertura de uma estrada que avançava 50 km, no sul da área, até a beira do rio Juruena. A intenção era ligar as cidades de Sapezal a Juína, atravessando em 80km o território enawene nawe. Houve o embargo da estrada, mas apenas em 2013 foi judicialmente assegurada uma indenização pelos danos ambientais causados. Entretanto, nenhum dos acusados foi condenado por este crime.

Foi ainda, em decorrência desse episódio que os Enawene Nawe incorporaram os motores de popa e, em consequência da demanda por gasolina, iniciaram, a partir de então, as trocas monetárias incorporando também o dinheiro e a ênfase no interesse pelo aprendizado do português e da matemática.

Ao mesmo tempo, esse evento ofereceu significativas experiências que estabeleceram novas referências para os Enawene Nawe sobre como operam os contextos de aliciamento e promessas por parte dos empreendedores e os termos de suas negociações, bem como, dos esquemas presentes na atuação do poder público. Diante das decepções de tantos acordos (pactos) não cumpridos de todos os lados, foram inúmeras as vezes que equipes indigenistas tiveram que argumentar em prol da cautela diante das decisões e propostas radicais por eles sugeridas, como forma de solucionar conflitos sempre protelados pelas esferas públicas.

Os Enawene Nawe tem se tornado cada vez mais desconfiados e "escaldados" diante das tantas ameaças que os cercam. Em grandes reuniões coletivas *e internas*, no Pátio da aldeia, articulam dia-a-dia, suas estratégias e tomam suas decisões frente às pressões que se intensificam e, principalmente, produzem sentimentos negativos diversos, posto que, segundo eles, esse estado de tensão permanente exige uma atenção constante para com o que está para "fora" da sua sociedade, gerando movimentos de dispersão na participação de tantas "reuniões de branco" que, também segundo eles, estão sempre intentando contra seus interesses e ameaçando seus modos de vida.

Destacam que o calendário ritual tem sido invariavelmente, nos últimos anos, atropelado por todas essas agendas, promovendo conflitos internos entre homens e mulheres (pois as mulheres reclamam da frequência com que os homens precisam se ausentar da aldeia), e entre

> *"Se a destruição da terra, da água e suas paisagens prosseguir, os Yakairiti serão implacáveis, com o tempo, todos vão morrer: nós, você, você e todos vocês, Inoti. A diferença é que nós sabemos disso, mas vocês não."* (Kawairi Cantador e grande chefe do clã Aweresese. Aldeia Halataikiwa: 2008).

velhos e jovens (pois os velhos acusam os jovens de se voltarem demais para as "conversas dos brancos" e se dedicarem pouco às exigências do cotidiano Enawene Nawe). Dizem estar com medo do que o futuro lhes reserva e com a terra que seus filhos e as gerações futuras vão herdar.

Um *Enetonasare* chegou a declarar: "Quando meu pai tinha a minha idade, tinha que se preocupar apenas com o *Yaokwa*, o *Saloma*, o *Kateoko* e o *Lerohi*, hoje tudo está diferente, temos que fazer tudo isso e ainda falar português, se preocupar com dinheiro e brigar muito para manter nossa terra bonita. Minha cabeça dói. Minha cabeça dói muito!". (Barragem de Pesca do *Yaokwa*: 2008).

"Há muito, muito tempo, nossos avós já estavam aqui. E os pais deles também já estavam. A pedra está lá. Foi de lá que saímos. Não é mentira! Sempre vivemos aqui.
Há várias aldeias antigas, não é mentira não. Esse é o nosso lugar. Mas hoje, vem garimpeiro, vem madeireiro. A gente já viu o que aconteceu na terra de vocês. Eu não quero isso para mim. Não está certo. Eu vejo que os madeireiros estão acabando com tudo. Já derrubaram tudo em volta! Já estou com saudades. Não quero que a nossa terra fique feia. Não quero madeireiro, não quero garimpeiro, não quero!" (Kolareene - Cantador e xamã de grande prestígio, guerreiro do clã Anihiare *apud* PASSOS 2005).

A bacia hidrográfica do Juruena, além de alimentar os rios que deságuam no Amazonas, de alimentar física e simbolicamente tantos povos que historicamente habitam a região, consiste num ecossistema extremamente delicado e frágil, manejado de forma adaptada secularmente pelos Enawene Nawe, que têm nessa paisagem e em sua hidrografia o fundamento da sua dinâmica social e cultural.
A rápida transformação que vem se produzindo na paisagem promove nos Enawene Nawe o sentimento de ameaça desesperadora da perda do reconhecimento de suas bases físicas de reprodução social. Seus eixos de referência no manejo ecológico e territorial podem entrar em profunda desorientação, privando, assim, as gerações vindouras dessa forma de vivenciar e experimentar as atividades praticadas na tradição, o que significa promover o colapso do sistema de vida e da estrutura social Enawene Nawe.
A perda dos referenciais vitais da paisagem e da territorialidade representa o maior perigo, hoje, à integridade da Cultura Enawene Nawe e consequentemente à execução de seus rituais. ■

FOCOS DE PRESERVAÇÃO DO RITUAL YAOKWA

A manutenção e reprodução do Ritual *Yaokwa* dependem diretamente e em primeira instância, de dois aspectos fundamentais: *A garantia da biodiversidade que caracteriza a região e a integridade das lógicas que regem os sistemas de produção e transmissão dos conhecimentos.*

A biodiversidade que configura o cenário é a base concreta sobre a qual se realiza a vida dos Enawene Nawe. Ela constitui, de um lado, a matriz de toda a matéria, fonte de recursos vitais a essa sociedade e, de outro, a paisagem por onde se definem sua cultura e história o Território de ocupação histórica e tradicional que revela os sentidos de pertença e o desenvolvimento das técnicas e saberes produzidos nesta interação sistemática com o ambiente que lhes rodeia.

Cada porção territorial, como observamos, é de posse dos *Yakairiti* e de domínio dos diversos clãs (*Yaokwa*) que compõem a coletividade Enawene Nawe. Esse conjunto de paisagens que integra a territorialidade do povo Enawene Nawe constitui, dessa forma, o Patrimônio Material alvo da Salvaguarda.

Destacamos, desse modo, três focos centrais nessa paisagem, como alvo de proteção, na intenção de salvaguardar recursos vitais à concretização do Ritual *Yaokwa*:

O **primeiro foco** a ser ressaltado corresponde **a região da microbacia do rio Preto**. Situada a nordeste da T.I Enawene Nawe, numa faixa contígua, a partir de sua cabeceira, seguindo pela margem direita, até a foz no rio Juruena. Conforme já assinalamos, essa porção territorial ficou fora dos limites da demarcação, porém, constitui terra de ocupação tradicional. Define, como vimos, uma área



DESMATAMENTO NO ENTORNO DA TERRA INDÍGENA ENAWENE NAWE. FOTO: ERIC DESSONS – GREENPEACE, 2007.

de permanente tensão e litígio, e os Enawene Nawe constroem anualmente, em seu leito, a barragem de pesca do Ritual *Yaokwa*.

O rio Preto figura como lugar de marcos fundamentais na história do povo Enawene Nawe, lugar de conflitos com povos inimigos, aldeias antigas, templos sagrados e paisagens habitadas pelos espíritos de seus ancestrais. Em relação ao uso tradicional, é dos poucos refúgios onde se pode ainda encontrar o jenipapo usado na pintura corporal dos *Yaokwa* e a terra preta para plantio do milho. Além desses recursos, o rio Preto abriga uma ampla diversidade de aves, como as araras (em extinção) e papagaios, caros a confecção da arte plumária que compõe a indumentária ritual. Também é local de concentração de matérias-primas para a manufatura dos ralos, cestarias, extração do sal e construção das armadilhas de pesca (*Mata*). Apresenta ambientes propícios à coleta de mel, taboca de flechas (com ênfase para a fabricação das pontas) e bambu para as flautas.

Há registros da presença de vestígios que remontam a antiguidade dessa ocupação por parte dos Enawene Nawe, tais como panelas de barro e as estacas de antigas barragens, lapidadas por machados de pedra. Constitui assim, importante sítio arqueológico que recupera a memória de povos autóctones da região, configurando um verdadeiro corredor ecológico-cultural no Vale do Juruena.

A cada ano, é possível verificar o progressivo avanço do desmatamento no rio Preto. Durante a permanência nos acampamentos de pesca do *Yaokwa* é possível ver e ouvir o intenso trabalho de motosserras e tratores, com a extração predatória da madeira e a abertura de ramais de circulação. É possível ver também a situação das cabeceiras, tornadas bebedouros para o gado e a redução e degradação dos castanhais. Os Enawene Nawe se dizem imensamente preocupados diante desse cenário que descrevem como desolador. A transformação acelerada da paisagem atinge irremediavelmente o ambiente que sustenta e reflete o modo de produção e sustentabilidade, os referenciais sociais, históricos e simbólicos do Povo Enawene Nawe. Tendo essa realidade, relação direta com a manutenção e desenvolvimento do Ritual *Yaokwa*, se não se constituir como foco efetivo de proteção, a desenfreada devastação do rio Preto, além de significar prejuízos (externalidades) ambientais, representa uma ameaça evidente à reprodução e continuidade do *Yaokwa*.



RIO JURUENA.
FOTO: EDISON RODRIGUES DE SOUZA – OPAN, 2007.

Apontamos como **segundo foco** a receber atenção, de acordo com os Enawene Nawe, **as matas ciliares e ambientes de floresta que configuram as margens do rio Juruena**. Juntamente com o rio Papagaio, o Juruena define os limites da T.I Enawene Nawe, fonte de recursos, saberes e histórias, referenciados recorrentemente pelos mitos e pelo cotidiano. Além de fundamental via de deslocamento, o Juruena está margeado por diversos acampamentos e roças definindo as dinâmicas de produção que a partir da distribuição e rotatividade da utilização dos recursos, revelam a profundidade das estratégias e técnicas de manejo desse povo.

Ao mesmo tempo, vale considerar, que o Vale do Juruena também abriga, como vimos, diversos povos: Apiaka, Munduruku, Kayabi, Arara, Cinta Larga, Rikbaktsa, Paresi, Irantxe, Myky e Nambikwara. Figura, ainda, como relevante palco da história do Brasil, por onde passaram, por exemplo, a Comissão Rondon, a Expedição Roosevelt, entre tantos acontecimentos registrados e documentados, constituindo importante cenário e acervo da memória do país.

Atualmente, o rio Juruena tem sido alvo de empreendimentos energéticos, o que tem, por sua vez, desencadeado inúmeras reações dos Enawene Nawe. Trata-se da instalação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) nas cabeceiras e afluentes do Alto e Médio Juruena, e do planejamento de usinas de maior porte previstas a serem instaladas no médio e baixo curso deste rio.

Os empreendimentos instalados no Alto Juruena (numa extensão de 110 km entre o primeiro e o último destes barramentos), ocupam uma região permeada por importantes trechos de áreas florestadas (mata ciliar, floresta de transição, floresta estacional e floresta aluvial), que caracterizam o território tradicional.
A formação dos reservatórios dos empreendimentos hidrelétricos compromete a manutenção das planícies aluviais alagadiças, áreas de manejo essenciais à reprodução do modo de vida Enawene Nawe. O modo como as áreas florestadas estão organizadas formam um corredor de biodiversidade, permitindo fluxo da fauna e da flora ao longo do rio Juruena como também entre as sub-bacias. Com a formação dos reservatórios, tem se dado um processo de alteração da paisagem, com alagamentos sucessionais e espacialmente intermitentes, marcado pela fragmentação das formações florestais que margeiam o curso do rio Juruena e alteração dos fluxos migratórios da ictiofauna. O trecho reservado aos empreendimentos é, ainda, um dos últimos remanescentes de vegetação natural; as demais áreas do entorno da calha do Juruena já foram desmatadas e estão sendo utilizadas para agricultura.

Os Enawene Nawe destacam o cenário de agravamento das condições de acesso a recursos tais como as plantas medicinais, as áreas de barro para confecção das cerâmicas, os caramujos utilizados para a confecção de brincos e peitorais, a taquara para as flautas, os buritis, o mel (abelhas nativas) e, principalmente, o peixe, comprometendo tragicamente seu modo de vida.

A busca de alternativas diante do cenário de redução dos estoques pesqueiros (especialmente de espécies características de ambientes lóticos, tal como o piau e matrinchã) que se instalou sobre o rio Juruena a partir de 2009, se apresenta como uma questão central para a garantia da continuidade deste cerimonial. Desde 2009, o Ritual *Yaokwa* vem sendo realizado com pescado adquirido em criatórios da região. Entretanto, a aquisição de peixe tem implicado, além da dependência econômica para a realização do cerimonial, também no agravamento das condições alimentar e nutricional deste povo.

Por fim, assinalamos como **terceiro foco de proteção**,



RAQUETES DE PEIXE SENDO ORGANIZADAS NO JIRAU PARA RETORNO DO *YAOKWA* APÓS AS BARRAGENS.
FOTO: ARQUIVO OPAN, S/D.

os **próprios limites da T.I. Enawene Nawe**, cercada por empreendimentos de forte impacto ambiental e social. Assim, observamos a necessidade de medidas qualificadas e interinstitucionais na ação governamental, na intenção de evitar as constantes invasões e degradação do entorno. O limite sul faz fronteira com as fazendas que substituíram por completo o cerrado pela monocultura. A oeste, sudeste e norte, predominam as atividades de extração de madeira. Parte do norte e o limite nordeste, apresentam manchas de minério, atraindo sucessivas invasões de garimpos. A maior parte das cabeceiras formadoras dos rios que percorrem a T.I. Enawene Nawe estão do lado de fora da terra demarcada.

Até esse momento, os Enawene Nawe, não só resistiram a toda essa conjuntura, mas, se compararmos os registros do Ritual *Yaokwa* dados pelos primeiros anos de contato é visível o desenvolvimento desse ritual. A incorporação de determinados instrumentos técnicos, a partir do crivo e seleção dos Enawene Nawe, bem como, o crescimento demográfico, propiciou o aprimoramento desse evento que, cada vez mais, se caracteriza por sua grandiosidade estética, exibindo um verdadeiro espetáculo. Essa complexa dramaturgia ritual, porém, não tem conseguido agora fortalecer suas bases de concretização, ao contrário, se encontra em situação de extrema fragilidade, pois, seus *caminhos* estão se fechando, aparentemente sem saída, diante dos trilhos do *progresso*. ■



RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

CRIANÇA ENAWENE NAWE.
FOTO: JOSÉ MEDEIROS –
IPHAN, 2012.

Os Enawene Nawe, em reunião realizada em agosto de 2008, na aldeia Halataikiwa, a partir da análise de todo o contexto cultural, social, ambiental e político que engloba o Ritual Yaokwa, elaboraram recomendações que têm como objetivo salvaguardar este bem cultural.

Para que estas recomendações sejam colocadas em prática faz-se necessário o estabelecimento de uma agenda intergovernamental, com a participação das esferas federal, estadual e municipal, além de instituições públicas específicas, de acordo com as diferentes áreas de atuação relacionadas.

A articulação intergovernamental e interinstitucional é fundamental para a preservação de todo o sistema que envolve o Ritual Yaokwa.

Dada a magnitude da atuação necessária para a salvaguarda deste bem cultural, em 2011, o Brasil almejou a inscrição do Ritual Yaokwa na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente da UNESCO.

As recomendações estão postas nas vinte proposições descritas a seguir:

1. Compor um quadro permanente de assessores, constituído por equipe multidisciplinar de profissionais aprovados coletivamente pelo Povo Enawene Nawe;
2. Dar continuidade ao trabalho realizado na década de 1990, sobre as potencialidades do território Enawene Nawe, realizando um inventário e caracterização dos recursos naturais com vistas em produzir informações que orientem planos de gestão ambiental;
3. Promover estudos e registro sistemático sobre o conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade na intenção de promover e garantir a sucessão dos processos ecológicos/rituais e a transmissão dos saberes;
4. Produzir material de divulgação das práticas tradicionais Enawene Nawe, orientados à sensibilização pública;
5. Monitoramento das condições alimentar e nutricional do povo Enawene Nawe;
6. Monitoramento permanente dos recursos hídricos no território Enawene Nawe;
7. Buscar condições e recursos para a retomada e continuidade das ações de monitoramento da ictiofauna na T.I. Enawene Nawe;
8. Buscar condições e recursos para a retomada e continuidade das ações de vigilância da T.I. Enawene Nawe;
9. Desenvolver estratégias que favoreçam a articulação dos



DALEROSE'ATOKWE, MESTRE DE CANTOS. FOTO: MARCUS MALTHE – GREENPEACE, 2006.

povos do Vale do Juruena e demais etnias, reforçando a participação indígena nos contextos políticos que os afetam diretamente;

10. Promover a formação dos recursos humanos que atuam nos órgãos públicos para o atendimento das demandas indígenas (em especial no campo da saúde), contemplando a atenção diferenciada na capacitação e qualificação dos servidores públicos e dos serviços prestados;

11. Desenvolver estratégias para criação e abertura de canais de interlocução política efetiva nas esferas municipais, estaduais e federais;

12. Definição de estratégias para o estabelecimento de relações mais qualificadas com as mídias e a opinião pública;

13. Elaborar e fomentar mecanismos de apoio à geração de renda;

14. Elaborar e executar planos de gestão ambiental que possam dar continuidade à sustentabilidade do povo Enawene Nawe, bem como, promover a capitalização dos serviços ambientais prestados na garantia do equilíbrio ecológico e na utilização da biodiversidade;

15. Promover o fomento, apoio e capacitação permanente às formas de organização do Povo Enawene Nawe pelo fortalecimento da Associação Indígena Enawene Nawe, observadas e respeitadas suas formas tradicionais de articulação e organização política;

16. Apoio governamental às articulações necessárias na garantia do direito de acesso aos recursos do ICMS Ecológico, junto aos municípios de Sapezal, Juína e Comodoro;

17. Divulgar o Patrimônio Cultural do Ritual Yaokwa também em outras esferas públicas, para além do âmbito da política cultural;

18. Criação e Implementação de um Conselho (comitê) consultivo e deliberativo para a Bacia Hidrográfica do rio Juruena, garantindo a participação paritária entre os diversos atores sociais interessados e as populações indígenas que habitam a região;

19. Reconhecer a importância do rio Preto como foco de Salvaguarda do Ritual Yaokwa;

20. Reconhecer e declarar, por processo administrativo junto ao IPHAN, a bacia hidrográfica do Juruena como corredor ecológico-cultural.

Estas proposições orientam também as ações de salvaguarda relacionadas ao processo de inclusão, pela UNESCO, do Ritual Yaokwa na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente. ■

FLAUTA SALOMÃ.
FOTO: JULIANA DE ALMEIDA, 2014.



FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Juliana. *Alta Tensão na Floresta: Os Enawene Nawe e o Complexo Hidrelétrico Juruena*. Cuiabá/MT: Universidade Positivo/OPAN (Monografia de Especialização), 2010.

BARRA, Maria Cristina. *Transformações dos corpos: um estudo do conceito de corpo enawene nawe*. Belo Horizonte/MG: UFMG (Dissertação de Mestrado), 2010.

CAÑAS, Vicente. *Diário de campo*. Cuiabá/MT: Arquivos da OPAN, 1980-1987 [*mimeo*].

JAKUBASZKO, Andrea. *Imagens da alteridade: um estudo da experiência histórica dos Enawene Nawe*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (Dissertação de Mestrado), 2003.

LIMA RODGERS, A. P. *O Ferro e as Flautas: Regimes de captura e perecibilidade no Iyaõkwa Enawene Nawe*. Rio de Janeiro/RJ: Museu Nacional (Tese de Doutorado), 2014.

LISBÔA, Thomaz de Aquino. *Os Enauêne-Nauê – Primeiros contatos*. São Paulo/SP: Loyola, 1985.

MELIÁ, Bartolomeu. *E foram chamados Salumã*. Goiânia/GO: Universidade Federal de Goiás, s/d [mimeo].

MENDES DOS SANTOS, Gilton. *Seara de homens e deuses: uma etnografia dos modos de subsistência dos Enawene-Nawe*. Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de Mestrado). 2001.

MENDES DOS SANTOS, Gilton. *Da cultura à natureza: um estudo do cosmos e da ecologia dos Enawene-Nawe. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado), 2006.*

MENDES DOS SANTOS, Gilton e SANTOS, Geraldo Mendes. Homens, peixes e espíritos: a pesca ritual dos Enawene-Nawe. *Revista Tellus*. Campo Grande/MS, n.14:39-59, 2008.

NAHUM-CLAUDEL, Chloe. *Working together for Yankwa: Vitalizing cosmogony in Southern Amazonia (Enawene-nawe)*. Cambridge University (Tese de Doutorado), 2012.

OPAN – Operação Amazônia Nativa. *Estudo das potencialidades e do manejo dos recursos naturais na área indígena Enawene Nawe*. Cuiabá: OPAN, GERA/UFMT, PNUD (Relatório Técnico), 1995.

PASSOS, Pedro Henrique Martins da Costa. *Mecanismos de sociabilidade Enawene Nawe e o papel a OPAN – Operação Amazônia Nativa na defesa do território*. São Paulo:

Pontifícia Universidade Católica (Dissertação de Mestrado), 2005.

REZENDE, Ubiray Maria Nogueira. *Fonética e fonologia da Língua Enawene-Nawe (Aruak): Uma primeira abordagem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado), 2003.

RODRIGUEZ, José Exequiel Basini. Cabeza de motor. Ensayos sobre mecano-canibalismo. GUIGOU, L. N. (org.) *Trajectos Antropológicos*. Montevidéu-Uruguay: Editora Nordan Comunidad, 2007.

RODRIGUEZ, José Exequiel Basini. O povo que nunca dorme. Ensaios sobre vitalismo enawene nawe. Cuiabá/MT: Arquivo OPAN, 2003 [*mimeo*].

SÁ, Cleacir Alencar. *As fases da vida: categorias de idade Enawene(ru) Nawe*. Cuiabá/MT: OPAN, 1995 [mimeo].

SCHWADE, Marcos Ajuri. Diagnóstico da situação alimentar e nutricional do Povo Enawene Nawe. *Controle social na saúde indígena - A experiência da OPAN em Brasnorte*. Cuiabá/MT: OPAN, 2013.

SILVA, Marcio Ferreira. Dinâmicas da vicinalidade entre os Enawene-Nawe. *Paisagens Ameríndias — Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia. São Paulo/SP: Terceiro Nome, 2013.*

SILVA, Marcio Ferreira. *A liga dos Enawene Nawe*. São Paulo/SP: USP/FFLCH. (Tese de Livre Docência). 2012.

SILVA, Marcio Ferreira. A aliança em questão: Observações sobre um caso sul-americano. Queiroz, R.C. & Nobre, R.F. *Lévi-Strauss: leituras brasileiras. Humanitas*. Belo Horizonte/MG: EDUFMG, 2008.

SILVA, Marcio Ferreira. Relações de Gênero entre os Enawene-Nawe. *Tellus*, v. 1:41-65. Campo Grande/MS: UFMS, 2005.

SILVA, Marcio Ferreira. Tempo e espaço entre os Enawene Nawe. *Revista de Antropologia*. v. 41 (2). São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 1998a.

SILVA, Marcio Ferreira. Masculino e Feminino entre os Enawene-Nawe. *Sexta-Feira,* v. 2. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo,1998b.

SOUZA, Edison Rodrigues. *Sociocosmologia do Espaço Enawene Nawe.* Salvador: UFBA-PPGAS (Dissertação de mestrado), 2011.

VALADÃO, Virgínia. O processo de trabalho do vídeo Yakwã: O banquete dos espíritos. ECKERT, C.; MONTE-MOR, P. (orgs.). *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia.* Porto Alegre/RS: UFRS, 1999.

ZORTHÊA, Kátia Silene. *Daraiti Ahã: escrita alfabética entre o Enawene Nawe*. Cuiabá/MT: UFMT (Dissertação de Mestrado), 2006.

Weiss, Maria Clara. *Contato Interétnico, perfil saúde-doença e modelos de intervenção mínima: O caso Enawene Nawe em Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz (Tese de Doutorado), 1998.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Juliana. *Entre voracidades distintas - A máquina hidroenergética e a resposta dos iyakaliti.* (Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN), 2014.

BUSATTO, Ivar Luiz Vendroscolo. Os Enawene Nawe, contato e indigenismo. *Estudo das potencialidades e do manejo dos recursos naturais na Área Indígena Enawene-Nawe*. Cuiabá: OPAN, GERA/UFMT, PNUD (Relatório Técnico), 1995.

COSTA JR., Plácido. A pesca na sociedade enawene-nawe. *Estudo das potencialidades e do manejo dos recursos naturais na área indígena Enawene Nawe*. Cuiabá/MT: OPAN, GERA/UFMT, PNUD (Relatório Técnico), 1995.

Higa, Nilton Tassicazu & SILVA, Carolina Joana. Caracterização da Área Indígena Enawene-Nawe. OPAN & GERA (org.). *Estudo das potencialidades e do manejo dos recursos naturais na Área Indígena Enawene-Nawe*. Cuiabá/MT, 1995.

JAKUBASZKO, Andrea. Educação entre os Enawene Nawe - triênio 1998-*2000*. Cuiabá/MT: OPAN (Relatório Técnico), 2000.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Missão Rondon (1907 a 1915)*. Rio de Janeiro/RJ, 1916.

ROOSEVELT, Theodor. *Nas selvas do Brasil*. São Paulo/SP: Edusp, 1976.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Rondônia*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Nacional, 1975.

ROWAN, Orland. Ir*ayti xawaiyekehalakatyakala; Dicionário Paresi-Português.* Cuiabá/MT: Sociedade Internacional de Linguística, 2001.

DAVIS, Shelton. *Vítimas do milagre: o desenvolvimento e os índios no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Zahar,1977.

FOWERAKER, Joe. *A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

IANNI, Octavio. *A Luta pela Terra*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1978.

JUNQUEIRA, Carmen. O mundo invisível. *Margem* (Revista de Ciências Sociais PUC/SP, n.10). São Paulo: Educ, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Expropriação e violência: a questão política no campo. São Paulo, Loyola, 1980.*

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: UFRJ,1987.

POSEY, Darrel. Os povos tradicionais e a conservação da biodiversidade. PAVAN, C. (org.). *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia*. São Paulo/SP: UNESP, 1996.

SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre as sociedades tribais brasileiras*. Rio de Janeiro/RJ: Campus, 1980.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de & BARROSO-HOFFMANN, Maria (orgs). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista*. Rio de Janeiro/RJ: LACED/Contra Capa Livraria, 2002.

VELHO, Otávio Guilherme. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Editora Cosac & Naif, 2002.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

CTI/OPAN. *Yãkwa: O banquete dos espíritos*, 1996.

REFERÊNCIAS MÍTICAS E CANTOS

Mito de Dokoi - Fonte:Costa Jr.:1995:110

Cantos de chamamento - Fonte: Mendes Dos Santos: 2006

ANEXO 1
PARECER DO RELATOR

PROCESSO:
01450.011160/2006-42
INTERESSADO: Operação Amazônia Nativa – OPAN
ASSUNTO: Pedido de Registro do Ritual Yaokwa, do Povo Indígena Enawene-Nawe

1. RELATÓRIO

O Pedido de Registro do Ritual Yaokwa, do grupo indígena Enawene Nawe, como Patrimônio Cultural Brasileiro foi encaminhado pela Operação Amazônia Nativa (OPAN), com anuência de cinco representantes da etnia (Fl.08-vol. I).
A correspondência enviada ao Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é datada de 14 de agosto de 2006, protocolada sob nº 01450.011160/2006-42, em 17 de agosto de 2006.
O expediente deu início ao Processo que foi formalizado em 22 de agosto de 2006. Constam dessa documentação inicial: dados da OPAN, cópias de capítulos de trabalhos acadêmicos, Relatórios sobre as Potencialidades Econômicas da área indígena Enawene Nawe e DVD produzido na década de 1990, pelo Centro de Trabalho Indigenista – São Paulo, em parceria com a OPAN, e que trata da importância do ritual para a etnia.

A OPAN é uma organização indigenista não governamental, criada em 1969, com sede em Cuiabá-MT, e desenvolve trabalhos com populações indígenas, especialmente nas regiões Centro-oeste e Amazônia.
Como reconhecimento pelo seu trabalho possui os títulos "Declaração de Utilidade Pública Estadual" (2000) e "Certificado de Entidade Filantrópica do Conselho Nacional de Assistência Social" (CNAS).
Entre seus objetivos constam:

- Apoio às populações indígenas e às populações tradicionais, contribuindo para sua autonomia e sua continuidade étnica e cultural;
- Reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, em particular à sua organização social, às suas expressões culturais e à demarcação de suas terras;
- A preservação do meio ambiente, a valorização do patrimônio cultural e a busca de alternativas de desenvolvimento ecologicamente sustentado;
- A prestação de serviços e a colaboração com organismos que tenham objetivos afins.

O Processo tramitou seguindo os procedimentos adequados às exigências legais. Traz vasta documentação ilustrada por material fotográfico e audiovisual de excelente qualidade, retratando a beleza do Ritual, do povo Enawene

Nawe e a suntuosa paisagem do seu território. Realço a consistência dos documentos, que compõem o processo com informações que proporcionam a compreensão do assunto com bastante clareza. De igual nível, está constituída a documentação que trata da orientação de procedimentos e da análise do mérito, com destaque para: Nota Técnica N° 011/07 (Folhas 134 a 141 – Vol I), da Silvia Guimarães – Técnica da Gerência de Registro do DPI, que recomenda a definição da instituição responsável pela instrução do Processo de Registro e seu encaminhamento e Câmara do Patrimônio Imaterial; o Parecer 015/10/CGIR/DPI/Iphan (Folhas 560 a 570 – Vol. IV), da Fabíola Nogueira da Gama Cardoso, que encaminha para a inscrição do Ritual Yaokwa, do Povo Indígena Enawene Nawe, no Livro das Celebrações, como Patrimônio Cultural do Brasil e o Parecer N° 04/2010-PF/IPHAN/SEDE/GMAC da Procuradora Federal Genésia Marta Alves Camelo, que propõe o Registro do Ritual, em conformidade com os encaminhamentos da Oitava Reunião da Câmara do Patrimônio Imaterial, realizada nos dias 14 e 15 de março de 2007, subscrito pelo Procurador Geral Antônio Fernando Alves Leal Neri (Folhas 580 a 599 – Vol. IV) publicado no DOU de 25 de maio de 2010 (Folha 602 – Vol. IV). Os documentos abaixo relacionados estão anexados ao Processo composto pelos volumes I, II, III e IV:

- Anexo 1 – Dossiê Descritivo – versão digital;
- Anexo 2 – Fotos digitalizadas em CD;
- Anexo 3 – Filme "Yaõkwa" – versão curta (14') e longa (62') em DVD;
- Anexo 4 – Filme "Yaõkwa – O Banquete dos Espíritos" em DVD;
- Anexo 5 – Filme "Yaõkwa – O Banquete dos Espíritos" em VHS;
- Anexo 6 – Folhetos "Arte Enawene Nawe" e "Enawene Nawe – Brasil: expansão da "fronteira da soja" destrói a floresta dos índios", Nov. 2005.

Para a elaboração deste Parecer, contei com importantes contribuições, entre as quais destaco o inestimável apoio do Conselheiro Professor Roque Laraia, a quem agradeço pela sua atenção ao acompanhar o meu trabalho.

Outros contatos foram realizados para a complementação de informações, conforme segue: no Ibama Sede; no Instituto Chico Mendes (Sede), Escritório de Juina/MT e Estação Ecológica de Iquê; na Fundação Nacional do Índio (Funai), Posto de Juína/MT; nas Superintendências do IPHAN em Mato Grosso e da Paraíba (Emanuel Braga que participou da elaboração do Dossiê); na OPAN e no Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN em Brasília.

Devo ressaltar o empenho de todos os representantes das instituições procuradas, no que se refere ao pronto atendimento, com demonstrações de solidariedade e admiração pelos Enawene Nawe, pelo IPHAN e pelas demais instituições envolvidas na questão.

Dessa forma, a solicitação de Registro do Ritual Yaokwa como Patrimônio Cultural Brasileiro está em condições de ser submetida à apreciação e deliberação do Conselho Consultivo do IPHAN

É o relatório.

2. ANÁLISE DO MÉRITO

O Ritual Yaokwa

O Ritual Yaokwa é considerado a principal manifestação do Povo Indígena Enawene Nawe, onde está demonstrada toda a simbologia que orienta a existência desse Povo. Componente vital para o universo da sua cultura, é realizado a partir da mobilização de toda a população da aldeia que, de maneira integrada, promove anualmente as diversas atividades de celebração por um período de sete meses.

Na ocasião, fica evidenciado a organização social, a distribuição do trabalho, o vínculo com a natureza e seus recursos, crenças e cultos que compõem seus referenciais. Observa-se ainda, a impressionante suntuosidade da cerimônia, pelos ornamentos, pela recepção e o farto banquete que é oferecido aos espíritos. Embora se tratando da ocasião de celebração de pactos, com reverências e demonstração de respeito aos Yakairiti – espíritos que dominam a maioria dos recursos naturais – ocorre uma tensão gerada pela expectativa relacionada ao cumprimento das obrigações e a satisfação desses espíritos, o que poderá garantir a tranquilidade para o povo Enawene Nawe, afastando da aldeia as doenças e infortúnios.

"O Yaokwa articula os domínios distintos, porém, indissociáveis e interdependentes da Sociedade, da Cultura e da Natureza. Está orientado pela cosmologia – visão de mundo – do Povo Enawene, e regulado pelos ciclos próprios da natureza através de um calendário socioeconômico que integra complexas relações de ordem simbólica" (Dossiê –fl.14).

O estudo que fundamenta a solicitação do Registro foi realizado no âmbito da importância da proteção e valorização dos processos e recursos para a salvaguarda do Yaokwa, contemplando manifestações culturais de relevância para o ritual, em três dimensões: a cultura material, ligada à parte do ritual, onde se destaca o conjunto arquitetônico (barragens de pesca e Casa das Flautas); processos de transmissão dos conhecimentos, focado na continuidade da prática do ritual; e músicas e mitos que acompanham e orientam suas atividades.

Os Enawene Nawe se apresentam com grande habilidade estratégica na defesa e manutenção da sua cultura, onde está inserido o Yaokwa. Dessa forma, a mobilização da aldeia se dá com uma dramatização que se relaciona à sua rotina. Esta se insere nas práticas do ritual que absorve as atividades inerentes à população como: na produção de alimentos, com a pesca, a agricultura e a preparação das comidas; nas práticas religiosas, no culto aos espíritos; na arte, com as *performances* músico-coreográfico, danças, confecção de adereços; na observação da natureza, de onde são tirados os produtos destinados à sua sobrevivência, o que se dá pela negociação com os espíritos e lhes propicia o acesso a recursos naturais. Entre esses recursos, o peixe é destacado como o alimento mais importante do banquete dos espíritos e da população indígena que não consome carne de caça. O sal, fabricado a partir da manipulação de vegetais, também é vital importância para a celebração de pactos com os espíritos. Outros rituais são realizados, porém sempre complementando ou em desdobramento ao Yaokwa.

O Povo Enawene Nawe

Os Enawene se compõem de uma população em torno de 540 indivíduos que vivem na região noroeste do Estado de Mato Grosso, no vale do Juruena, próximo ao Iquê. Vivem em uma única aldeia, formada por dez casas comunais retangulares (hakolo) dispostas em círculos, e um pátio central onde está situada a casa-dos-clãs (Haiti), a mais importante da aldeia porque representa o sentido da origem, onde estão guardadas as flautas utilizadas nos rituais dedicados aos espíritos subterrâneos. Falam o Salumã, que pertence ao Aruak – um dos troncos linguísticos que compõem 33 línguas faladas por aproximadamente 30.000 pessoas.

Esse povo já teve uma população numerosa que ocupava grandes faixas territoriais, em sucessivos aldeamentos por toda a extensão do Rio Juruena. Em função de guerras e catástrofes, foram se dispersando e constituindo uma nova configuração de sua distribuição e organização. Hoje vivem em uma área de 742.088

hectares, que engloba parte do seu território tradicional, demarcada e homologada em 1996 pela Funai. Está situada nos municípios de Juína, Sapezal e Comodoro, numa região de transição entre o cerrado e a floresta Amazônica, que abriga uma diversidade de espécies da fauna e flora presentes nos dois biomas. Reconhecem como território de ocupação tradicional as regiões do Rio Papagaio, o rio Preto e Juína Mirim, no Vale do Juruena e suas adjacências.

Os Enawene são constituídos por nove clãs patrilineares, que correspondem aos diferentes grupos internos associados, configurando o conjunto desse Povo Indígena. "É o eixo que conforma a organização social desse povo, manifesta contextos da memória, aspectos históricos e territoriais, e fundamentos da dinâmica social instituinte do povo Enawene Nawe. Cada clã – Yaokwa – tem uma identidade estabelecida pelo lugar demarcado no território, uma origem que remonta um passado muito remoto e conjuga grupos de pessoas, espíritos, paisagens, recursos, saberes e instrumentos musicais" (Dossiê pg. 21).

Cada clã tem suas características e, consequentemente, suas atribuições junto às legiões de espíritos, entre os quais os subterrâneos (Yakairiti) e os seres celestes (Enore Nawe), a que estão associados. Aos Yakairiti, se destinam as trocas e aos espíritos celestes as oferendas, presentes e retribuições.

Tidos como povo amistoso, por não possuírem perfil de dominadores, os Enawene tiveram seu primeiro contato com as populações externas ao seu território em 1974. Isso pode ser percebido pela forte presença de hábitos de populações com pouca aculturação. Os Enawene não desistem de preservação de seus direitos sobre sua terra e seus traços culturais. Têm como vizinhos os Povos Nambikwara, Myky, Rikbaktsa, Cinta Larga, Araras, Irantx e Paresi.

Esporadicamente, convivem com outras etnias, por ocasião dos encontros do Movimento Indígena. Esses povos encontram-se nas proximidades dos municípios de Juína, Sapezal, Comodoro, Campo Novo dos Paresis e Brasnorte.

Na área homologada da terra indígena dos Enawene, foi criada a Reserva Ecológica de Iquê, pela Lei nº 3909 de 19 de setembro de 1977, com 266.000 hectares. A sobreposição da área tem provocado algumas divergências no que se refere à possibilidade de revogação dessa Lei, o que não se concretiza por inconsistência dos documentos jurídicos com os quais o assunto vem sendo tratado. De acordo com informações do Instituto Chico Mendes, responsável pela gestão da Reserva, não há conflito com a sobreposição da área. Sendo as Reservas Ecológicas de uso restrito para pesquisas e garantido às populações tradicionais, a utilização dos recursos naturais para a sua sobrevivência (Lei 9985, de18.07.2000, criação do SNUC, Art. 4º, item XIII), a sobreposição propicia dupla proteção para a Terra Indígena e seus habitantes.

O que tem preocupado os Enawene atualmente é a previsão da construção de pequenas centrais hidroelétricas no rio Juruena, que certamente vai impactar a produção das espécies de peixes migradores dos rios, e, consequentemente, os rituais realizados naquele rio, que são importantíssimos para a etnia. Os Enawene têm recorrido aos setores competentes solicitando também providências para impedir o avanço da devastação ocasionada pela criação de gado e outras atividades que ocorrem nas fazendas que circundam a Terra Indígena.

A atual configuração da delimitação das terras indígenas, quase sempre orientada pelas pressões causadas por modelos de ocupação que não contemplam a concepção espacial da terra na

cultura dos povos indígenas, por exemplo, tem causado incômodos e até conflitos entre os segmentos envolvidos. Torna-se sempre necessário maior cuidado e disposição para tratar de questões intrínsecas à diversidade cultural e suas concepções sobre os espaços.

"Para esses povos, a posse da Terra, e de tudo quanto ela pode nos oferecer, não cabe propriamente ao domínio dos humanos, eles a reconhecem como Território na medida em que esses espaços definem pertenças fundadas numa ancestralidade remota que desde há muito, muito tempo, se enraizaram na interação sistemática, realizada pelas sucessivas gerações, com os lugares e paisagens sobre as quais se constituíram como Povo e como Sociedade. Assim, são Eles que pertencem à Terra, e ela, por sua vez, pertence ao domínio de seus antepassados, ancestrais míticos e dos seres – espirituais – que lhe dão vida e significados" (Dossiê –fl. 17).

Observa-se que em razão do seu conhecimento empírico e da necessidade de dialogar com a natureza, os Enawene se relacionam com a Terra, observando e respeitando os sinais e regras para que o manejo dos recursos naturais se dê de forma adequada ao equilíbrio do meio ambiente. As alterações desses sinais, que ocorrem pelos efeitos antrópicos, já desestabilizam esse diálogo, porque confundem os indígenas e comprometem sua produção de alimento, focada integralmente nos recursos naturais. A principal fonte de proteína animal da alimentação dos Enawene é o peixe, complementado pela carne de três espécies de aves, o mutum, o macuco e jacutinga. Compõe ainda sua dieta alimentar o milho, a mandioca, o feijão e amendoim.

Os Enawene são exímios mergulhadores, pescadores e navegadores. Sua locomoção se dá mais pelo rio que pela terra e, a partir de 1998, começaram a adotar as embarcações motorizadas movidas por combustível. Atualmente, os Enawene Nawe estão solicitando que seja construído um ramal (estrada), de 50km, ligando a aldeia Halaytakwa à BR-174 (Juína-Vilhena) para melhorar o acesso a serviços necessários, como, por exemplo, hospitais.

Essa população indígena tem hábitos de manejo dos recursos naturais baseados em práticas tradicionais, o que causa baixo impacto na natureza. A pesca é realizada com a utilização de tecnologias que levam em conta os níveis pluviométricos, dimensões e profundidade dos rios, lagoas, riachos, córregos, diversidade de pescado e predominância de espécies, utilizando os petrechos adequados para cada pescaria.

A partir da década de 70 a ocupação na região foi intensificada, com a abertura de estradas e o asfaltamento da BR 364. O extrativismo – seringa, minério e madeira – promoveu uma rápida transformação na paisagem, hoje, tornada um polo agropecuário.

Como é característica das populações tradicionais, os indígenas têm grande respeito pelo meio ambiente. Dessa forma, tanto é intolerável que ele promova a devastação como presenciar que outros o façam.

Crenças e Rituais

Em seu artigo "As Religiões Indígenas: o caso tupi-guarani' na Revista USP (São Paulo, nº 67, p.6-13), o professor Roque Laraia lembra que não é comum a inclusão das religiões das sociedades indígenas no levantamento das religiões existentes no mundo, e cita Émile Durkheim: "não são menos respeitáveis que as outras. Elas respondem às mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas; portanto podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa". No caso dos Enawene Nawe, essa religiosidade é exercida como princípio da sua

existência e dos traços culturais, tão bem preservados até hoje.

"As práticas rituais reafirmam a conjunção entre essas dimensões, Céu-Terra-Água, que se espelham e se referenciam mutuamente, tendo nos Enawene o intermédio o corpo e a expressão dessas relações que manifestam oposições, tensões e conflitos, que encarnadas nos Enawene devem ser harmonizadas por meio da execução ritual para garantir o equilíbrio ecológico e a ordem social e cósmica" (Dossiê pag.23).

"O espaço da concretização dessas peças rituais se dá na inter-relação entre as roças, a floresta e a aldeia. As roças representam o universo do cultivo e da colheita, com ênfase nas plantações de milho e mandioca. A floresta, a ocupação, o manejo e utilização de recursos, com ênfase para as coletas e a pesca e, no caso do ritual de Yaokwa, para os acampamentos e barragens de pesca. A aldeia aparece como lugar privilegiado para o processamento dos alimentos, fabricação da cultura material, distribuição e consumo" (Dossiê p. 23).

Os Enawene Nawe se concebem habitando o patamar intermediário, situado entre as esferas, onde se encontram os espíritos celestes e os subterrâneos. Estes interferem na vida dos humanos, na manutenção da harmonia do mundo, nas regras da sociedade e na produção de alimentos. Os espíritos celestes – Enore-Nawe – considerados imortais são belos, generosos, bondosos e saudáveis, vivem harmonizados e em plenitude sexual e alimentar. Os Yakairiti são os espíritos subterrâneos, donos da maioria dos recursos naturais. Alguns desses recursos, como o buriti e o açaí, são utilizados como base das construções arquitetônicas, das belíssimas indumentárias para os rituais e para a confecção de artesanatos. São regentes dos principais cultivos da mandioca, do milho, do feijão e amendoim e, ainda dos peixes, alimento imprescindível para o Ritual Yaokwa. Esses espíritos são temidos por serem raivosos e perigosos. São feios, implacáveis, sovinas, preguiçosos, perversos e promovem doenças e a morte. Podem se metamorfosearem em onças, animais peçonhentos, monstros aquáticos. Se contrariados podem, lançar toda a sorte de infortúnios aos Enawene.

Para saciar os desejos desses seres, os Enawene precisam fabricar o sal, um dos produtos mais desejados pelos Yakairiti. Dentro de suas crenças, a produção do sal tem como origem interpretações míticas, onde um procedimento mágico – a retirada do sal pelo demiurgo Datawere da árvore guardada por cobra surucucu foi alterado pela ação desobediente do irmão de Ayarioko – gerou a modificação do processo de obtenção desse produto. Tal fato, interpretado pelos Enawene, impôs uma nova ordem, na qual as atribuições de fabricar, construir, produzir e plantar, passariam a ser deles.

Dessa forma, a produção de sal tornou-se uma prática cultural resultado do acúmulo de saberes sobre manejo de recursos da floresta. A produção de sal, por ser realizada por meio de um grande processo longo e cansativo, destina-se ao ritual Yaokwa, onde é de grande importância. Raramente é utilizado pelos Enawenes para a alimentação.

Os rituais não se caracterizam como festas, mas, como naqueles destinados aos Yakairiti, o cumprimento de compromissos para garantia da vida e da harmonia. Sua importância é indicativo do vínculo com a natureza, suas regras, seus limites e possibilidades. O diálogo se estabelece pela reverência que sabiamente o povo indígena lhe dedica, em uma busca de harmonia para o bem-estar e a preservação da ordem social e cósmica. É na sua preparação que se identifica grande habilidade na construção das armadilhas de pesca, na montagem da barragem,

na captura e preparação do pescado, na elaboração dos ornamentos, na preparação das comidas – mingaus, bijus, sopas, mingau de milho, mandioca e produção do sal.

O calendário que orienta a realização dos rituais define o ciclo anual com base em duas estações. A da seca (iokayti) – ocasião das vazantes e secas dos rios – e a estação das cheias (onekiniwa) – no período chuvoso. Nesses períodos se realizam os rituais destinados aos espíritos. No período da seca, são realizados os rituais Yaokwa e Lerohi (dos Yakairiti) e no período da cheia, os rituais Salomã e Kateokõ (dos Enore-Nawe). O ano dos Enawene tem doze divisões, que não estão associadas aos meses. A divisão dos períodos se dá diferente do nosso calendário e estão associados a práticas e técnicas produtivas relacionados aos eventos culturais acompanhados por danças, cantos, instrumentos, mitos e saberes tradicionais.

O ritual Yaokwa dá início ao calendário anual dos Enawene com a saída dos homens para a pesca de barragem, considerada a maior pescaria, que se baseia no mito de Dokoi, morto pelos peixes. Seu pai, Datamare, para vingar a morte do filho, arremessava paus nas águas dos rios, e esses se transformavam em barragens que passaram a funcionar como armadilha na captura dos peixes. A construção das barragens pelos Enawene os torna cúmplices desta vingança.

As barragens são construídas nos rios Arimena (Olowina), Preto (Adowina), este localizado fora da Terra Indígena, Joaquim Rios (Tinuliwina) e Maxakiavina, afluente do rio Camararé. O rio Preto é o mais piscoso, onde se instala a principal barragem para a pesca do ritual. Na região, há ainda a coleta de castanhas e de material para a construção das barragens, armadilhas de pesca e adornos corporais.

Os Enawene possuem grande conhecimento dos processos de reprodução e movimentação migratória dos peixes. Dominam variadas técnicas de captura do pescado utilizando instrumentos como venenos vegetais, arco e flecha, anzóis, armadilhas em forma de cone, além da própria barragem.

Anfitriões e pescadores

compõem clãs que se dividem em Harikare e Yaokwa. Os Harikare são os anfitriões, responsáveis pela organização do ritual e não participam das pescarias. A eles, cabe a preparação do sal vegetal, da lenha, de acender os fogos e oferecer os alimentos, que serão trocados pelos peixes trazidos pelos Yaokwa. Pelo período de dois anos, eles se dedicam a esse trabalho. Os Yaokwa são os pescadores, e a eles cabe realizar a pescaria.

Organizam-se em expedições de pesca com a atribuição de juntar grande quantidade de peixe, para serem oferecidos aos Yakairiti. A pescaria do Yaokwa é organizada com a divisão da aldeia em nove grupos rituais, de acordo com os clãs e ao conjunto de espíritos Yakiriti a que estão vinculados. As atividades desses grupos se iniciam em janeiro, com a coleta de materiais para a construção do mata-corpo, armadilha semelhante ao corpo de Dokoi, que é acoplada a barragem. Observam a floração da gramínea ohã e a fase lunar Tonaytiri, que indicam o movimento migratório dos peixes, das áreas alagáveis para as calhas dos rios, o que ocorre após a piracema. As fases das pescarias são orientadas pelos mais velhos, que se baseiam nos sinais da natureza. Contam com anciões com conhecimentos importantes como a emissão de sopros e palavras poderosas e fazem a celebração de pacto com os Yakairiti, representados por um dos pescadores. A este, é oferecido o sal, para que, em troca, esses seres conduzem os peixes até as armadilhas, garantindo uma boa pescaria. O pacto fica selado quando o representante dos Yakairiti ingere o sal.

No retorno das pescarias, os pescadores, que representam os agressivos Yakairiti, são recebidos no pátio da aldeia pelos anfitriões – os Harikare. Um dos componentes desse clima é o barulho dos pilões para o preparo das comidas que serão solicitadas pelos espíritos, durante o banquete. Os espíritos são recebidos pela aldeia com pulos e gritos, em uma encenação de confronto. Inicia-se a oferta do sal vegetal e das bebidas feitas de mandioca e milho, em troca de peixe. Nessa ocasião, os adornos – antes retirados dos pescadores durante a pescaria – são repostos para que estes voltem a se humanizar.

O peixe, desidratado e defumado, e os alimentos vegetais acumulados, servirão para que as celebrações continuem sendo realizadas diariamente por mais alguns meses, com banquetes ao redor de fogueiras, danças e cantos acompanhados por flautas.

Este é o Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawene Nawe. É a sua manifestação cultural de maior representatividade e muito bem mostrada no documentário "Banquete dos Espíritos".

Considerações

O passado e o presente se completam na vida dos Enawene Nawe. Por se tratar de uma comunidade tradicional, os traços culturais são mantidos e transmitidos pelas gerações, dando sentido a uma cosmologia peculiar, digna da preocupação com a sua preservação na condição de patrimônio imaterial.

O documento síntese da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, de 1982, define a identidade cultural como "uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana ao mobilizar cada povo e cada grupo a nutrir-se de seu passado e a colher as contribuições externas compatíveis com a sua especificidade e continuar, assim o processo de sua própria criação" (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). Falta referência completa,

Nesse sentido, o ritual Yaokwa aparece como um símbolo da cultura que deve ser acolhida pelas instituições que tem como missão a preservação das manifestações de grupos sociais específicos, que compõem a pluralidade de uma sociedade. Diz ainda o documento citado no parágrafo acima, que a "humanidade empobrece quando se ignora ou se destrói a cultura de um grupo determinado" (ICOMOS).

É importante que se leve em conta alguns aspectos desse Pedido de Registro. O primeiro deles é a contribuição para o reconhecimento da diversidade cultural do país. O ritual Yaokwa tem uma singularidade por mostrar uma prática cultural ancestral, pouco conhecida, dando ênfase às contribuições indígenas na formação da identidade nacional.

Outro ponto relevante é que se trata de uma oportunidade de se captar tal prática em seu estado, ainda com grande integridade. É possível que, após o contato com culturas externas a partir da década de 1970, o povo Enawene poderá receber influências que, ao interagir com suas tradições, venham a provocar transformações na própria concepção de mundo contida nas suas manifestações. Assim, o Registro do Ritual neste momento poderá ter um papel fundamental no entendimento de um passado rico de significações típicas dos povos da floresta. O fato de tratar-se do terceiro registro de populações indígenas é emblemático. Demonstra a necessidade de maior valorização das culturas primordiais, um importante referencial na construção e compreensão da memória do povo brasileiro.

A cultura dos Enawene, descrita no Dossiê com riqueza de detalhes, evidencia que o Ritual é um ponto central onde estão realçados todos os aspectos sociais e espirituais, que se desenvolvem em um processo complexo de interação entre o homem e a natureza.

Embora sabendo que o registro não tem a competência de garantir a preservação do objeto do Ritual, nem das condições ambientais necessárias para sua continuidade, tem, com certeza, o papel de valorizar os saberes exercidos, acumulados e transmitidos por essas populações originárias.

Será louvável que as instituições responsáveis pelas questões indígenas e ambientais, entre outras, tenham ações afinadas que, compartilhadas pelos diversos setores, encontrem um modo de se harmonizarem e manterem o equilíbrio entre as mudanças estruturais da sociedade e a manutenção dos aspectos fundamentais das culturas tradicionais.

Considerando o reduzido tamanho da população, o pouco tempo de contato com comunidades externas e as consequências desta aproximação, convém o estabelecimento de salvaguardas que favoreçam, da melhor maneira possível, o exercício do ritual Yaokwa. Assim, entendemos a necessidade das medidas abaixo relacionadas:

- Incentivar a criação de espaços, nas esferas municipal e estadual, para a divulgação da cultura do povo Enawene Nawe (IPHAN 2010);
- Incentivar a inclusão da cultura Enawene Nawe nos conteúdos programáticos do sistema educacional, especialmente nas escolas da região;
- Considerar as especificidades do ritual Yaokwa, por ocasião do planejamento e execução das ações na TI dos Enawene, estabelecendo medidas mitigadoras e reparadoras dos impactos causados, quando estes forem inevitáveis;
- Criar grupo de trabalho para análise e encaminhamentos relacionados ao Plano de Ação: Propostas e Recomendações (Dossiê – folhas 550 a 552);
- Documentar todos os rituais dos Enawene Nawe, como forma de dar visibilidade de outros aspectos da cultura desse povo indígena;
- Melhorar a interação entre órgãos governamentais ligados às causas inerentes às populações indígenas (meio ambiente, educação e saúde), no sentido de fortalecimento do Estado para o enfrentamento dos problemas de forma pacífica, harmonizada e efetiva, juntamente com as entidades representativas da sociedade civil;
- Assegurar assistência médica diferenciada, harmonizada com os hábitos e saberes tradicionais, bem como as especificidades dos povos indígenas;
- Articular com os órgãos responsáveis, para que sejam respeitados os rituais e celebrações, garantindo aos indígenas a tranquilidade necessária para o exercício legítimo de suas crenças;
- Proporcionar a elaboração do Plano de Gestão da Terra Indígena e o Plano de Manejo da Estação Ecológica Iquê, levando-se em conta os aspectos socioculturais da área sobreposta (UC e TI);
- Recomendar que os órgãos e entidades responsáveis pelo monitoramento e fiscalização das Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs), localizadas nas proximidades da TI dos Enawene Nawe, cuidem para que os empreendedores adotem tecnologias que minimizem os impactos ambientais, ao mínimo possível, como forma de garantir para as atuais e futuras gerações a continuidade da existência deste importante ritual que ora se propõe registrar.

3. CONCLUSÃO

Diante do exposto, este parecer é pela aprovação da proposta, encaminhando para a Inscrição do Ritual Yaokwa, do Povo Indígena Enawene Nawe como Patrimônio Cultural do Brasil no Livro de Registro das Celebrações.

Brasília, 15 de outubro de 2010.

Heloísa Helena Costa Ferreira
Conselheira

ANEXO 2
CERTIDÃO DE REGISTRO

Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

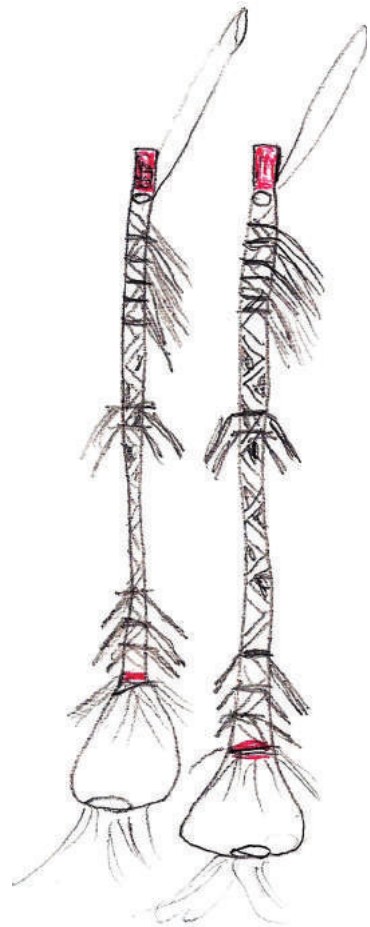
CERTIDÃO

CERTIFICO que do Livro de Registro das Celebrações, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número três mil quinhentos e cinqüenta e um, de quatro de agosto de dois mil, consta à folha quatro, o seguinte: "Registro número três. Bem cultural: Ritual Yaokwa do povo indígena Enawene Nawe. Descrição: O Ritual Yaokwa é considerado a principal cerimônia do complexo calendário ritual dos Enawene Nawe, povo indígena de língua Aruak, cujo território tradicional e Terra Indígena estão localizados na região noroeste do estado de Mato Grosso. Com duração de sete meses, este ritual define o princípio do calendário anual Enawene, quando se dá a saída dos homens para a realização da maior de suas pescas - a pesca coletiva de barragem. O Ritual Yaokwa estende-se durante o período da seca, época marcada pelas interações com os temidos seres naturais do patamar subterrâneo, os *Yakairiti*. Na perspectiva nativa, estes seres estão condenados a viver com uma fome insaciável e precisam dos Enawene Nawe para satisfazer seu desejo voraz por sal vegetal, peixe e outros alimentos derivados do milho e da mandioca. Assim, os Enawene Nawe devem estabelecer uma relação de troca constante com esses espíritos para manter a ordem social e cósmica, trocas estas que ocorrem por meio de um complexo ciclo ritual que se distribui ao longo do ano. Para a realização deste ritual, o povo Enawene Nawe se divide entre os *Harikare* e os *Yaokwa*, em conformidade com os clãs que organizam sua sociedade Os Harikare são os anfitriões, ou seja, os responsáveis pela organização do ritual e, como tais, permanecem na aldeia junto às mulheres, devendo preparar o sal vegetal, cuidar da lenha, acender o fogo e oferecer os alimentos, assim como limpar o pátio e os caminhos. Já os *Yaokwa* são os pescadores, que partem em expedições para acumular uma grande quantidade de peixe defumado e, assim, poder retornar para a aldeia e oferecer a pesca aos

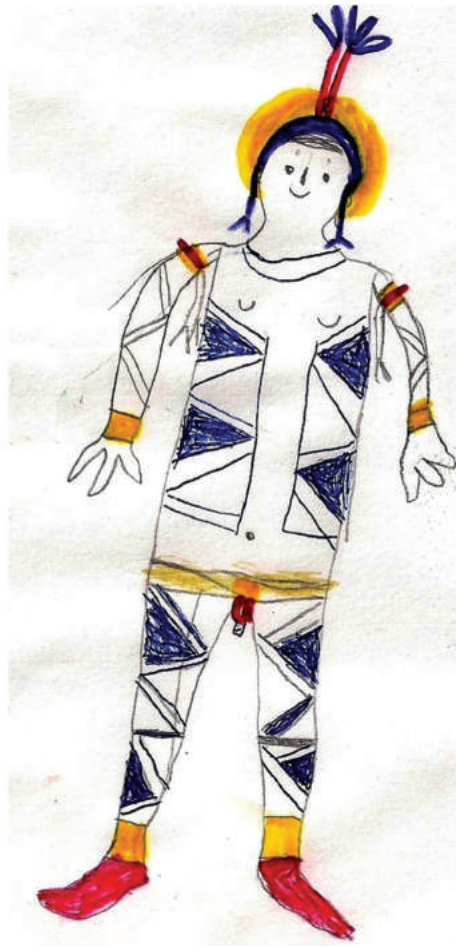
Yakairiti. O Ritual Yaokwa inicia-se em janeiro, com a colheita da mandioca e a coleta das matérias-primas, casca de árvore e cipó, para a construção do *Mata* - corpo central das armadilhas de pesca que deve ser acoplado às barragens a serem construídas nos rios. Neste período, realizam-se as primeiras oferendas de alimentos, cantos e danças aos *Yakairiti*. A pescaria do Ritual Yaokwa é organizada com a divisão da aldeia em nove grupos rituais de acordo com os clãs e com o conjunto de espíritos *Yakairiti* a que estão vinculados. Os pescadores, tendo removido os adornos que os identificam como humanos e se dividido em grupos, partem então para acampar às margens de rios de médio porte: rio Joaquim Rios (*Tinuliwina* e *Muxikiawina*), tributário do rio Camararé; rio Arimena e rio Preto (*Olowina* e *Adowina*), tributários do rio Juruena e rio Nambikwara (*Huyakawina*), tributário do rio Doze de Outubro. O momento exato da partida é indicado, principalmente, pela floração da gramínea *obã* (*Gymnopogo foliosu*) e pela fase lunar *Tonaytiri*. Estes sinais indicam o movimento migratório dos peixes das áreas alagáveis para as calhas dos rios, após a piracema. Chegando aos acampamentos, os pescadores dão início à construção da barragem de pesca, que deve seguir um procedimento rigoroso para evitar seu rompimento pela força da água. A pesca de barragem se baseia no mito de *Dokoi*, morto pelos peixes, cujo pai, *Dataware*, para vingar a morte do filho, arremessava paus nas águas dos rios, e esses se transformavam em barragens que passaram a funcionar como armadilha na captura dos peixes. A construção das barragens pelos Enawene Nawe os torna cúmplices dessa vingança. Nas barragens, a pesca dura dois meses e é orientada por homens mais velhos, conhecedores dos sinais emitidos pela natureza, que indicam cada etapa do rito. Em cada barragem, um ancião emissor de sopros e palavras poderosas, tendo o sal vegetal em mãos, volta-se para um dos pescadores, que representa os seres *Yakairiti*, oferece o sal como troca pelos peixes que os *Yaokwa* pretendem pescar com as armadilhas, e espera que esses seres conduzam os peixes até elas. O sal, então, é consumido, indicando que foi selada a parceria entre humanos e seres sobrenaturais. Com o estoque de peixes obtido, os pescadores se preparam para o retorno. No pátio da aldeia, eles representam os agressivos *Yakairiti*, enquanto os anfitriões representam os próprios Enawene Nawe, que os recepcionam aos pulos e gritos. Quando tudo parece se acalmar, as trocas iniciam-se: os pescadores entregam os peixes e recebem o sal vegetal e as bebidas de mandioca e de milho. Isto significa que a ira dos *Yakairiti* foi aplacada e que eles foram domesticados. Os anfitriões, em seguida, repõem nos pescadores os adornos retirados, humanizando-os. Os peixes e os alimentos vegetais então produzidos e acumulados irão abastecer os banquetes festivos que ocorrerão diariamente ao longo de mais alguns meses, em noites iluminadas por fogueiras e

acompanhadas por cantos com flautas e danças. Orientado pela cosmologia Enawene e regulado pelos ciclos da natureza, o Ritual Yaokwa integra complexas relações de ordem simbólica e articula domínios distintos, porém indissociáveis e interdependentes da sociedade, da cultura e da natureza. Para que ele seja realizado, é necessário que se satisfaça um conjunto de elementos que estrutura, material e imaterialmente, performances específicas. Estes elementos envolvem determinadas condições ambientais que garantem a obtenção dos produtos animais e vegetais necessários à execução do rito. Engloba também um repertório de tradições orais, danças, cantos, instrumentos e outros saberes tradicionais. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.011160/2006-42 e anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre esta Celebração, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 65ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 5 de novembro de 2010". Data do Registro: 5 de novembro de 2010. E por ser verdade, eu, Márcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 8 de novembro de 2010.

FLAUTAS OWAHARIO.
ALOWALIKASE ANIHIARE, 2008.



YAOKWA.
ALOWALIKASE ANIHIARE, 2008.



Este livro foi produzido no inverno de 2018 para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Foi composto nas tipografias Rosewood (títulos) e MrsEaves (textos), corpo 12/14.4, em papel couché matte 150 g/m (miolo).

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R615 Ritual Yaokwa do Povo Enawene Nawe / coordenação, Yêda Barbosa e Diego Simas – Brasília, DF : IPHAN, 2018.
144 p. : il. color. ; 25 cm. – (Dossiê Iphan ; 18)

ISBN:

1. Ritual indígena. 2. Yaokwa – ritual. 3. Enawene Nawe (povo). 4. Patrimônio imaterial. I. Barbosa, Yêda. II. Simas, Diego. III. Série.

CDD 980.41

Elaborado por Odilé Maria M. Viana de Souza CRB-1/2120.

IPHAN